

<..\..\Documents and Settings/Ricardo/Desktop/home.html>



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

ANTONIO RICARDO BELTRÃO FIRMINO

**O MANTO SAGRADO DE JESUS:
Uma Estratégia para a Recuperação da Cidadania**

JOÃO PESSOA

2008

ANTONIO RICARDO BELTRÃO FIRMINO

**O MANTO SAGRADO DE JESUS:
Uma Estratégia para a Recuperação da Cidadania**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento parcial às exigências para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Otília Telles Storni

JOÃO PESSOA

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

F525m Firmino, Antonio Ricardo Beltrão.

O Manto Sagrado de Jesus: uma estratégia
para a recuperação da cidadania/Antonio Ricardo
Beltrão Firmino.- João Pessoa, 2009.
122f.

Orientadora: Maria Otília Telles Storni

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

1. Espiritualismo. 2. Espiritualidade cristã. 3.
Recuperação da cidadania – Religião - ONGs. 4.
Religiosidade cristã – Grupo de Jovens – Fazenda
Hope.

UFPB/BC

CDU: 41.135(043)

ANTONIO RICARDO BELTRÃO FIRMINO

**O MANTO SAGRADO DE JESUS:
Uma Estratégia para a Recuperação da Cidadania**

DISSERTAÇÃO DEFENDIDA EM: _____

AVALIAÇÃO: _____

BANCA EXAMINADORA:

PROF^a. DR^a. MARIA OTILIA TELLES STORNI - ORIENTADORA

PROF. DR. MARIO MEDEIROS– EXAMINADOR CONVIDADO DA UPE

PROF^a. DR^a. GLÓRIA DAS NEVES DUTRA ESCARIÃO - EXAMINADORA

JOÃO PESSOA

2008

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos Educadores, cuja pedagogia, respaldada no cristianismo, tem alcançado a inclusão e recuperação da cidadania de jovens em situação de risco.

JOÃO PESSOA

2008

AGRADECIMENTOS

A Deus do qual dependo integralmente e ao qual consagro tudo e toda a minha vida;

A meu pai João Firmino do Nascimento e minha mãe Rosa de Lourdes Beltrão Firmino, com quem Deus dividiu a honra de Criador;

A professora Dra. Maria Otília Telles Storni pela orientação;

A todos os que fazem o Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB pela oportunidade, em especial nas pessoas da Secretária Maria, das Professora Dr^a. Neide Miele e Dr^a. Glória Escarião e dos Professores Dr. Carlos André e Dr. Severino Celestino pela solicitude com que sempre me atendeu aos questionamentos;

A minha companheira Sonaly, o grande amor da minha vida, que há duas décadas tem sido a inspiração para os meus maiores empreendimentos;

Aos meus filhos e filhas Toninho, Lívia, Arthur, André, Vítor, e Luíza pelo carinho e incentivo constantes;

Ao casal de primos-irmãos Fábio e Ana, por acreditarem e me fazerem crer que seria possível esta caminhada sob os auspícios de Nosso Senhor Jesus Cristo;

Aos demais colegas pioneiros deste mestrado oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba e todos os companheiros que anonimamente participaram com relevantes contribuições para o sucesso deste trabalho.

“Os planos falham por falta de conselhos, mas são bem sucedidos quando há muitos conselhos”. (Pv 15.22)

RESUMO

FIRMINO, Antonio Ricardo Beltrão (2009). **O MANTO SAGRADO DE JESUS: Uma Estratégia para a Recuperação da Cidadania**. 125 páginas. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba. Mestrado em Ciências das Religiões.

O objeto desta dissertação é o estudo das formas de atendimento dos jovens em situação de risco feitas por três instituições, uma pública laica e duas confessionais, que são Organizações Não Governamentais – ONGs - de cunho religioso cristão, sendo uma católica e outra protestante. O objetivo geral desta pesquisa foi: Analisar as formas de atendimento para a recuperação da cidadania e inclusão de jovens em situação de risco social e pessoal de três instituições educacionais, sendo uma pública e laica e duas religiosas, de João Pessoa/PB. Este universo de pesquisa foi organizado para fins de comparação, da seguinte forma: Grupo I, referente aos adolescentes atendidos pelo CFCMPS, que é a instituição pública laica, e Grupo II, que engloba os jovens atendidos pela Fazenda Hope e Grupo Jovens, que são as duas instituições religiosas católica e protestante, respectivamente. Constatamos que o atendimento do CFCMPS, que é de cunho laico e público, é falho, descomprometido e tem sérios problemas de falta de manutenção física e de higiene, e os resultados em termos de recuperação da cidadania e inclusão dos jovens acolhidos por este centro são nulos. Por outro lado, o trabalho pedagógico apoiado na religiosidade cristã da Fazenda Hope e Grupo Jovens é fundamentado pelo tripé da espiritualidade, trabalho e convivência harmoniosa dos jovens acolhidos por ela. Eles são estimulados a aceitarem e desejarem sua recuperação através da prática religiosa, trabalhos braçais e regras comportamentais rígidas, que são desenvolvidas em ambientes organizados e mantidos pelos próprios recuperandos, e, de acordo com os discursos destes jovens os resultados são considerados altamente satisfatórios. Os autores que inspiraram esta pesquisa foram: Mircea Eliade (1991), Weber (2007), Gadotti (1984), Zaluar (1997) entre outros.

Palavras-Chave: Espiritualidade cristã; Recuperação da cidadania; Inclusão.

ABSTRACT

FIRMINO, Antonio Ricardo Beltrão (2009). **Jesus' sacred mantle**: A Strategy for the Citizenship's Recovery. 125 pages. Dissertation (Master's degree). Universidade Federal da Paraíba. Master's degree in Sciences of the Religions.

The object of this dissertation is the study of the ways of the youths' attendance in risk situation done by three institutions, a public one and laic and two confessionals, that are Non Government Organizations – ONGs - of christian religious shape, being a catholic and other protestant. The general objective of this research was: to analyze the attendance forms for the recovery of the citizenship and youths' inclusion in situation of social and personal risk of three educational institutions, being a public one and laic and two religious, of João Pessoa/PB. This research universe was organized for ends of comparison, in the following way: Group I, referring the adolescents assisted by CFCMPS, that is the laic public institution, and Group II, that includes the youths assisted by Hope Farm and Youth Group, that they are the two religious institutions Catholic and Protestant, respectively. We verified that the attendance of CFCMPS, that belongs to laic and public shape, is fail, disengaged, and has serious problems of lack of physical maintenance and hygiene, and the results in terms of recovery of the citizenship and the youths' inclusion received by this center are null. By other side, the pedagogical work well-founded in christian religiosity of Hope Farm and Youth Group is based by the tripod of the spirituality, work and the youths' harmonious coexistence that is received by her. They are stimulated to they accept and wish your recovery through the religious practice, manual works and hard and rigid behaviorals rules, that are developed in organized environment and maintained by the own young people in recuperation, and, in agreement with the speeches of these young ones whose results are considered highly satisfactory. The authors that inspired this research were: Mircea Eliade (1991), Weber (2007), Gadotti (1984), Zaluar (1997) among others.

Key-words: Christian Spirituality; Citizenship's Recovery; Inclusion.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO METODOLÓGICA	13
1.1 OBJETO DE ESTUDO	14
1.2 OBJETIVOS DE PESQUISA	18
1.3 QUESTÕES METODOLÓGICAS	19
1.4 UNIVERSO DE PESQUISA.....	27
1.4.1 O CFCMPS: UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL PÚBLICA E LAICA..	27
1.4.2 FAZENDA HOPE: UM CENTRO DE RECUPERAÇÃO	28
1.4.3 GRUPO JOVENS: UMA ORGANIZAÇÃO FILANTRÓPICA	30
CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	32
2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO RELACIONADA ÀS IDÉIAS RELIGIOSAS	33
2.2.A QUESTÃO DA EXCLUSÃO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA DOS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO	41
CAPÍTULO 3 – DADOS EMPÍRICOS: O DISCURSO DOS JOVENS DO GRUPO I E GRUPO II	64
3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS ENVOLVIDOS NESTA PESQUISA	65
3.1.1 CARACTERÍSTICAS DOS JOVENS DO GRUPO I	65
3.1.2 CARACTERÍSTICAS DOS JOVENS DO GRUPO II	68
3.2 PERCEPÇÕES DOS JOVENS PESQUISADOS SOBRE O ATENDIMENTO QUE RECEBERAM DAS INSTITUIÇÕES.....	71
3.2.1 PERCEPÇÕES DOS JOVENS DO GRUPO I.....	71
3.2.2 PERCEPÇÕES DOS JOVENS DO GRUPO II.....	79
3.3 COMPARAÇÃO DAS FORMAS DE ATENDIMENTO DOS JOVENS DO GRUPO I E GRUPO II	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICES	107

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta dissertação tem como foco principal o estudo das formas de atendimento de jovens em situação de risco em uma instituição educacional pública e duas outras que são de cunho religioso católico e protestante. A função das três instituições é a de atuarem no processo de inclusão e recuperação da cidadania de adolescentes drogaditos e envoltos em práticas delituosas, já que são vítimas de abandono familiar e vivem nas ruas, o que sempre implica na marginalização e exclusão social dos mesmos. O local da pesquisa foi a Grande João Pessoa/PB.

Foram colhidos os discursos dos próprios adolescentes sobre as formas de atendimento que vivenciaram nessas três instituições educacionais, que serão citadas por nomes fictícios, sendo uma estatal – CFCMPS -, do município de João Pessoa/PB, e as outras duas – Fazenda Hope e Grupo Jovens - mantidas por Organizações Não Governamentais – ONGs – de natureza religiosa: uma protestante e uma católica. Concluímos que as práticas educacionais religiosas apresentaram um alto índice de recuperação da cidadania dos jovens acolhidos pelas instituições confessionais, ao passo que na instituição pública o resultado é nulo em termos de inclusão e preparação educacional.

Este trabalho está organizado em três capítulos além destas considerações. O primeiro aborda as questões metodológicas, tais como a justificativa, objetivos e as técnicas e métodos da pesquisa, além da apresentação sumária das instituições envolvidas neste trabalho empírico

No segundo capítulo apresentamos a nossa delimitação teórica que inspirou a coleta e análise dos dados. No terceiro capítulo estão os dados empíricos secundários e resultantes da pesquisa de campo que foi feita para esta dissertação. Nas Considerações Finais ressaltamos a eficácia da religiosidade como base educacional para a recuperação da cidadania e inclusão social dos jovens em situação de risco.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

1.1 OBJETO DE ESTUDO

A proposta deste trabalho é o estudo de experiências de **atendimento institucional** visando a inclusão social através da recuperação da cidadania de adolescentes e jovens com idades entre 13 a 18 anos e em situação de risco por estarem em situação de rua e terem envolvimento com práticas delituosas e consumo de drogas.

Ao ouvir as percepções e mergulhar na subjetividade desses marginalizados da sociedade, começamos a compreender, na prática educativa,

[...] algo que o século XIX não podia nem mesmo pressentir: que o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas que jamais poderemos extirpá-los. Valeria a pena estudar a sobrevivência dos grandes mitos [...]. Veríamos como, humildes, enfraquecidos, condenados a mudar incessantemente de emblemas, eles resistiram a essa hibernação, graças sobretudo à literatura (MIRCEA ELIADE, 1991, p. 7).

Com a motivação de combater todas as formas de discriminação contra as pessoas, não poderíamos deixar de perscrutar o cristianismo do contexto ocidental contemporâneo como ideário provedor das lutas contra as injustiças e valores de solidariedade, cidadania e dignidade humana.

Esta pesquisa se justifica pelo fato de já termos tido contato profissional com os meninos de rua atendidos numa das instituições aqui focalizadas. Nesta ocasião ficamos sensibilizados tanto com a situação dos jovens em situação de risco como pelo distanciamento dos educadores da mesma com relação a esses sujeitos. A nossa contribuição está na análise dos resultados da inspiração religiosa que compõe as práticas educacionais que fazem parte do atendimento oferecido aos jovens acolhidos por instituições confessionais.

Esta pesquisa também se justifica pela visibilidade que estamos dando ao fato de os técnicos e profissionais das instituições laicas do Estado e das suas políticas educacionais não se interessarem efetivamente pela inclusão desses jovens. Esta situação é causada pelo desencargo sofrível e distante de suas funções, acarretando um trabalho de baixo rendimento educacional que só ajuda a piorar a situação dos mesmos.

Para desenvolver esta pesquisa elaboramos alguns questionamentos: Poderia o cristianismo contribuir para a promoção cidadã dessas pessoas? Porque a inclusão social promovida por instituições religiosas tem maior índice de recuperação dos jovens em situação de risco num quadro de drogadicção? Como se desenvolvem as estratégias inclusivas nas práticas educacionais apoiadas em princípios religiosos cristãos?

A pesquisa em questão aborda uma questão ampla e de suma importância para a sociedade brasileira: a ausência de programas e instituições públicas estatais eficazes para recuperação de adolescentes em situação de risco e excluídos que vivem nas ruas, os quais, em sua maioria são usuários de drogas e envolvidos em delitos criminosos. A mídia sempre aborda os problemas e delitos deste segmento populacional, mas, as dificuldades de atendimento público dos adolescentes excluídos parece não interessar aos setores governamentais, que deveriam tentar pelo menos amenizar esta chaga social no Brasil.

Nosso universo de pesquisa é composto por adolescentes oriundos de uma instituição laica e governamental do município de João Pessoa, de onde evadiram e, de duas instituições mantidas por Organizações não-governamentais – ONGs -, que são representadas pela Fazenda Hope (nome fictício), de denominação católica, e o Grupo Jovens (nome fictício), de denominação protestante, sendo estas duas estabelecidas nas proximidades da Grande João Pessoa/PB. Ambas têm suas bases apoiadas na tradição cristã e, conseqüentemente, têm na espiritualidade sua principal motivação e estratégia educacional para recuperação da cidadania, onde o fenômeno da religiosidade – simbolizado aqui como o Manto de Jesus - está inserido no universo de jovens com necessidades especiais por estarem em situação de risco.

É através desse contexto de respeito por si mesmos e pelos outros, inclusive aos limites impostos e aceitos, que os jovens são estimulados a se incluírem e conviverem harmoniosamente com os outros membros da sociedade, tornando-se então responsáveis por si mesmos. É por causa destas práticas e ideários que esta pesquisa se torna importante, num mundo onde o sistema capitalista produz uma cultura baseada na individualização egocêntrica, vazia de valores cidadãos, sem ética e propostas de bem estar coletivo na sociedade.

Decidimos utilizar os dados secundários referentes à nossa pesquisa anterior (FIRMINO, 2007), que foi realizada em uma instituição pública e laica, cujas iniciais são formadas pelas letras CFCMPS, com as quais nos referiremos a ela daqui por diante neste trabalho. Esta instituição é pertencente ao município de João Pessoa/PB, e contraditoriamente estabelece como prioritária a busca efetiva da formação da cidadania de crianças e adolescentes, os quais devem integrar a rede de proteção social estatal que garante oportunidades de aprendizagens e de

realização pessoal. Mas, constatamos em nossas pesquisas que esta proteção não ocorre no trabalho educacional deste centro, como veremos nos dados empíricos.

No trabalho desta instituição laica foi escolhido um grupo de jovens evadidos que estava vivendo nas ruas da capital. Entretanto, considerando o contexto e visualizando a possibilidade de enriquecer a diversidade de dados, permitimo-nos entrevistar um jovem que compunha o grupo que ainda não havia sido acolhido nesse centro de formação cidadã do serviço público municipal, e que desejava muito vivenciar esta experiência.

Afora o baixo nível operacional dos equipamentos e da estrutura logística desta instituição laica, notamos que os educadores e outros profissionais, *de um modo geral*, não se envolvem afetiva e nem efetivamente pelo trabalho de atendimento inclusivo dos jovens, o que acarreta no desperdício de verbas e recursos que são investidos nesses estabelecimentos, já que os resultados - índices de inclusão dos educandos atendidos no CFCMPS - são praticamente nulos como veremos pelos dados empíricos.

É como se esses educadores e profissionais reproduzissem, talvez sem se aperceberem disso, as ideologias neoliberais globalizadas de exclusão do contexto capitalista atual, embora possam até expressar discursos contrários às mesmas. Explicando melhor, a falta de empenho e dedicação dos profissionais não contribui para que o destino desses jovens marginalizados, que vivem em situação de abandono familiar e social, seja modificado, e essa lacuna de um trabalho mais solidário, afetivo e efetivo pode aumentar o índice de criminalidade e de uso de drogas na sociedade atual ao invés de reduzi-los. Estamos, através desta pesquisa, dando visibilidade à simulação e falseamento do atendimento dos jovens excluídos por parte da instituição municipal e laica onde fizemos a primeira parte da nossa pesquisa.

Ao darmos vez e voz aos jovens em situação de risco social e de dependência química, nossa meta foi a de analisarmos suas falas sobre o atendimento que recebem para desenvolverem seus próprios processos de formação educacional e de inclusão social. Consideramos de importância crucial darmos também visibilidade ao trabalho da Fazenda Hope e do Grupo Jovens, cujo resultado, em termos de recuperação da cidadania, é oposto ao da instituição laica, já que esta última tem alcançado um índice de recuperação quase nulo em comparação com o que essas ONGs conseguiram conquistar. O diferencial que existe entre elas é o grau de eficiência e compromisso formal e informal dos seus profissionais, que por sua vez se apoiam nos valores do cristianismo, o que torna este trabalho uma inovação metodológica e tecnológica da educação, além do seu valor espiritual como um todo.

Apesar do entorno neoliberal excludente e desumano que cerca essas duas instituições educacionais religiosas, a pedagogia cristã evidencia a existência de um componente contraditório do capitalismo atual, ou seja, há valores que impulsionam a cidadania dos jovens excluídos, mesmo que haja, neste sistema, interesses contrários e por isso mesmo omissos das políticas públicas nacionais e locais.

Além disso, neste contexto cultural da pós-modernidade onde o individualismo e os valores materialistas-consumistas imperam, não há incentivo para a busca de um sentido de vida. Mas, quando as pessoas se apercebem num vazio de valores isso as impulsiona a buscar uma ética religiosa que lhes acolhe e lhes inclui. Em outras palavras, esse mundo laico, desigual e egocêntrico propicia o ressurgimento de instituições religiosas coletivizantes e solidárias.

É importante destacar aqui que consideramos o trabalho inclusivo de jovens excluídos como uma prática que abrange a espiritualidade no seu sentido amplo, pelo fato de envolver elementos que vão muito além das técnicas educacionais e uso de equipamentos materiais objetivos. Em outras palavras, a educação se relaciona com a transformação dos recuperandos visando o seu ajustamento na sociedade e futuro bem estar e qualidade de vida, não só individual como também no âmbito coletivo, onde se podem cultivar valores transcendentais e fraternos.

Para isso o trabalho com os jovens requer dedicação, envolvimento afetivo e interesse em promover, pela solidariedade e fraternidade, a cidadania dos excluídos e a recuperação da cidadania se dá gradativamente pela educação. É portanto, um trabalho de conscientização ética e de ensino profissional que prioriza, através da formação geral e aprendizagem para o trabalho produtivo, a convivência e respeito mútuo com as pessoas que compõem a sociedade que lhes envolve. Este é, no nosso entender, o sentido essencial da atividade da educação. É com base nessas reflexões que elaboramos os nossos objetivos de pesquisa, que serão apresentados a seguir.

1.2 OBJETIVOS DE PESQUISA

OBJETIVO GERAL:

Analisar as formas de atendimento para a recuperação da cidadania e inclusão de jovens em situação de risco social e pessoal em três instituições educacionais, uma laica e duas religiosas, de João Pessoa/PB.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS :

- Delimitar teoricamente a categoria da inclusão educacional e social voltada para os jovens em situação de risco;
- Apresentar, através de dados secundários, os discursos sobre o atendimento de uma instituição laica e pública de João Pessoa/PB que foram vivenciados pelos sujeitos que compõem o **Grupo I** desta pesquisa;
- Sistematizar, através de dados primários, os discursos sobre o atendimento de duas instituições confessionais que foram vivenciados pelos sujeitos que compõem o **Grupo II** desta pesquisa;
- Comparar os discursos dos jovens componentes dos dois grupos sobre as formas de recuperação da cidadania e inclusão desenvolvidas pelas instituições que os acolheram;
- Analisar o papel da religiosidade na recuperação da cidadania expressa nos depoimentos dos sujeitos acolhidos pelas instituições confessionais focalizadas nesta pesquisa;

1.3 QUESTÕES METODOLÓGICAS

A primeira parte deste trabalho de pesquisa foi baseada em dados secundários e documentais referentes às entrevistas e observações de **oito sujeitos jovens** em situação de risco que foram atendidos pelo CFCMPS (FIRMINO, 2007). Elaboramos também uma coleta de dados através de entrevistas e de observação de episódios de interações sociais e interpessoais de mais oito sujeitos de cada uma das duas instituições educativas/religiosas aqui focalizadas. Em suma, ao todo coletamos dados resultantes de entrevistas de 24 jovens em situação de risco e em tratamento. Neste tipo de pesquisa nos propomos a participar, compreender e interpretar as informações (CAMPOS, 2001).

A entrevista teve um roteiro de elaboração prévia, mas, durante o processo, em alguns momentos, quando o assunto assim o exigiu, as colocações foram adequadas à compreensão. Desta forma a classificamos, de acordo com Minayo (1997), como semi-estruturada.

Segundo a autora, por se tratar de importante componente da pesquisa qualitativa, a entrevista semi-estruturada merece destaque na pesquisa. Complementamos a definição da entrevista semi-estruturada com os dados de Bogdan e Biklen (1994) os quais enfatizam que este instrumento é mais usado em pesquisa qualitativa, que tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Sobre essa técnica Bogdan e Biklen (1994) lembram que a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam determinados aspectos do mundo.

Mais na frente os mesmos autores esclarecem:

Nas entrevistas semiestruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários *sujeitos*, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão. Se bem que esse tipo de debate possa animar a comunidade de investigação, a nossa perspectiva é a de que não é preciso optar por um dos partidos. A escolha recai num tipo particular de entrevista, baseada no objetivo da investigação. Para além disso, pode-se utilizar diferentes tipos de entrevista, em diferentes fases do mesmo estudo. Por exemplo, no início do projeto pode parecer importante utilizar a entrevista mais livre e exploratória, pois nesse momento o objetivo é a compreensão geral das perspectivas sobre o tópico. Após o trabalho de investigação, pode surgir a necessidade de estruturar mais as entrevistas de modo a obter dados comparáveis num tipo de amostragem mais alargada (BOGDAN e BIKLEN, 1994, pp. 135-136).

Logo, a informação contida na fala dos jovens foi coletada através da entrevista individual. Desta maneira, a entrevista se caracterizou como uma conversa a dois com propósitos bem definidos, ressaltando a importância da linguagem e do significado da fala (MINAYO et al, 1997), pois, os dados coletados foram, sobretudo, subjetivos em sua maioria, onde identificamos as opiniões, percepções e atitudes de cada um dos sujeitos entrevistados.

Também foi utilizada a estratégia da observação, na qual assistimos as atividades realizadas na instituição pública estatal e nas ONGs, em seus espaços internos e externos. Observamos os jovens, no intuito de obtermos informações sobre a realidade do ator social em seu próprio contexto. Foi a partir da aplicação da

observação que pudemos captar algumas importantes informações que seriam capturadas na entrevista.

Sobre a observação Laville & Dione (1999, p. 176, *itálico dos autores*) afirmam:

A observação como técnica de pesquisa não é contemplação beata e passiva; não é também um simples olhar atento. É essencialmente um olhar ativo sustentado por uma questão e por uma hipótese cujo papel essencial – é um *leitmotiv* desta obra (...) Não é, pois, surpreendente que a observação tenha também um papel importante na construção dos saberes, no sentido em que a expressão é entendida em ciências humanas. Mas para ser qualificada de científica, a observação deve respeitar certos critérios, satisfazer certas exigências: não deve ser uma busca ocasional, mas ser posta a serviço de um objeto de pesquisa, questão ou hipótese, claramente explicitado; esse serviço deve ser rigoroso em suas modalidades e submetido a críticas nos planos da confiabilidade e da validade.

Minayo (1999) nos lembra ainda que a participação do pesquisador na vida dos sujeitos pesquisados pode variar numa escala com dois extremos. Um deles é o pólo da participação plena, onde o pesquisador se insere inteiramente na vida da comunidade pesquisada, como o que ocorreu no CFCMPS, no qual fizemos um estágio de trabalho profissional. O outro extremo é o do distanciamento total do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa. Nós estivemos entre os dois extremos por diversos momentos, o que enriqueceu muito este trabalho.

Assim, ao pesquisarmos a primeira instituição, observamos as ações educativas e escutamos as histórias e depoimentos de jovens evadidos da referida instituição laica. Sobretudo, lá remontamos os efeitos de uma política pública cuja prática pedagógica constatamos não convergir com os princípios e teorias da Educação Inclusiva (FIRMINO, 2007). Continuando então o processo de investigação, nossa pesquisa constatou as práticas educacionais das instituições que utilizam os métodos educacionais apoiados em valores religiosos cristãos, aos quais denominamos simbolicamente como o “O Manto Sagrado de Jesus”, como estratégia para a recuperação da cidadania. Nelas pudemos verificar e vivenciar como se dá o processo de inclusão dos jovens antes excluídos e em fase de

recuperação, analisando os efeitos da pedagogia cristã para a promoção cidadã de jovens adolescentes.

Trata-se então de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que privilegia a interpretação dos dados, em lugar de apenas mensurá-los. Para Ludke e André (1986, pp. 18-21), “o estudo qualitativo (...) é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

A escolha de estudar o objeto à luz de uma abordagem qualitativa, deve-se a sua própria natureza que “está possuída de significados e relações que os sujeitos concretos criam em suas ações” (CHIZZOTI, 1991, p. 79). O que interessa é a qualidade e importância do fenômeno, sem contudo, descartar os dados quantitativos.

A partir daí, desenvolvemos a análise dos dados captados nesta técnica. Para tanto, procuramos interpretar as falas de oito jovens de cada instituição, à luz da Teoria Social do Discurso, de Fairclough (2001), com o intuito de saber qual a representação que elas dão às práticas institucionais, como vivenciam, aceitam, reagem e se percebem na complexa rede de estratégias situacionais às quais estão ligadas.

Ao utilizar o termo discurso, Fairclough (2001, p. 91) propõe levar em consideração o uso da linguagem como forma de prática social e não meramente como atividade individual ou reflexo de variadas situações: “O discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações especificadas em instituições particulares, como o direito e a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções”.

Assim, há de se levar em conta que a constituição discursiva da sociedade provém de uma prática social que está arraigada em estruturas sociais materiais e concretas. Nessa perspectiva, nosso trabalho de pesquisa consistiu em um princípio fundamental a ser perseguido nas análises dos dados oriundos dos discursos dos recuperandos e, em alguns casos já recuperados e incluídos socialmente, que foram entrevistados e que fizeram parte das instituições pesquisadas.

Analisar o discurso significa interpretar os sujeitos falando, levando em consideração a produção de sentido integrada à realidade social. Associada à noção de discurso encontra-se a noção de sentido, sendo compreendida como orientação dos significados. Os sentidos, nesta pesquisa, são frutos dos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução, isso porque a mesma palavra pode ter diferentes sentidos, dependendo do lugar e contexto ocupado pelos sujeitos que a

empregam: “A análise destina-se a evidenciar o sentido do discurso tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção. As condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação social” (CARDOSO, 2003, p. 22 **RICARDO, ESTE AUTOR NÃO ESTÁ NA BIBL. FINAL, PROVIDENCIE**).

Para Fairclough (2001), o discurso é considerado uma prática, não apenas de reprodução, mas de significado do mundo, instituindo e construindo o mundo em significados. Para ele há três aspectos dos efeitos construtivos do discurso. Primeiro, o discurso contribui para a construção das identidades sociais. Segundo, contribui para estabelecer relações sociais entre as pessoas e terceiro, contribui para a construção da linguagem e as dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo o discurso, que são denominadas por este autor de função identitária, função relacional e função ideacional.

Quando o autor se refere à prática discursiva ele diz que esta é constituída criativamente, e nesse sentido explica: “contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, sistemas de reconhecimentos e crença), como o é, mas também contribui para transformá-la” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22).

Na perspectiva da análise do discurso, o sujeito não é um ser humano individualizado, ou seja, ele é mais especificamente o *sujeito discursivo*, que é formado na interface da interação social, e tem em seu dizer muitas vozes, pois, caracteriza-se como sujeito polifônico, enfim, é constituído por uma heterogeneidade de discursos. A análise de discurso considera o sujeito como formado por diferentes vozes sociais, ou seja, o sujeito não é homogêneo, e seu discurso decorre do cruzamento de outros diferentes discursos.

Para Cardoso (2003) entender o sujeito discursivo demanda entender as vozes sociais que estão inseridas em sua voz. A formação do sujeito discursivo é marcada por uma heterogeneidade decorrente de sua interação social com diversos segmentos sociais. Em nosso trabalho prestamos atenção não só “ao que se disse”, mas sobretudo, “o *como* foi dito”, que indica um ponto de vista ideológico que foi recuperado através da intertextualidade, que por sua vez nos dá um maior esclarecimento sobre as intenções de quem fala. Nos termos de Orlandi (2001, p. 30) confirmamos:

Os dizeres não são [...] apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão, de alguma forma, presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, com as condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que foi dito ali, mas também em outros lugares, assim também, como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não o foi. Desse modo, as margens ao dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 2001, p. 30).

O autor reafirma esse ponto de vista quando assegura que o dizer não é propriedade particular, pois, as palavras não são nossas. As ponderações sobre o discurso, sentido e sujeito, remetem-nos à reflexão sobre transformações sociais que são marcadas pela história, e essas mesmas transformações colaboram para a formação de diferentes discursos. Toda e qualquer forma discursiva apresenta, inerente a ela, a presença de outros discursos e, a isso, a análise de discurso chama de interdiscurso.

O conhecimento da Teoria Social do Discurso proposta por Fairclough (2001), torna-se imprescindível ao nosso trabalho na medida em que nos sugere estudar em profundidade, não somente o papel da linguagem na reprodução das práticas sócio-educativas e das ideologias, mas, sobretudo, o seu papel essencialmente necessário para a transformação social.

Em relação à qualificação dos sujeitos entrevistados, foi correspondente a oportunidade e aos fins a que nos propúnhamos naquele momento para a pesquisa. Então, na CFCMPS entrevistamos sete adolescentes evadidos e um que se incluía no grupo, sendo dois do sexo feminino e seis do sexo masculino, somando um total de oito jovens. Nas duas outras instituições aqui focalizadas, as de educação apoiada na religiosidade – a Fazenda Hope e o Grupo Jovens -, também entrevistamos oito sujeitos recuperandos em cada uma das duas instituições. Todos têm idades entre treze a vinte e cinco anos e níveis de escolarização diversificados, desce a situação de pré-silábicos até o fundamental completo.

Na pesquisa de campo da primeira instituição, a observação dos sujeitos foi feita primeiramente no interior da mesma, e depois as entrevistas foram feitas de um a um nas ruas, na medida em que encontrávamos os sujeitos pesquisados. Cabe ressaltar que, por vezes, foi necessário fazer as entrevistas em mais de uma etapa, considerando o estado de vulnerabilidade dos sintomas de drogadição em que se encontravam.

O roteiro das entrevistas – vide apêndice 1 - foi construído com base em oito princípios de educação inclusiva que consideramos como essenciais para orientar a elaboração das perguntas. A inspiração do roteiro foi oriunda de Mantoan (2003) com acréscimos nossos. Os referidos princípios serão apresentados a seguir:

Contextualização - As atividades são vinculadas às experiências e interesses dos alunos, integrando saberes decorrentes da transversalidade curricular;

Cidadania - Construção coletiva das normas (Direitos e Deveres), estimulando o espírito crítico no exercício da verdadeira cidadania;

Descentralização – Incentivo das tomadas de decisões e de fluxos de informação e recursos, tendo como base a solidariedade e a colaboração no processo educativo.

Pedagogia dialógica - Passar de ensino transmissivo para uma pedagogia ativa e interativa, valorizando a capacidade de entendimento que cada educando tem do mundo e de si mesmo;

Equidade - Garantir o atendimento educacional especializado na instituição acolhendo a todos, independente de suas condições individuais, oferecendo mais a quem tem menos;

Diversidade - O respeito e a valorização da diferença, entendida como fonte de enriquecimento e de oportunidade para o aperfeiçoamento e aprendizagem.

Avaliação Continuada - Jamais considerar a prova final como decisiva na avaliação do rendimento escolar do aluno;

Visão Sistêmica – Organização do conteúdo das disciplinas interrelacionando-o com o das outras disciplinas e expedientes de rotina das atividades, formando redes de conhecimento, ambientes polissêmicos, considerando ainda a realidade e identidade sócio-cultural.

Esta pesquisa teve dois momentos. No primeiro, em 2006, coletamos os dados do CFCMPS que foram utilizados para uma monografia de especialização que fizemos, e num segundo momento, já objetivando o estudo atual, captamos as oito entrevistas de cada uma das duas instituições confessionais durante o primeiro semestre de 2008. No entanto, a última etapa de coleta de dados foi diferente da primeira fase da pesquisa de campo, por serem organizações não-governamentais e de natureza religiosa católica e evangélica, ou seja, transcorreu nas dependências das mesmas e de modo mais facilitado e com uma visível disposição dos técnicos em ajudarem ao pesquisador.

Também nestas duas instituições religiosas foi feita a aplicação do mesmo instrumento - entrevista do tipo semi-estruturado -, que se deu de maneira mais prática em função de os sujeitos não estarem evadidos e não estarem em estado alterado de consciência, como ocorreu na primeira etapa de pesquisa, com os jovens que foram atendidos pela instituição educacional laica.

Em todas as três instituições, sempre, após as apresentações iniciais, relatamos com toda a clareza necessária e possível, os objetivos e os passos da pesquisa, deixando os sujeitos totalmente à vontade e informados da finalidade do estudo, além de ressaltar a confidencialidade dos dados.

1.4 UNIVERSO DA PESQUISA

1.4.1 O CFCMPS: UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL LAICA

De posse de uma apostila digitada e não publicada do arquivo bibliográfico do CFCMPS anotamos que sua fundadora nasceu no sítio Olho D'água, em Pombal/PB, em 18 de julho de 1950. Integrava uma família humilde, de quatro irmãos, e seu pai era agricultor e sua mãe cuidava dos filhos e também ajudava o marido no trabalho da roça. O seu exemplo de vida, fortaleza e luta por um futuro melhor para crianças e adolescentes mostrou que somos capazes de ajudar os outros com amor e trabalho, o que faz a diferença para os que estão à margem da sociedade:

(...) Temos ciência de que nossa luta não vai parar por aqui, muitas pedras, espinhos e barreiras haveremos de enfrentar. Porém, temos que pedir ao nosso Deus, que tudo pode, para não nos deixar sozinhos, nesta caminhada. Bem como, mais do que nunca, necessitamos do apoio fraterno de todos vocês que sabem e vivenciam o nosso dia-a-dia” (PEREIRA, Margarida, dezembro/1999, p. 7).

Segundo ainda os dados registrados pelo próprio CFCMPS, que é situado no município de João Pessoa/PB, desde o ano de 2005, quando o município assumiu este centro de formação cidadã, a Secretaria de Desenvolvimento Social e a Secretaria de Educação e Cultura, ambas representadas por técnicos do município, definiram como prioritário para esta instituição “Concretizar uma efetiva formação da cidadania de crianças e adolescentes, integrando a rede de proteção social, garantindo oportunidades de aprendizagens e de realização pessoal”.

O CFCMPS atende, em caráter rotativo, aproximadamente cem crianças e adolescentes, entre meninos e meninas, visando a inserção desses em outros espaços da sociedade, através da inclusão no sistema formal de ensino, da iniciação ao empreendedorismo e da formação humana na cidadania. Este centro foca suas ações em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e que estão nas ruas de João Pessoa, sendo que algumas vezes são oriundas de outras cidades, e, quando não vão por conta própria, são “resgatadas” pela Polícia Militar e Civil e/ou pela comunidade, depois de serem encaminhadas ao Conselho Tutelar de Menores.

O Conselho Tutelar procede ao encaminhamento a um órgão da Secretaria de Desenvolvimento Social do município – SEDES. A SEDES coordena algumas casas: A Casa Lar, a Casa de Acolhida e a Casa de Passagem - onde se desenvolvem algumas atividades de “reavivamento” do conceito familiar no período noturno e final de semana. O CFCMPS – é onde a política de atendimento às crianças e adolescentes se consolida em um projeto que se subdivide em sócio-educativo e pedagógico. O trabalho sócio-educativo fica sob a responsabilidade da SEDES e o pedagógico aos cuidados da Secretaria de Educação Cultura e Esportes, e ambos ocorrem durante a semana, de segunda à sexta-feira, em horário integral das 7:30 as 17:00 h, abrangendo atividades internas e externas com letramento, artes e esportes. Seu sistema de avaliação, segundo a coordenadora pedagógica, é qualitativo, ou seja, não há provas como no sistema escolar regular.

Lançamos um olhar minucioso sobre as significações das crianças e adolescentes assistidas pelo projeto político-pedagógico do CFCMPS, quanto às diretrizes de educação, os tipos de atividades e avaliações desta instituição em 2006. Retornamos em 2008 e não identificamos mudanças significativas, além da transferência do espaço físico. Além dessas informações observamos também o resultado nulo em termos de inclusão dos jovens atendidos por esta instituição.

1.4.2 FAZENDA HOPE: UM CENTRO DE RECUPERAÇÃO

Durante o transcorrer do nosso trabalho de pesquisa, tivemos acesso ao arquivo bibliográfico e de folhetos apócrifos e sem data de publicação, de onde pudemos colher os seguintes dados: A Fazenda Hope é um centro para recuperação de dependentes de drogas criado pelo Frade Franciscano Hans Stapel em 1979 no município de Guaratinguetá, estado de São Paulo. Funciona, atualmente, com sedes em vários estados do Brasil, Nordeste e até no exterior, tal é o sucesso que tem alcançado em termos de recuperação dos jovens atendidos por esta instituição. Na Paraíba há dois destes centros e nossa pesquisa foi dirigida para o que existe mais próximo de João Pessoa/PB.

Verificamos ainda nos seus arquivos institucionais que a Fazenda Hope nasceu numa esquina, em Guarujá/SP. Nelson Rosendo, um membro ativo da Paróquia da Glória, cujo responsável era Frei Hans Stapel, encontrava-se quase diariamente com jovens usuários de drogas e isso não passaria despercebido pelo frei. Meses depois dos primeiros contatos, Antonio, o primeiro recuperante, pediu

ajuda e Nelson o trouxe à vida paroquial. Muitos fariam o mesmo pedido de ajuda, seguindo pelo mesmo caminho, que se tornou parte essencial do modelo de atendimento para muitos jovens que não tinham mais esperança de se verem livres da drogadição, criminalidade e exclusão, que sempre andam junto com as drogas e os exclui.

Frei Hans Stapel é um alemão que nasceu no fim da 2ª guerra mundial. Crescido num ambiente de pobreza, mas muito católico, desde cedo sentiu o desejo de doar sua vida a Deus em trabalhos dedicados aos pobres. Em 1972 chegou ao Brasil onde queria se dedicar à Ordem Franciscana. Uma vez pároco de Guarinteguetá, viu nascer um projeto social que se tornaria uma comunidade de irmãos, uma obra aprovada pela igreja e um caminho espiritual para muitos. Espiritualidade, trabalho e vida em comunidade são os pilares que dão sustentação e dinamizam a recuperação dos dependentes da drogadicção:

- Espiritualidade – O aspecto mais importante numa fazenda onde se desenvolve o trabalho de recuperação dos drogados é a espiritualidade. É centrada na vivência concreta do Evangelho, de onde se extrai diariamente uma frase para ser colocada em prática. As experiências feitas com ela serão depois colocadas em comum durante a semana.
- Vida em Comunidade – Rompe o isolamento outrora determinante e cria vínculos, trazendo novamente o sentido de pertença e de família. Cada um pode assim ter seus dons valorizados e ser corrigido e incentivado naquilo que ainda pode melhorar.
- Trabalho – O lugar onde mais se vive a fé e o Evangelho é no trabalho, que assume contornos de auto-sustentação. É o elemento que traz de volta a dignidade do ser humano.

É importante notificar que os jovens acolhidos não são obrigados a se confinar na instituição, pois, os portões não são trancados nem as portas são fechadas com cadeados. Eles só vão para a fazenda quando escolhem fazer essa recuperação e assumem o compromisso de aceitarem as suas regras e limites depois de conhecê-los em todos os detalhes.

1.4.3 GRUPO JOVENS

Segundo a informação verbal dos próprios recuperandos, líderes e coordenadores, o Grupo Jovens é uma organização não governamental, de caráter internacional, interdenominacional, filantrópico e sem fins lucrativos. Foi fundada em 1960, nos Estados Unidos, por Loren Cunningham, quando teve uma visão de

grandes ondas do mar que se transformavam em jovens que invadiam os continentes da terra, cujo significado foi atribuído à inclusão e proteção de adolescentes pobres e em situação de risco. O Grupo Jovens tem sua sede localizada no Havaí, sendo que atualmente realiza suas atividades em mais de 160 países, com o apoio de mais de dezoito mil voluntários. A presente organização se estabeleceu no Brasil em 1995, em Contagem/MG, e hoje atua em vinte estados brasileiros.

Na Paraíba, suas atividades vêm sendo desenvolvidas na cidade de Mata Redonda, onde, nessa localidade, foram criados centros de recuperação e inclusão de crianças e adolescentes em situação de risco que vivem e freqüentam as ruas, que, entre outras ações importantes, criou o programa de Telecurso 2000 e trabalhos comunitários.

Há décadas os jovens que querem desenvolver trabalhos de evangelização do mundo inteiro têm atingido os recantos mais distantes do planeta. Em João Pessoa/PB, esta instituição acolhe atualmente vinte adolescentes e jovens, que estão participando ativamente de um processo ensino-aprendizagem para desfrutarem de uma qualidade de vida melhor no presente e futuro. Este programa funciona através de atividades recreativas - jogos, gincanas -, artísticas - dança e teatro -, educacionais - escola e Telecurso 2000 -, e sócio-educativas - dinâmicas de grupos, palestras.

Afirma um dos antigos coordenadores do Grupo Jovens que “[...] hoje, após dez anos de seus trabalhos, o Grupo Jovens já recuperou aproximadamente duzentos adolescentes, sendo todos os resultados considerados como satisfatórios”. Segundo este mesmo coordenador, o Grupo Jovens desenvolve um programa de educação, espiritualidade, saúde física e lazer. Tem como alvo o evangelismo de rua, escolas de inglês, escola de informática, cursos profissionalizantes e visa a formação de seus internos e integração dos mesmos na sociedade, formando cidadãos com acesso ao trabalho profissional através de estágios feitos por convênios e parcerias com o setor empresarial.

Essas são as instituições que compõem o universo da nossa pesquisa primária e de dados secundários. Os demais detalhes da ação destas instituições serão melhor explicitados no capítulo 3 desta dissertação, quando caracterizaremos os sujeitos pesquisados, organizaremos e analisaremos os discursos coletados para esta dissertação. No capítulo a seguir apresentaremos os fundamentos teóricos desta pesquisa, atendendo ao primeiro objetivo específico supra-citado na metodologia deste trabalho.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo pretende-se dar visibilidade ao histórico da educação relacionada à idéias e práticas religiosas, bem como às questões teóricas da exclusão e inclusão através da recuperação da cidadania dos jovens em situação de risco.

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO RELACIONADA ÀS IDÉIAS RELIGIOSAS

Outrora, ao reafirmar os pressupostos construídos a partir de padrões homogêneos de participação e aprendizagem, a política educacional brasileira não criou uma reformulação das práticas educacionais de maneira que fossem valorizados os diferentes potenciais dos jovens, especialmente os adolescentes que vivem em situações de risco.

Entretanto, nos tempos atuais e em termos de legislação, o trabalho educacional brasileiro está muito bem amparado. A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96, no artigo 59, preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades. Também define, dentre as normas, a organização da “possibilidade de avanço de oportunidades educacionais apropriadas”, (art. 24, inciso V) “[...] considerando assim as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho [...]” (art. 37).

Já em 1999, o Decreto nº 3.298, que regulamenta a Lei nº 7.853/89, define a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, enfatizando a atuação complementar da educação especial ao ensino regular.

Acompanhando todo o processo de mudanças, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Resolução CNE/CEB nº 2/2001), no artigo 2º, determinam que: “Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos” (MEC/SEESP, 2001).

As Diretrizes Nacionais ampliaram o caráter da educação especial para realizar o atendimento educacional especializado complementar ou suplementar à escolarização, porém, ao admitir a possibilidade de substituir o ensino regular, não potencializa a adoção de uma política de educação inclusiva na rede pública de ensino prevista no seu artigo 2º.

Já o Plano Nacional de Educação - PNE, Lei nº 10.172/2001, destaca que “o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma instituição inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana”. Da mesma forma, a Convenção da Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956/2001, afirma que as pessoas têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais, definindo como discriminação toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais. Este Decreto tem importante repercussão exigindo uma interpretação compreendida no contexto da diferenciação adotada para promover a eliminação das barreiras que impedem o acesso de alguns segmentos dos educandos à cidadania.

Foi com base nesta legislação que compreendemos que a dimensão das práticas educativas reflete as duas outras instâncias: a da política e a da cultura inclusiva. Tal dimensão assegura que as atividades promovam a participação e o engajamento de todos. Ela deve considerar que os apoios se integram para orquestrar e superar as dificuldades de participação efetiva de todos nas práticas pedagógicas.

Antes de todas essas conquistas e normatizações, segundo Filoramo e Prandi (1999), desde os finais do século XIX, e em particular desde a segunda metade do século XX, o papel da religião, bem como seu número de aderentes, tem-se alterado

profundamente e influenciado grandemente nesse processo histórico. Alguns países cuja tradição religiosa esteve historicamente ligada ao cristianismo, em concreto os países da Europa, experimentaram um significativo declínio da religião e este fenômeno se manifestou na diminuição do número de pessoas que freqüenta serviços religiosos ou do número de pessoas que desejam abraçar uma vida ligada ao sacerdócio.

Entretanto, Filoramo e Prandi (1999) continuam afirmando que nos Estados Unidos, na América Latina e na África subsaariana, o cristianismo cresceu significativamente; para alguns estudiosos estes locais serão, num futuro não tão distante, os novos centros do cristianismo, pois essa tradição influencia cada vez mais a espiritualidade dos habitantes do mundo ocidental.

Assim, neste mundo ocidental, que também é marcado por práticas religiosas sincréticas e ligadas na pós-modernidade a uma "religião individual" que integra os chamados "novos movimentos religiosos" (FEATHERSTONE, 1995), o Brasil é um dos países mais religiosos do mundo. Aqui os evangélicos já somam algo em torno de 25% da população nacional, com perspectiva de chegar aos 50% em menos de 15 anos, onde surgem grupos que recorrem às práticas espirituais tanto para a recuperação pessoal quanto grupal e para o desenvolvimento do potencial humano.

Percebe-se que contra o prognóstico laicista ou secularista, a fé cristã sobrevive e vem dando mostras, nos últimos anos, de uma influência cada vez maior nos assuntos do planeta. Filoramo e Prandi (1999) concluem que, para um político ou estadista seria um erro muito perigoso ignorar ou legar a um segundo plano este fenômeno religioso. A temática em torno da religião, sobretudo aquela relativa aos aspectos simbólicos do cristianismo também tem tomado conta do debate político e, claro, não deixaria de se estender para as políticas educacionais e sociais de inclusão (FILORAMO & PRANDI, 1999).

Voltando para figuras e simbolizações de religiosidade natural, o cristianismo retoma virtualidades e poderes da psique.

[...] O pensamento simbólico faz 'explodir' a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la; na sua perspectiva, o universo não é fechado, nenhum objeto é isolado em sua própria existencialidade:

tudo permanece junto, através de um sistema precioso de correspondências e assimilações (MIRCEA ELIADE, 1991, p. 172).

O cristão busca as simbolizações para o homem psíquico e para o seu microcosmo, relacionando-as aos ícones imanentes da fé e espiritualidade. No entanto, a realidade individualista da religiosidade atual nem sempre foi assim.

Houve um movimento que começou no século XVI com uma série de tentativas de reformar a Igreja Católica Romana e levou subsequente ao estabelecimento do Protestantismo. Esse movimento resultou na divisão da Igreja do Ocidente entre os "católicos romanos" de um lado e os "reformados" ou "protestantes" de outro; entre esses, surgiram várias igrejas, das quais se destacam o Luteranismo (de Martinho Lutero), as igrejas reformadas e os Anabatistas (GORDON e STUART, 1986).

A Reforma teve um intuito moralizador, colocando em plano de destaque a moral do indivíduo (conhecedor agora dos textos religiosos, após séculos em que estes eram do domínio privilegiado dos membros da hierarquia eclesiástica). Suas principais figuras foram John Wyclif (1320-1384), Jan Huss (1370-1415), Martinho Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564). A resposta da Igreja Católica Romana foi o movimento conhecido como Contra-Reforma (GORDON e STUART, 1986).

O biógrafo de João Calvino, o francês Bernard Cottret (citado por GORDON e STUART, 1986, pp. 33-36), escreveu: "O Concílio de Trento (1545-1563), trata-se da racionalização e reforma da vida do clero". Segundo o autor, a Reforma Protestante é para ser entendida num sentido mais extenso: ela denomina a exortação ao regresso aos valores cristãos de cada indivíduo". A Reforma redescobriu o papel de o próprio indivíduo poder se chegar diretamente a Deus, e obter o perdão e a sua salvação, sem a mediação de um ministro eclesial. Proclama-se, com a Reforma, que o homem seria salvo pela fé e não por obras da carne.

Assim, um elemento comum às igrejas que surgem da Reforma Protestante é esta centralização na salvação do indivíduo para a qual todos deveriam ser educados com base numa formação cristã:

“A reforma cristã, em toda a sua diversidade, aparece centrada na teologia da salvação. A salvação, no Cristianismo, é forçosamente algo de individual, diz mais respeito ao indivíduo do que à comunidade”. Este aforismo de Lutero do ano 1531 caracteriza bem a importância da história pessoal de cada um para a causa reformadora. Lutero não é nenhum fundador de um império, ele é um monge em busca da sua salvação. Como Pierre Chaunu mostrou de forma extraordinária, “não se trata de uma questão da Igreja mas de uma questão da salvação (W. ELWELL, 1990, p. 125).

O resultado deste movimento religioso é uma mais fervorosa observação dos princípios morais cristãos tais como eles estão expressos na Bíblia. Os movimentos de zelo religioso que têm lugar na Europa do século XVI são para ser entendidos no contexto do efeito multiplicador e educacional iniciado pela invenção da imprensa por Gutemberg no final da Idade Média e início do Renascimento.

Se a Bíblia não estivesse agora acessível a cada um, traduzida nas línguas e dialetos locais, compreensível aos europeus e outros povos, tal como ela começou a surgir no século XVI, tal zelo religioso não teria sido possível. Anteriormente ao século XVI, a Bíblia Sagrada era um manuscrito em Latim - que era uma língua dominada por uma minoria - do qual havia poucas cópias, que se encontravam fechadas nos conventos e nas igrejas, e lidas apenas por uma elite eclesiástica. A grande maioria da população nunca a tinha lido. No século XVI, ela já estava disponível em grandes números e nas línguas e dialetos locais (J. JEREMIAS, 1977). Segundo este autor, hoje é o livro mais lido do mundo.

Segundo Eby (1978), Lutero, ao se indispor com a teologia católica romana e afixar as suas noventa e cinco teses na catedral de Wittenberg, na Alemanha, rompeu com a liderança do Papa cuja autoridade espiritual era também política. Para a difusão de suas novas idéias quanto ao ensino religioso, Lutero concluiu que a difusão desses novos ensinamentos que a Bíblia oferecia somente seria possível através de pessoas letradas.

A Igreja Católica, em conjunto com os reis e príncipes, mantinha escolas catequéticas, onde o ensino do Latim era a base de sua educação. Diferentemente da educação católica vigente daquele momento no século XV, Lutero precisava urgentemente de uma reforma do ensino, caso contrário suas novas doutrinas

religiosas não seriam bem sucedidas e conseqüentemente não teriam o apoio popular.

Este líder passou, então, durante vários anos, a discutir a educação com muita freqüência, especialmente em seus discursos, sermões, debates, cartas, comentários e outras obras. Ao escrever a “Liberdade de um Homem Cristão” ele exprimiu o crescente sentimento de independência individual que estava nascendo na Alemanha e demais povos da Europa. Ao publicar o tratado “Sobre o Cativo Babilônico da Igreja”, Lutero atingiu em cheio a base da doutrina católica, pois, o escrito tratava de uma destruidora denúncia das doutrinas e práticas do papado, marcando assim sua completa cisão com a hierarquia romana (EBY, 1978).

Com todas essas denúncias o caos se instalou nas escolas da época e os pais dos alunos começaram a retirar seus filhos das escolas católicas, temendo estar preparando-os para uma vida temerária do ponto de vista religioso, pois, Lutero afirmava que as escolas católicas eram as “grandes portas do inferno”. Lutero então investiu tempo, leitura e sua influência entre os Príncipes da região Alemã, na formatação de uma escola voltada para a recuperação das Escrituras através do conhecimento das línguas grega e hebraica e do latim. Divulgou, também, a revelação das falsas pretensões e males do papado e a volta do saber do mundo antigo (EBY, 1978).

Segundo Frederick Eby (1978, p. 59): “Assim como o movimento reformador, ao menos entre os líderes, começou com uma disputa científica sobre os fundamentos das doutrinas da Igreja, também a futura existência de nova Igreja e a posse de armas científicas na batalha pelo verdadeiro credo, e, para este objetivo, o conhecimento das três línguas antigas era absolutamente necessário”. Lutero entendia que a divulgação e a preservação dos Evangelhos dependiam das línguas antigas.

Na efervescência dessa disputa político-religiosa surge a figura de João Calvino, um advogado recém-convertido ao Evangelho pregado por Lutero, que aceitou as práticas da fé protestante, dizendo, ele próprio, ser um “predestinado de Deus”. Com o aparecimento de Calvino ocorre uma revolução mental e espiritual. Conquanto na sua ideologia a soberania de Deus era o centro de todo o fundamento

Bíblico, o ser humano, por ser criatura de Deus, ocupava uma dupla cidadania, a do reino dos Céus e a do reino da Terra.

Segundo Eby (1978), a principal diferença entre o calvinismo e os outros movimentos cristãos protestantes e não protestantes é a maneira peculiar em que, no calvinismo, a fé cristã se relaciona com a cultura humana, a vida e o mundo que nos cerca. Este foi e continua sendo um ideário que não respeitou as fronteiras nacionais ou tradicionais e buscou o apoio dos povos de vontade forte, convicção individual e poderosa visão racional.

De acordo com Weber (2007, p. 181): “O calvinismo foi historicamente um dos portadores da educação para o espírito capitalista”. Embora este autor não fosse um teólogo, entendeu e ressaltou a exegese que Calvino fez dos textos bíblicos e a relacionou ao desenvolvimento capitalista, e esta foi a sua mais importante contribuição da sua vasta obra. Weber (2007) mostrou como Calvino interpretou o uso adequado do dinheiro e sua capitalização expressa no texto bíblico de Mateus(25, Vs.de 14 a 30).

Nessa parábola Jesus mostra que certo homem ao se ausentar do país repartiu seus bens aos seus servos, dando a um cinco talentos, ao outro dois talentos e ao outro um talento. O último foi condenado como servo infiel, não por ter roubado o que ganhara, mas, porque lhe devolvera o mesmo talento sem nenhum acréscimo produzido. Segundo este mesmo autor, a riqueza em Calvino não é elemento impeditivo para se alcançar a vida eterna, e sim, deve ser um instrumento para a ação social daqueles que conseguiram, através do trabalho honesto, acumulá-la. Como se pode ver, através da educação calcada nos princípios cristãos, as pessoas, especialmente os educandos, podem se inserir na sociedade de modo produtivo e autônomo.

Segundo Weber (2007), a ética protestante em muito ajudou e fomentou a acumulação de riquezas, sendo por isso um dos maiores vetores do capitalismo da modernidade. Todavia não se pode dizer que o protestantismo inventou o capitalismo, pois esse argumento seria reducionista e desprezaria a história econômica do mundo. O que Weber (2007) destacou foi a forma como os reformadores viveram, ou seja, na simplicidade espartana e até humilde do

ascetismo protestante. Eles advogaram também a simplicidade de vida para os seus seguidores e condenaram a riqueza com ostentação. Note-se que esses seriam os princípios cristãos da educação dirigida para a inclusão dos jovens em situação de risco das instituições confessionais desta pesquisa.

No contexto calvinista esse ideário não poderia ser diferente, dado que a origem de Calvino e de vários outros protestantes é humilde. Sua ascensão deveu-se a um desses acontecimentos raros em que a burguesia resolve proteger famílias e daí para frente o que se vê geralmente é o aparecimento de grandes e ilustres figuras que o protegeram no começo da sua história de vida educacional e profissional. Foi através dessas ajudas que ele se fixou em Paris para completar seus estudos, onde inclusive, veio a formar amizades com pessoas influentes da cultura parisiense. Foi com base em sua própria história de vida que Calvino se preocupou em criar escolas dentro de um plano educacional dos pobres.

De acordo com Eby (1978), devem-se acentuar, ainda, duas verdades: 1. O capitalismo não tem sido um sistema pronto e acabado, uniforme. Há grandes diferenças entre os sistemas capitalistas dos séculos XVI e XVII e as suas modalidades nos séculos VIII e IX e o atual. 2. O pensamento social protestante não legitimou os desvios, excessos e aberrações do capitalismo industrial. Na verdade, o desenvolvimento do capitalismo nos países protestantes concorreu para tornar hegemônico o pensamento liberal democrático conservador a tal ponto que parece, aos menos avisados, ser essa a única herança evangélica no campo do pensamento econômico e social.

Segundo Eby (1978), a educação é a grande obra secular de Calvino, que, à semelhança do reformador Lutero, afirmava que não se deviam criar escolas iguais às que existiam nessa época, onde um menino ou menina se ocupava durante um longo tempo com estudos tão distantes da realidade que ao final nada aprendiam.

Dessa forma os reformadores calvinistas dão um testemunho claro de que nenhum pecado exterior pesa tanto sobre o mundo perante Deus e nenhum merece maior castigo do que justamente o pecado que se comete contra as famílias mal educadas, crianças mal nutridas e não alfabetizadas, como já lembrava Zweig (1947). Segundo este último autor, manter pessoas no atraso, ao sabor de uma

educação catequista, certamente que não fazia parte da visão calvinista de desenvolvimento do homem integral. Essas são as idéias usadas hoje nas instituições confessionais do Grupo II, que acolhe jovens em situação de risco.

2.2 A QUESTÃO DA EXCLUSÃO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA DOS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO

Dentro do contexto sócio-econômico atual de globalização os educadores conscientes procuram o equilíbrio entre direitos e deveres para o exercício pleno da cidadania dos educandos jovens, especialmente os excluídos. Precisamos compreender esse fenômeno de exclusão social que coloca pessoas à margem da sociedade onde vivem em situação de risco social e pessoal, até porque é neste contexto que se pode inserir o trabalho de inclusão social dos jovens através das pedagogias cristãs.

Buscamos Dupas (1999, p. 14), para explicar de onde vem a exclusão social do capitalismo atual:

“A partir da década de 1980, observamos uma intensificação do processo de internacionalização das economias capitalistas que se convencionou chamar de *globalização*. Algumas características distintivas desse processo são a enorme integração dos mercados financeiros mundiais e um crescimento singular do mercado internacional – viabilizado pelo movimento de queda generalizada de barreiras protecionistas -, principalmente dentro dos grandes blocos econômicos. Um de seus traços mais marcantes, e que será crucial à análise apresentada, é a crescente presença de empresas transnacionais. Estas diferem bastante das corporações multinacionais típicas dos anos 60 e 70, constituindo um fenômeno novo”

Nessa estrutura econômica o Estado foi reestruturado e passou do que era convencionalmente chamado de *Welfare State*, ou *Estado do Bem-estar*, para o *Estado Mínimo*. Em outras palavras, o Estado foi obrigado, pelas forças de mercado, a diminuir as políticas sociais, que eram onerosas e causavam déficits públicos, para

uma outra estrutura estatal – o Estado mínimo - cujas funções foram reduzidas para economizar os gastos públicos.

Ocorre, porém, que na produção globalizada há uma busca de reduzir os custos da mão de obra, o que aumenta o desemprego e pobreza, caracterizam a exclusão social. Vale lembrar que há algumas estruturas estatais que ainda mantêm contraditoriamente algumas políticas sociais compensatórias, como é o caso do Brasil de hoje, em que o Presidente Lula criou o Programa Fome Zero, hoje Bolsa Família, para atender a população que tem renda abaixo de um terço do salário mínimo (DUPAS, 1999).

Mesmo assim, segundo o autor mencionado acima, não se conseguiu evitar a exclusão social no Brasil, por apresentar problemas e dificuldades com a distribuição de benefícios, e nem resolver efetivamente a questão do desemprego, entre outros.

[...] a pobreza – entendida como a incapacidade de satisfazer necessidades básicas – deve ser o foco da definição de exclusão social em países que não possuem um Estado de bem-estar social garantindo minimamente a sobrevivência de seus cidadãos (DUPAS, 1999, p. 24).

Segundo Gentili (1997, p. 237), “No capitalismo histórico, o mercado (e não somente o Estado) supõe sempre diversos graus de violência e coação”. Isto significa, segundo o autor, que é difícil manter a estrutura política democrática por causa da concomitante existência de mecanismos de violência e corrupção, tanto de caráter material quanto simbólico. O sistema educacional deixa então de atuar como formador das massas populacionais, para se tornar uma mercadoria – no caso de escolas particulares – e um produto sucateado e sem qualidade, no caso das escolas públicas e instituições governamentais como um todo.

Diante desse quadro que também chega em João Pessoa/PB, nossa luta pessoal é de desenvolver uma batalha de resistência contra as políticas globalizadas neoliberais, não obstante as políticas públicas sofrerem pressões mundiais que tendem a aumentar a exclusão através da falta de verbas e de recursos humanos adequados e idealistas para desenvolver esse trabalho.

O princípio fundamental do marco de Ação da Conferência Mundial sobre necessidades especiais (SALAMANCA, 1994) é que todas as instituições e escolas em geral devem acolher a todas

as crianças, independente de suas condições pessoais, culturais ou sociais. Essas são as crianças deficientes ou superdotadas/altas habilidades, crianças de rua, minorias étnicas, lingüísticas ou culturais, e principalmente as de zonas desfavorecidas ou marginalizadas.

A Constituição Federal do Brasil (Brasil, 1988) elegeu como fundamentos da República a cidadania e a dignidade da pessoa humana (art. 1º, inc. II e III), sendo como um dos seus objetivos fundamentais é a promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (art. 3º, inc. IV). Porém, "(...) a atenção à diversidade demanda uma maior competência profissional dos professores e projetos educativos mais amplos e diversificados que possam adaptar-se às distintas necessidades de todos os alunos (...)" (MEC, SEESP, 1996).

As políticas nacionais de inclusão estão baseadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (LDB, Lei 9394/1996) que definem Educação Especial como a modalidade escolar para todos os educandos. É necessário entender que **todos** significa **incluir todos**.

Na verdade, o movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, que é desencadeada em defesa do direito de todos estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A inclusão constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão.

Ao reconhecer a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, assumimos um espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da sociedade como um todo na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas inclusivos, as organizações governamentais passam a ser repensadas, implicando uma mudança estrutural e cultural das instituições estatais para que todos tenham suas especificidades atendidas.

Buscando perceber elementos da subjetividade e interioridade que concorrem para a descoberta das percepções dos sujeitos atendidos em instituições que visam a recuperação da cidadania, não poderíamos deixar de rebuscar o conceito de "Meninos de Rua", o que oferece elementos facilitadores para atingirmos nossos objetivos.

Portanto, desejosos em conhecer nossos sujeitos pesquisados e construirmos nosso campo conceitual, pedimos licença aos “Meninos de Rua” para entrarmos na sua casa, isto é, na sua interioridade. Mas, então questionamos: O que é a casa do Menino de Rua? Conforme o artigo de Souza (2000, p. 1 de 2):

Podemos utilizar a imagem oferecida pelo caracol como a metáfora privilegiada para fornecer a idéia que queremos transmitir. Ele é um molusco de concha orbicular torcida como um espiral; tal concha serve-lhe como abrigo e proteção. É a casa que ele leva para qualquer parte. Por analogia, identificamos a mesma realidade nos Meninos de Rua, que trazem sempre consigo a própria imagem de “casa”, servindo-lhes de resguardo e amparo. A interioridade deles é o ambiente apropriado de reciclagem, ponto de chegada e de partida em um contexto de enfrentamento contínuo das vicissitudes do cotidiano da vida. passando por essa concha espiralada que, em uma extremidade, é a própria relação com a sociedade e, na outra, a sua intimidade. Por conseguinte, podemos descobri-lo como pessoa, através do movimento existente dentro da concha que vai e volta de uma extremidade à outra.

O artigo de Leôncio Camiño (et al, 2000, p. 3 de 18) ainda faz algumas considerações:

Na sociedade onde estamos inseridos, forjada pela cultura ocidental, o espaço da casa é um conjugado entre a parte pública e a privada. Por exemplo: a parte pública se constitui em salas de visitas, sala de jantar, pátio, jardim... o privado seria: os quartos, o próprio banheiro... Esses espaços são dotados de significados. Basta recordar que tipo de sentimento experimentamos quando alguém mexe na gavetinha da escrivaninha do nosso quarto onde guardamos as coisas mais íntimas; ou quando nos encontramos na casa alheia e para exprimir a satisfação que sentimos pela acolhida dizemos: "Estou me sentindo em casa". Portanto, é inerente à casa os sentimentos, os significados e as relações... Nesse caso existe uma concepção de “casa”, para essas crianças e adolescentes, que é resultado de uma conjugação entre a percepção de espaços, enquanto privado ou público da sociedade brasileira em geral.

Entrar em sua “casa” significa portanto, entrar em seu espaço físico e em seu mundo sócio-cultural. E o artigo “Caracterização dos Meninos em Situação de Rua de João Pessoa”, de autoria de Camiño, Maciel, Brito (1997), caracteriza bem, jovens em situação de rua da cidade de João Pessoa/PB.

Considerando o contexto da problemática, os autores enfatizam as últimas transformações sócio-econômicas ocorridas no país e a submissão da classe trabalhadora aos mecanismos de exploração que causa a pobreza de extensos contingentes da população urbana e rural, oriunda da multifacetada crise mundial e local dos tempos atuais (CAMPOS,1984; GONÇALVES, 1985; SILVA,1993 apud CAMIÑO et al, 1997).

Assim, também a desorganização sócio-econômica das famílias, na grandíssima maioria das vezes, delimitam o modo e a faixa etária em que as crianças vão para as ruas e as atividades que elas passam a desenvolver (MACHADO NETO, 1979). Há uma certa discrepância em relação aos dados fornecidos pelo Fundo das Nações Unidas e as informações de outras organizações, entretanto, aproximadamente trinta milhões de crianças vivem nas ruas do mundo inteiro e, no Brasil, algumas fontes estimam existir em torno de dez milhões de crianças nas ruas de nosso país (UNICEF, 1993). Na verdade essas discrepâncias são consequências de uma falta de definição clara e consensual do que sejam crianças de rua (BANDEIRA, KOLLER, HUTZ, & FORSTER, 1994).

Até antes da década de 80, os “Meninos de Rua”, eram conceituados menores abandonados, carentes, de comportamentos divergentes ou condutas anti-sociais e, finalmente, de menores infratores. A estas expressões estavam usualmente associadas a imagem de crianças e adolescentes pobres que habitavam as ruas, uma vez que não mantinham nenhum vínculo familiar, pois provinham de “lares desfeitos”, “desorganizados e “desestruturados” (RIBEIRO, 1987; ROSEMBERG, 1994 apud CAMIÑO et al, 1997).

A partir dos anos 80, com a denominação “Meninos de Rua” muitas pesquisas foram realizadas no sentido de desmistificar a idéia de a única e maior causa do ingresso de crianças e adolescentes nas ruas era a ruptura dos laços familiares. Tais pesquisas demonstraram que a maior parte destas crianças tinha família e vivia com os pais, sendo bem inferior o número das que residiam nas ruas, sem manter vínculos familiares ou os mantendo de forma irregular. Esses resultados também são encontrados na pesquisa realizada por Brito (1992) em João Pessoa/Pb, onde 88,4% dos pesquisados tinham como responsáveis o pai e/ ou a mãe e, se

considerada a presença dos avós, o índice de crianças morando com familiares aumentaria para 92,6%.

O artigo de Leôncio Camiño (2000, p. 3 de 18) relata que:

Segundo Oliveira, Baizerman e Pellet (1992, p.172), na América Latina, a imagem formada sobre esses “meninos” é que “...são culturalmente despojados, emocionalmente deficientes, incapazes de sentir amor, compaixão e simpatia, de aprender a se socializar com pessoas, desinteressados da escola e do trabalho, sujeitos por opção e amantes dos crimes e das drogas”. De acordo com tais autores, esta imagem bastante propagada de que elas não têm aspiração cultural, de que mantêm uma conexão com o crime e que vivem para o presente imediato, acaba por lhes atribuir o estereótipo de que a única aspiração que têm é a de se tornarem marginais.

É claro que, pelo fato de estar nas ruas, esta população torna-se mais facilmente exposta a contatos que conduzem à prática de delitos (LEÔNCIO CAMIÑO et. al, 2000).

Entretanto, é importante considerar que, não obstante a denominação “meninos de rua”, que serve como meio de propiciar uma maior compreensão de crianças e jovens que necessitam se apropriar de um espaço público para garantir a sua sobrevivência, há diferenças existentes dentro desse grupo social. Existe uma certa concordância em aceitar o termo, que inclui tanto os que mantêm, quanto os que não mantêm vínculo familiar. Noto e colaboradores (1993) os define como:

“...crianças e adolescentes que vivem nas ruas trabalhando, perambulando ou esmolando, tirando o sustento de atividades como tomar conta de carros, vender objetos em faróis, furtar, etc. Muitos foram abandonados pelos pais, fugiram de casa ou simplesmente fizeram da rua uma fonte complementar de renda da família. Vivem em pequenos grupos que, obedecendo hierarquização, seguem regras e utilizam vocabulário característico” (p.5, 1993)

Em relação ao gênero, um grande número de pesquisas realizadas entre 1979 e 1990 (GONÇALVES, 1979; GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 1988; IBASE, 1990; OLIVEIRA, 1989; RIZZINI, 1986, cit. por CAMIÑO et. Al, 2000) demonstraram existir, nas ruas, uma maior concentração de crianças do gênero masculino, o que foi constatado pelos nossos estudos com o primeiro grupo de entrevistados.

Justifica-se a menor concentração de crianças do gênero feminino encontrada nas ruas, pelo fato destas, em sua grande maioria, assumir os afazeres domésticos, exercidos em suas e em outras residências com e/ou sem remuneração (RIBEIRO, 1987), além do ingresso em redes de prostituição, o que se torna uma prática comum para a obtenção de renda quando as mesmas também encontram-se nas ruas.

Voltamos a atenção para nossa cidade de João Pessoa, na Paraíba, para refletir sobre a sociabilidade e comunicação no espaço público como manifestações ou mesmo o cerne da cidadania. Para isso aplicaremos o conceito de “meninos de rua” formulado nos parágrafos acima pensando na possibilidade de analisarmos a implementação de algum processo de inclusão educacional e social que seja verdadeiramente efetivo, assegurando o direito à igualdade com equidade de oportunidades a estes jovens.

Entramos então na questão da criminalidade e sua vinculação com a pobreza, o que monta uma armadilha para o cientista social. Justificar a criminalidade violenta de uma pequena parcela dos jovens pobres é desviar a atenção dos que deveriam estar sendo controlados: os que desviam as verbas que deveriam ser destinadas às políticas públicas que educariam esses jovens para uma sociabilidade positiva e para os direitos de cidadãos. Ao mesmo tempo significa também negar-se a criticar ao que dominou esses jovens e que criou um poder baseado no medo e no terror em alguns bairros populares e no centro urbano de nossa cidade de João Pessoa e de tantas outras cidades brasileiras (CAMIÑO et al, 2000).

Zaluar (1997) lembra que, amordaçados pela lei do silêncio, seduzidos pelos apelos dos justiceiros, grupos de defesa ou grupos de extermínio, muitos jovens de várias afiliações e origens, acabam por se comprometer com políticas conservadoras, autoritárias e de violação dos direitos humanos no seu desespero de sair de uma situação que lhes parece insuportável onde parecem estar agora montadas rigidamente na lógica da guerra. No nosso entender, a questão é mais complexa do que a simples causalidade da pobreza, o que explica – em parte – mas não justifica a falta de escolas adequadas e diversos outros recursos para essa população periférica e vulnerável.

Refletindo sobre este discurso consideramos que é importante lembrar que a imputação da pobreza como a maior causadora da exclusão dos jovens significa que há uma causa social etérea e de difícil, senão impossível solução. Em outras palavras, é uma espécie de pretexto para que os responsáveis pelas políticas públicas pouco ou quase nunca se esforcem para programar soluções para tais problemas. Por isso mesmo, parece-nos importante apresentar os dois lados da discussão pública sobre o problema da criminalidade, dividindo tanto a população em geral como os estudiosos entre os que advogam políticas sociais para combater a criminalidade entre jovens – que se conclui serem supostamente “pobres” - e os que defendem uma polícia e uma justiça mais eficazes por intermédio de reformas institucionais.

Vale ressaltar que a criação de programas para resolver essa chaga social ainda é rara e os casos em que há alguns resultados positivos são sempre oriundos de iniciativas particulares de alguns líderes e instituições abnegadas devotadas ao encaminhamento de alguns – poucos - jovens para uma inclusão produtiva na sociedade. Entre essas lideranças estão as de origem religiosa, que seguem as pegadas criadas pelos evangélicos e calvinistas, como já citamos no início deste capítulo.

Ressalte-se também que os problemas dos jovens em situação de risco não se restringem a recursos materiais, já que eles seriam de origem pobre. Há uma crise de valores e de falta de ética, que acomete também os jovens e mesmo os adultos de outras classes sociais, o que é acirrado pelos ideários pós-modernos individualistas e consumistas, como apontam vários autores como Lipovetsky (1999, entre outros), Featherstone (1995), Baudrillard (1995 e 2000, entre outros), Canclini (1995), Debord (1997), Bauman (2008), entre tantos outros.

Segundo Cabral e Sousa (2004, p. 72), o fenômeno da exclusão/inclusão do adolescente em conflito com a lei é evidenciado em termos históricos, com base na identificação dos processos nos quais foram configuradas as relações de poder que legitimaram as estratégias de manutenção da desigualdade social. Assim, no Brasil Colônia as crianças pobres e abandonadas, especialmente as de origem indígena e negra ou de origem ilegítima, eram acolhidas pelas instituições da Irmandade da

Santa Casa de Misericórdia através da chamada de “Rodas dos Expostos”, que se tratava de uma porta que dispunha de um cilindro onde se colocavam os bebês enjeitados que eram colocados para dentro dos orfanatos girando-o do exterior para o interior (FALEIROS, 1995, e RIZZINI, 1995 e 2000, citados por CABRAL e SOUSA, 2004).

Conforme analisaram os autores acima, essas crianças eram levadas para o trabalho precoce para ressarcir as despesas da sua manutenção, ou seja, não era um trabalho remunerado, e esse sistema acabava por se assemelhar à escravidão que existia nesta época no Brasil. Além disso, elas sofriam medidas punitivas “extremamente bárbaras”, que eram regulamentadas pelas Ordenações do Reino de Portugal (RIZZINI, 2000, p. 9, cit. por CABRAL e SOUSA, 2004, p. 75). De acordo com essas autoras, a “Roda dos Expostos”, como eram rotuladas as instituições que acolhiam as crianças enjeitadas, mostrava uma política pública de desvalorização das crianças no período colonial brasileiro. Segundo Faleiros (1995, cit. por CABRAL e SOUSA, 2004), o termo “menor” foi criado nesta época e carrega o peso da estigmatização da infância – não se usava o termo adolescência nesta época - pobre e marginalizada.

Cabral e Sousa (2004, p. 76) expõem as mudanças da política de tratamento dos menores delinquentes no período colonial e imperial no Brasil:

É no contexto do Brasil imperial que vão surgir as primeiras preocupações em relação às penalidades aos indivíduos menores de idade. Ainda que incipiente, o interesse pela questão da idade na diferenciação das medidas punitivas aparece na primeira lei penal do Império, o Código Criminal de 1830, no qual são estabelecidos a responsabilidade penal para menores a partir de 14 anos e o seu recolhimento em Casas de Correção (RIZZINI, 1995, 2000). A partir da segunda metade do século XIX, a preocupação com a formação educacional das crianças é tema de particular interesse do imperador D. Pedro II, e são promulgadas leis que tratam do ensino primário e secundário, além de decretos que estabeleciam a obrigatoriedade do ensino a todos os meninos maiores de sete anos. Segundo Rizzini (2000, p. 12), a pobreza não deveria constituir impedimento a que qualquer criança pudesse ter acesso ao ensino.

Mas, haviam exceções à essa regulamentação, que atingiam os meninos com moléstias contagiosas, os que não fossem vacinados e os escravos. Além disso a

educação obrigatória do Brasil Império era exclusiva aos meninos, ou seja, as meninas eram “naturalmente” excluídas desse benefício.

Segundo as autoras acima, o governo imperial, com a preocupação de recolher as crianças que vagavam nas ruas, e tendo ainda como pano de fundo a urgente questão da formação de outros contingentes de trabalhadores livres, toma aquelas que viriam a ser as primeiras medidas efetivas, advindas do poder público no Brasil, com relação à infância pobre. Surgem por todo o Império asilos mantidos pelos governos provinciais, que, segregando os “menores” do convívio social, pretendiam ministrá-los o ensino elementar e o profissionalizante. Na história das políticas públicas direcionadas à criança e ao adolescente o termo “menor” vai ganhando, com o passar do tempo, a conotação de criança ou adolescente em situação de abandono e marginalidade.

De acordo com Cabral e Souza (2004, pp. 78-79), foi sob a mira dos higienistas que os “menores” foram identificados, no final do século XIX, como as crianças e os adolescentes pobres das cidades, chamados de abandonados. Londoño (1998, p. 135, cit. por CABRAL E SOUZA, P. 78) evidencia que nessa época o Brasil tinha um cenário de crescente urbanização, disseminação de doenças, industrialização, políticas intervencionistas higienistas, que fazia fundo à passagem desse período histórico para outro: a República. Eram, pois, menores abandonados, as crianças e adolescentes que povoavam as ruas dos centros das cidades, os mercados, as praças e que, por incorrer em delitos, freqüentavam o xadrez e a cadeia, que neste caso passaram a ser chamados de *menores criminosos*.

A fase inicial do período republicano foi descrita como bastante profícua no que se refere à legislação brasileira para a infância (RIZZINI, 2000, LONDOÑO, 1998 e RIZZINI, 1995, cit. por CABRAL e SOUSA, 2004, p. 79). Naquele período, já existia a preocupação em conter a “delinqüência” e a “vadiagem”, em razão da não absorção da mão-de-obra.

Durante a década de 1920 do século XX, ocorreram as principais inovações nas leis. Segundo Rizzini (2000, p. 28, cit. por CABRAL e SOUSA, 2004, p. 80), “no ano de 1926 instituiu-se o Código de Menores. Em 1927, o Decreto n. 17.943-A

consolidava as leis de assistência e proteção aos menores”, buscando sistematizar a ação de tutela e coerção, que o Estado passou a adotar, o que consolidou, na esfera legal, o olhar específico para o problema social emergente da infância e da adolescência: os “menores” passaram a ser definidos, assim, como “delinqüentes” (efeito do problema social) e “abandonados” (causa do problema social). A autora citada por Cabral e Sousa (2004) destaca a nítida criminalização da infância pobre.

O que impulsionava as políticas públicas e legisladores era “resolver” o problema dos menores, prevendo todos os possíveis detalhes e exercendo firme controle sobre os menores, por meio de mecanismos de “tutela”, “guarda”, “vigilância”, “reeducação”, “reabilitação”, “preservação”, “reforma” e “educação”. (RIZZINI, 2000, p. 28, cit. por cit. por CABRAL e SOUSA, 2004, p. 80). Surgem nesse período os institutos, os reformatórios, as escolas correcionais e são elaboradas leis na tentativa de regular a situação da infância. Rizzini (2000, cit. por CABRAL e SOUSA, 2004) enfatiza os discursos em defesa da infância/adolescência, mas demonstra que uma observação atenta revelará a oscilação constante entre a defesa da criança e a defesa da sociedade contra essa criança/adolescente, que se torna uma ameaça à ordem pública.

De acordo com Rizzini (1995, p. 275, cit. por CABRAL e SOUSA, 2004, p. 81), nas décadas de 1930 e 1940, durante o período do Estado Novo (1937-1945), o Governo Vargas instituiu mudanças no tratamento da menoridade, ampliando a responsabilização penal para 18 anos e fixando as bases de organização da proteção à maternidade, à infância e à adolescência em todo o País. Aos poucos, o problema da infância abandonada, “delinqüente” e “infratora” passa a ser encarada não como um caso de polícia, mas como uma questão de assistência e proteção, pelo menos no plano da lei.

Em 1941, numa tentativa de centralizar a assistência ao “menor”, o Governo Vargas criou o Serviço de Assistência ao Menor – SAM –, que, rodeado por princípios e propostas modernas como educação e formação profissional para atuar no “combate à criminalidade e na recuperação de delinqüente”, na realidade revelou-se uma instituição na qual se praticavam abusos e corrupção tais que lhe renderam a fama de “escola do crime”, “sucursal do inferno”, “sem amor ao menor” entre

outros rótulos críticos (RIZZINI, 1995, p. 278, cit. por CABRAL e SOUSA, 2004, p. 81). No nosso entendimento não se cuidou do atendimento aos menores, apesar das leis exigirem isso. Havia mais preocupação com a proteção da sociedade capitalista do que a proteção dos jovens cuja exclusão era então regulada pela legislação (RIZZINI, 2000, p. 40, cit. por CABRAL e SOUSA, 2004, p. 81).

Após o golpe de 1964, o governo militar apresentou sua proposta de atendimento ao “menor”: a Política Nacional do Bem-Estar do Menor – PNBEM –, instituída pela Lei n. 4.513, que estabelecia um sistema centralizado e verticalizado de tratamento do “menor” (VOGEL, 1995, p. 300, cit. por CABRAL e SOUSA, 2004, p. 81). Em 1965 foi criada a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM. O chamado “problema do menor”, conforme salienta Queiroz (1984, cit. por CABRAL e SOUSA, 2004, p. 82), adquire o estatuto de problema social, quando então o “menor infrator” passa a enquadrar-se aos objetivos nacionais explicitados na Política Nacional do Bem-Estar do Menor – PNBEM.

As décadas de 1970 e 1980 foram fecundas no surgimento de entidades não governamentais, como a Pastoral do Menor, criada em 1979, que, em movimentos de grande porte, criaram alternativas comunitárias de atenção à criança e ao adolescente em situação de risco. “O argumento utilizado era de que, reconhecendo-se o fracasso da política nacional do bem-estar do menor, era preciso rever o papel do Estado, considerando-se que a responsabilidade deveria ser da sociedade como um todo” (RIZZINI, 2000, p. 75, apud CABRAL e SOUSA, 2004, p. 83). Vemos aqui a colaboração das entidades religiosas para propor novas soluções para o problema dos jovens em situação de risco.

Essa mudança de mentalidade, aliada à efervescência da luta por direitos, oriunda dos movimentos populares e sindicais, faz eclodir, em 1985, o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua – MNMMR. A partir daí, indivíduos, grupos e instituições se articularam em defesa da criança e marcaram presença de forma surpreendente. Representantes da sociedade civil – simples cidadãos, até então aparentemente impotentes diante do problema, demonstraram que era possível organizarem-se e exercerem influência no debate ao nível da política. Surgem novos atores sociais que se tornaram visíveis no que poderia ser a “causa da infância” –

educadores e técnicos de diversas áreas do conhecimento, inclusive entidades religiosas, voluntários envolvidos no cuidado de crianças - atuam nas instituições de assistência, nas comunidades carentes, nas ruas, nas escolas e hospitais públicos (RIZZINI, 2000, p. 75-76, apud CABRAL e SOUSA, 2004, p. 84).

No nosso entendimento, as ações de instituições religiosas como a acima citada não só se tornaram mais efetivas e com resultados positivos, como também começaram a ser divulgadas na mídia. Isso ocorreu especialmente depois da Chacina da Candelária, ocorrida em 23 de julho de 1993 (FONTE: http://pt.wikipedia.org/wiki/Chacina_da_Candelária), feita pela polícia, e que foi assim chamada porque ocorreu na escadaria da igreja do mesmo nome no Rio de Janeiro. Os menores sobreviventes foram apoiados por instituições católicas e as campanhas da imprensa causaram intensa comoção nacional. Mais uma vez se constata que as instituições religiosas conseguem prestar um atendimento mais eficiente do que as públicas estatais.

De acordo com as fontes acima citadas, esse cenário de intensas articulações políticas e sociais, possibilitou avanços inéditos concernentes à defesa dos direitos humanos. Conforme análise de Rizzini (2000, p. 77, apud CABRAL e SOUSA, 2004, p. 84), a Constituição Federal de 1988 foi promulgada em meio à organização de diversos grupos que se lançaram em defesa das mais variadas causas de cunho social. Os direitos da criança foram garantidos na Carta Constitucional pelo artigo 227, artigo este baseado nos postulados da Declaração Universal dos Direitos da Criança, que mais tarde foram ordenados e detalhados pela Lei n. 8.069/90 ou Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA –, que revogou o Código de 1979.

Para Passeti (1995), o Estatuto supõe que o Estado seja capaz de realizar a justiça social para crianças e adolescentes, oferecendo-lhes escola, saúde e assistência social, e “a partir do momento em que o Estado não preenche a lacuna deixada pelo mercado, ou seja, a situação de desemprego, carência, abandono e falta de escolaridade, ele pode ser entendido como um violentador, por não cumprir com a responsabilidade que ele próprio se atribui” (PASSETI, 1995, p. 51, apud CABRAL e SOUSA, 2004, p. 84).

No entanto, apesar de extremamente crítico no que diz respeito ao debate acerca das bases econômicas nas quais se insere e se justifica o ECA, esse autor aponta o Estatuto como importante dispositivo educacional para juízes, promotores, advogados, tendo em vista a necessidade de superar a mentalidade conservadora do Poder Judiciário.

O ECA, a despeito das críticas positivas e negativas que recebe, é uma importante ferramenta de transformação social. Faz dos jovens sujeitos de direitos e de responsabilidades, prevendo e sancionando medidas socioeducativas eficazes e, como já enfatizado, condizentes com as condições do adolescente como pessoa em desenvolvimento. Só que o ECA nem sempre é cumprido, ou seja, na prática, apesar do avanço legislativo, a realidade atual não é diferente daquela do menor do Brasil Colônia. **A questão se centra então na aplicação da lei, especialmente a referente ao *atendimento* ao jovem em situação de risco, onde o braço da lei não alcança. Esta é a questão central da nossa dissertação.**

Os problemas conseqüentes do abandono, da violência e da drogadição não são poucos e já foram denunciados por muitos autores ligados à defesa dos direitos humanos, tais como Sérgio Adorno (1990), Paulo Sérgio Pinheiro et al. (1991), Antônio Luís Paixão (1988), Ricoeur (1986), entre outros. De acordo com eles, as políticas de inclusão social devem ser implementadas não porque os nossos jovens, que ocupam as ruas de nossas cidades, constituam um perigo permanente à segurança, não só porque venham a ser os grupos de comportamento de risco, tanto para si mesmos como também para quem vive próximo deles, mas porque um país democrático e justo não pode existir sem tais políticas.

Convém não esquecer que, apesar da enorme desigualdade existente neste país, temos o dever de, como cidadãos, buscar incansavelmente erradicar e denunciar o abandono de nossos pequenos brasileiros, evitando o quanto possível, a vulnerabilidade social e o risco de se encaminharem para uma carreira criminosa e envolvida pelas brumas das drogas. É neste sentido que nos concentramos na análise das *formas de atendimento* institucional desses jovens em situação de risco. Prevenir, encaminhar e dar oportunidades a estes jovens significa então diminuir o risco social não somente deles mas também do seu entorno.

Isso nos leva a um ponto crucial da discussão: Já não poderemos optar pelos princípios liberais. Não consideramos que cada qual faça suas escolhas independentemente das constrações sociais. Tornamos complexa a análise dos contextos sociais mais amplos e mais locais para entendermos os motivos pelos quais cada vez um número maior de jovens - de todos os estratos sociais - está nas ruas, em situações vulneráveis à criminalidade, o que nem sempre significa a adoção de uma carreira criminoso (ZALUAR, 1995), onde as figuras paternas e maternas não mais oferecem modelos nem são capazes de tutorar seus filhos. Quanto mais isso acontece mais se desmantela o equilíbrio social e aumentam os índices de violência e criminalidade, e infelizmente isso não ocorre apenas no Brasil, embora que aqui o problema seja agudizado.

Voltemos, agora, à questão social com a qual se confunde a "exclusão" como "privação relativa". Para isso não podemos desconsiderar as bruscas transformações na sociedade. Sobre isso vejamos o que diz Alba Zaluar (1997. p. 4 de 35):

Sem dúvida, a rapidez das mudanças na organização familiar, nas relações sexuais, nos valores que faziam do trabalho a referência mais importante para amplas camadas da população, agora substituídos pelos valores associados ao consumo, especialmente o consumo de "estilo" mais caro e menos familiar (Sassen, 1991), provocou o que se poderia chamar de anomia social difusa. Além desta, é fato que o enraizamento do crime organizado nas instituições por meio da corrupção, o funcionamento altamente desigual de nosso sistema penal e a obsolescência de nosso código penal criaram "ilhas de impunidade". Essa confusão de valores e regras de conduta ao mesmo tempo que produz fraqueza institucional não significa ignorar a pobreza. No entanto, neste novo cenário, a pobreza adquire novos significados, novos problemas e novas divisões. A privação não é apenas de bens materiais, até porque muitos deles têm mais importância simbólica — de afirmação da posição hierárquica ou de uma identidade através do estilo — do que necessidade para a sobrevivência física. A privação material e simbólica é relativa, ou seja, advém da comparação com os mais aquinhoados, mas é também decorrente das necessidades desse novo tipo de consumo. A exclusão, que também tem de ser entendida em vários planos e processos, é simultaneamente de justiça e institucional.

De maneira que, reduzir os problemas e dilemas dos processos sociais complexos que levam a sociedade à fragmentação, na qual os adolescentes pobres deixam de ter alternativas futuras que não as drogas, a delinquência ou a morte

prematura, é também deixar de lado outras cadeias de efeitos igualmente importantes. Assim, continua Alba Zaluar (1997, p. 6 de 35):

[...] acenar para *apenas* para a escolarização, a profissionalização e oportunidades adequadas no mercado de trabalho é simplificar a questão das drogas, usadas também por grupos profissionais bem-remunerados e prestigiados, como jornalistas e operadores da bolsa de valores, ou por estudantes universitários de famílias prósperas. A grande diferença, e aqui está outra manifestação da desigualdade neste país, é que os usuários pobres não têm o mesmo acesso a serviços de saúde para tratá-los no caso de abuso, nem para defendê-los no caso de problemas com a Justiça.

Nossos meninos e meninas que vivem e/ou freqüentam as ruas - de João Pessoa e de outros lugares - são seduzidos pelo poder e o sentimento de pertencimento que os bandos e quadrilhas bem armadas parecem inicialmente atrair. Segundo esta autora, são principalmente os homens jovens pobres, negros, pardos e brancos, que estão deixando suas vidas, seja nas mãos de policiais corruptos e violentos, seja nas mãos de seus colegas ou comparsas. O uso político dessa desgraça, que acrescenta ainda mais sofrimento para as famílias pobres, pode estar garantindo espaço nos jornais, mas não nos está tornando mais capazes de montar políticas públicas eficazes para minorar os problemas complexos desse quebra-cabeças. Hoje temos a enfrentar, simultaneamente, uma questão social, que é também uma questão de educação e de saúde pública, articulada à questão jurídico-penal e policial.

Segundo a mesma autora, o Brasil também exhibe hoje sinais de intolerância religiosa que revertem os efeitos dos processos históricos que resultaram na hibridização assumida, falada, discutida das suas culturas. No plano local, essa nova tendência tem tido conseqüências inesperadas e trágicas nas famílias pobres e em suas organizações vicinais, o que, no nosso entender, tem facilitado a usurpação do poder local por grupos de traficantes, a quebra dos laços sociais dentro da família e entre famílias na vizinhança, destruindo ou invertendo o sentimento de solidariedade para o de vingança, do agônico para o antagônico, da rivalidade expressa nos variados jogos esportivos e culturais para a rivalidade mortal.

Concordamos com Zaluar (1997), quando diz que é inegável que haja carência de maiores investimentos nas tradições religiosas que revitalizam sentimentos e éticas que se contrapõem à marca do inautêntico, do politicamente manipulado para fins politiqueros que engendram a corrupção que tanto inibe o desenvolvimento da cidadania na construção da nação brasileira. Os jovens assistem agora o esfacelamento das suas famílias e de suas organizações artísticas, desportivas e religiosas tão importantes na criação de sua cultura, na conquista de uma autonomia moral e política, na participação em uma discussão pública sobre a justiça em seus multifacetados aspectos (ZALUAR, 1985; CARVALHO, 1987).

Por tudo que expusemos até então, pesquisamos formas alternativas de recuperação da cidadania. Nisso não encontramos um modo igual de educar a todos, mas estratégias respaldadas nos ensinamentos cristãos, como alternativas para garantir serviços especializados, resguardando as singularidades históricas do segmento pesquisado.

Embora a escola regular seja o local preferencial para a promoção da aprendizagem e inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, há uma parcela de pessoas que, em função de suas necessidades diferenciadas, requer atenção individualizada e adaptações curriculares significativas. Por essas e outras razões é necessário que o atendimento deste segmento social seja realizado em ambientes especiais em alguns casos, mas, de modo geral, não deve haver desarticulação entre a educação regular e a especial (CARVALHO, 2000,apud ZALUAR, 1997).

Salientamos que cada recuperando é fundamental como fio da imensa rede que sustenta o processo de inclusão. Não se pode esperar que todos os elementos necessários estejam prontos para que a recuperação da cidadania e inclusão desses jovens de fato se concretize. Ou seja, não seria possível estabelecer, por meio de um decreto governamental, que ela se transforme em realidade do dia para a noite. Neste momento de mudanças de paradigmas não podemos descartar os frutos de esforços anteriores, que devem ser respeitados por representarem um valor histórico indiscutível na complexa rede de relações que constituem o sujeito social em geral e os jovens em situação vulnerável. Só assim entendemos que

estamos respeitando as peculiaridades históricas do direito constitucional das pessoas na melhor forma que se ajuste às suas necessidades, circunstâncias e aspirações, promovendo, dessa forma, um processo de inclusão responsável e cidadã dos jovens em situação de risco.

Então, para isso, pensamos também na atuação e formação dos educadores sociais dentro das instituições: essas providências são de fundamental importância no processo de inclusão social de crianças e adolescentes em situação de exclusão em áreas urbanas. É necessário redefinir o papel e a formação dos profissionais que atuam na educação formal e não-formal, o que requer iniciativas mais efetivas por parte das universidades e centros de capacitação.

Além da promoção de cursos de formação capazes de atender às demandas desses profissionais, é igualmente necessário pensar nas condições de alto risco deste trabalho e na sua baixa remuneração, o que se transforma em elemento altamente desmotivador para um bom desempenho, que é necessário para os educadores que atuam nesses espaços de recuperação da cidadania com objetivo de promover a efetiva reinclusão de pessoas socialmente excluídas.

Ainda segundo Alba Zaluar (1997), há também um conflito entre a teoria e a prática política, muitas vezes confundindo na retórica que vulgarizou o uso do termo, gerando muitas dúvidas e equívocos que perseguem aqueles que pretendem usar o conceito de exclusão social com um mínimo de rigor.

Qualquer comunidade, ressalta Zaluar (1997), tem uma identidade que se diferencia de outras, cria exclusão: grupos religiosos, étnicos, raciais, familiares, tribais, localidades, nações etc. Mas tais grupos criam a exclusão de maneiras diferentes, tendo maior ou menor flexibilidade, além de laços ou relações entre seus membros de natureza bastante diversa. Esta é a primeira dificuldade de se focalizar apenas o sim/não da inclusão/exclusão.

Segundo nossas observações em pesquisa, algumas instituições podem ter processos de admissão, conversão ou inclusão bastante facilitados, e outras, critérios mais exigentes. De qualquer modo, pensar a inclusão é optar por um

patamar de pertencimento social, sobrepujando as diferenças. Então nos remetemos novamente à autora Alba Zaluar (1997, p. 5 de 35) quando reafirma que:

[...] sendo a exclusão como manifestação de injustiça (distributiva), se revela quando pessoas são sistematicamente excluídas dos serviços, benesses e garantias oferecidos ou assegurados pelo Estado, pensados, em geral, como direitos de cidadania.

Seria preciso, pois, conhecer os processos que levam à exclusão e o conteúdo particular das diversas exclusões para se ter um entendimento mais próximo da verdade. No nosso trabalho optamos em focar as trajetórias e as situações vividas por meninos e meninas de rua e jovens usuários de droga, o que nos obriga a pensar não apenas as relações entre a sociedade e o Estado, mas também as relações interpessoais, os compromissos variados assumidos e as possíveis participações entre diversos setores da sociedade no espaço público, que não se confunde com o Estado, nem com o Mercado.

Nunca é demais lembrar que, na questão social, a inclusão trata do compromisso de cada um com os demais, de todas as pessoas pertencentes à sociedade entre si, em circuitos de variadas trocas (RICOEUR, 1990, cit. por ZALUAR, 1997). Ao mesmo tempo, relativiza-se o critério universalista baseado na idéia da justiça igual para todos, abrindo-se lugar para critérios locais, situacionais e diversificados, que são desenvolvidos nos variados circuitos de distribuição e troca nos quais o Estado não é mais o único mediador. É o que estamos fazendo na nossa pesquisa.

Pelo exposto acima, compreendemos a crescente demanda de alternativas educacionais, levando a um maior surgimento de ONGs e ao aumento da capacidade de inovação que inclui a espiritualização das organizações. Assim, investigamos e comparamos as estratégias de recuperação da cidadania de dois grupos, um composto por uma instituição laica e estatal, e o outro composto por duas instituições não-governamentais e confessionais, respaldadas nas doutrinas Católica e Protestante, ambas de tradição Cristã.

A crise generalizada e os desafios sociais que assolam tanto a esfera pública, como a privada, gerando o aumento das incertezas, têm sido, segundo

Loyola & Moura apud Peci (1999), o motivo para explicarmos a crescente demanda de alternativas educacionais, levando a um maior surgimento de ONGs e ao aumento da capacidade de inovação e espiritualização das organizações. Tudo isso faz com que se busque maneiras muito mais diversificadas e com fronteiras menos rígidas, quase imperceptíveis para uma mais efetiva possibilidade de inclusão social.

Relembremos Moacir Gadotti (1984), em sua introdução *A Pedagogia do Conflito*, numa revisão crítica do papel da educação na atual sociedade brasileira: “Qual o papel da Educação hoje?” O insigne teórico se reporta a dois tipos de educação: uma, a educação de reprodução da sociedade de classes, que exerce um papel ideológico de ocultar o projeto social de classes e econômico da classe dominante. Esta forma de prática educacional se detém na relação professor-aluno e escamoteia o problema da exclusão com a prática da domesticação agressiva dos jovens. As outras formas se referem à educação da transformação, de forma que os educadores estão também repensando a sociedade e na prática da libertação dos jovens em relação aos problemas que eles vivenciam. Entre essas formas estão as de cunho religioso, que ocupam a lacuna das formas de atendimento estatal aos jovens em situação de risco.

Gadotti (1984) afirma ainda que esses modelos são formas caricaturais da educação. Ou seja, são abstrações pedagógicas e, por não existir sociedade abstrata eles ou não existem ou são incompletos como todos os modelos. Acreditamos que o que há no interior da educação é uma luta contínua de tendências conservadoras, transformadoras e dominantes em momentos históricos diferentes.

De acordo com este autor, o espaço pedagógico se tornou um espaço político que depende da legislação, das normas, dos programas, onde os profissionais conscientes não podem se contentar em apenas criticar a domesticação, a seletividade, as injustiças, mas consiste igualmente em apontar as reais soluções. É aí onde entendemos que esses modelos abstratos se tornam concretos, na medida em que a transmissão da cultura e conhecimento, sob nova perspectiva, seja renovada para produzir a transformação dos educadores e educandos e, conseqüentemente, da sociedade na qual estão inseridos.

Recorremos, portanto, a Rogers (1961), que mostrou como funciona a “educação” que se revela diretiva, centrada no mestre e que prejudica a educação centrada no estudante, sobretudo em detrimento da educação sistêmica. Centrar-se no mestre significa que ao aluno lhe é apenas facultado adaptar-se à metodologia do professor, da escola ou qualquer outra instituição. Resta ao mestre ou à instituição a cômoda e mecânica tarefa de excluir aqueles que assim não o fizeram, por pensar de forma fragmentária o fenômeno educacional, deixando de atender às crianças e/ou adolescentes que, segundo a Constituição Federal do Brasil, em seu art 205, têm o direito ao pleno desenvolvimento, ao preparo para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho.

Tornam-se cada vez mais significativos os modelos de educação tais quais o de Cesare La Rocca (2000), vencedor do Prêmio Educador, conferido pela revista Educação e Cidade Escola Aprendiz, ao implementar sua idéia de oferecer a melhor educação aos mais pobres, rejeitando a tese de que para quem nada tem qualquer coisa serve. Este educador defendeu o profissionalismo dos educadores e o sistema de formação permanente, na qual ele pensava em arte e cultura a serviço da população. Segundo La Rocca:

(...) quando uma criança grita, na cara do educador, que nada tem a perder, algo terrível aconteceu; a infância foi destruída e suas características fundamentais, que são sonhar e desejar, foram perdidas. Fomos buscar em Freud e Lacan a compreensão do universo do desejo e do sonho. Desejo não se ensina, mas pode ser estimulado e a necessidade satisfeita (2000, p. 48).

Vieira (1978, p. 46), em seu trabalho apresentado no Simpósio sobre “Educação, Poder e Ideologia, durante a reunião anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência – SBPC -, em São Paulo, chama a atenção para as seguintes questões:

Portanto, em nome de modernizações em todos os setores, que respondem à própria evolução da economia brasileira, a política social aqui implantada submete-se, através do planejamento, aos ditames da política econômica, deixando de ser uma política social a serviço da população para ser uma política social a serviço da ideologia do desenvolvimento. Além do mais, os projetos de profissionalização que funcionam, sobretudo (quando funcionam) são apenas lenitivos para os carentes de recursos, independentemente de suas vontades e de suas capacidades.

Que sirva de alerta quanto às práticas sócio-educativas que se limitam a confinar educandos em espaços físicos, sem que eles possam se integrar ao ambiente, seja na comunidade ou nas ruas onde vivem, sem criar vínculos de confiança e sem trabalhar o autorismo – capacidade de construir seus próprios trabalhos - e o protagonismo. É necessário discutir sobre a inclusão dos jovens, após termos evidenciado as injunções da economia neoliberal globalizada acima referidas. Este é um desafio, pois se utilizam palavras silenciosas para expressar o que nelas se esconde e se explica de forma fragmentada a respeito do ser humano.

É nesse contexto em que professores, até mesmo os vinculados a instituições “acolhedoras” de indivíduos em vulnerabilidade pessoal e social, sentem-se excluídos do processo da construção dos projetos político-pedagógicos, quando sabemos que, segundo Rodrigues (1988), somente a construção coletiva e a vivência da práxis mantêm acesa a chama em torno da importância da discussão política do ato educativo. Há de se perguntar, então, como responder aos desafios da inclusão, ou, quais os caminhos para que se possa viabilizar a inclusão social?

Quebrar a espinha dorsal do autoritarismo fundada na ideológica convicção de que de um lado estão os que sabem e, do outro, os

que não sabem. Como consequência, aqueles que sabem devem determinar ou fazer a educação; os que não sabem, devem receber os pacotes educacionais prontos e acabados, elaborados e embrulhados por aqueles que detêm a competência técnica do fazer (RODRIGUES, 1988, p. 45).

Em última instância, o autoritarismo – que se difere da autoridade - isola os “donos do saber”, tanto dos que vão pôr em prática essas decisões, como daqueles a quem a atividade educacional se dirige. É aí surgem posturas imobilistas e vitimicistas dos educadores e educandos, que se lamentam de receberem apenas ordens e determinações de cima para baixo, sem poderem criar alternativas e renovações educacionais. Perde-se, assim, a dimensão política da educação e as possibilidades de uma ampla discussão no âmbito da sociedade, para a busca de novos rumos que determinem um novo paradigma de educação inclusiva.

Atualmente, os abundantes debates em educação não dispensam a força da imagem e dos símbolos como valiosos recursos didáticos-pedagógicos nas tecnologias assistivas para o Atendimento Educacional Especializado e as reflexões em torno da pedagogia cristã como um fenômeno religioso que apresenta uma relação profunda com os princípios da Educação Inclusiva, principalmente, no atendimento especializado aos pessoas em situação de risco social e com dependência química. É nesta direção que se coloca esta pesquisa, como se verá nos dados empíricos do próximo capítulo.

Fechamos este capítulo pelas palavras de Mircea Eliade (1991, pp. 12-13):

Não precisamos dos poetas ou das psiques em crise para confirmar a atualidade e a força das imagens e símbolos. A mais pálida das existências está repleta de símbolos, o homem mais “realista” vive de imagens. Repetindo, e conforme ficará abundantemente ilustrado pelo que se segue, os símbolos jamais desaparecem da atualidade psíquica: eles podem mudar de aspecto, [mas,] sua função permanece a mesma.

Este autor enfatiza que, sem a criação de uma simbologia valorativa ética e baseada na justiça e fraternidade, não conseguiremos criar a transformação das mentalidades e condutas dos jovens em situação de risco.

CAPÍTULO 3

DADOS EMPÍRICOS: OS DISCURSOS DOS JOVENS DO GRUPO I E GRUPO II

CAPÍTULO 3

DADOS EMPÍRICOS: O DISCURSO DOS JOVENS DO GRUPO I E GRUPO II

Neste capítulo pretendemos apresentar e analisar os dados da pesquisa, tanto os que foram coletados para esta dissertação quanto os que foram colhidos em outro trabalho, que também é da nossa autoria (FIRMINO, 2007). Para tanto apresentaremos a seguir uma caracterização dos sujeitos pesquisados de cada uma das três instituições educacionais envolvidas nesta pesquisa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS ENVOLVIDOS NESTA PESQUISA

A amostra de sujeitos pesquisados é composta de vinte e quatro adolescentes, sendo que foram abordados oito jovens de cada uma das três instituições educacionais focalizadas aqui. No CFCMPS colhemos dados de sete jovens enquanto estavam sendo atendidos e também depois, quando já haviam se evadido deste centro, quando então incluímos mais um que também estava morando nas ruas. Dois eram do sexo feminino e seis do sexo masculino. Nas duas instituições religiosas do Grupo II encontramos uma amostra homogênea composta por oito jovens cada uma, que forneceram suas falas para esta pesquisa.

3.1.1 CARACTERÍSTICAS DOS JOVENS DO GRUPO I

Essas características sintetizadas abaixo foram retiradas dos discursos expressos pelos sujeitos pesquisados:

SUJEITO Nº 1: Sofreu abandono familiar, tem origem pobre, é interessado nos estudos e na informática, teve bom relacionamento nas instituições que o acolheram, aparentemente não usa drogas, e, sonha em ser advogado. Percebemos que ele se destaca dos outros pelos seus valores, inclusive, concluiu o ensino fundamental (9º ano), com as melhores notas da turma. Por não querer ficar perambulando nas ruas, a princípio, mesmo a contragosto, durante algum tempo permaneceu participando de algumas atividades, que, no nosso entender eram muito aquém de suas demandas e capacidades. Foi encaminhado para uma escola do município com a possibilidade de participar de um curso de informática proposto pela coordenação do Núcleo de Inclusão da Secretaria de Educação do município, entretanto, a administração do Centro de Formação não autorizou o encaminhamento, justificando “não poder encaminhar a todos”. Não considerando o conflito familiar já anteriormente exposto, a diretoria administrativa do Centro de Formação efetivou a “devolução” do jovem para família, construindo o risco de devolvê-lo na rua, o que se verificou posteriormente.

SUJEITO Nº 2: Sofreu abandono familiar, tem origem pobre, nascido no interior, foi envolvido com gangues de roubos e assaltos, veio para João Pessoa porque estava ameaçado de morte, não deixou claro se usa droga, e demonstrou vontade de fazer um curso profissionalizante e ter emprego, ou seja, queria mudar de vida. Com alguns sintomas de drogadição, é notório que não recebeu atendimento correspondente às suas necessidades para que, nos momentos de crises de abstinência, pudesse ter o apoio imprescindível. Na sua fala mostrou preocupação em correr contra o tempo, demonstrando que não existe, por parte a instituição, uma estratégia bem definida para o momento de transição para a maior idade e retirada da “proteção” do menor. Esse sujeito não tem nenhuma documentação e foi excluído do projeto ao completar a maior idade, causando desespero nele e nos que ficaram porque já sabiam que, apenas em questão de curto tempo, todos os demais passariam pelo mesmo problema.

SUJEITO N 3: Sente falta da família, reclama da bagunça “das casas” as quais considera “péssimas” porque é onde tem agressões e uso de cola – tiner -, e tem mágoa de ter sofrido agressões. Além disso afirmou não gostar de brigas nem de morar na rua, onde “só tem dor e sofrimento”, como ele afirma. Queria ir para a

escola, jogar bola e ver filmes. De acordo com nossa observação apresenta ainda fortes sinais de Deficiência Intelectual Leve. Citou, na sua fala, a violência entre eles e como eram tratados pela população nas ruas e na instituição estatal. Embora fôsse de porte avantajado, denota a carência de segurança, e a ausência de afeto e do lúdico é evidente.

SUJEITO Nº 4: Sujeito do sexo feminino, critica o CFCMPS pela bagunça, pela falta de higiene e de atendimento específico para meninas. Queixa-se das agressões entre os internos e falta de regularidade da atividade escolar do centro. No momento da coleta dos dados estava sendo cuidada e contou que seria “adotada” por um grupo de evangélicos e se sentia bem por isso. Sua fala é dura e realista quando questiona a prática pedagógica que está sendo desenvolvida no CFCMPS. Aproximadamente um ano de depois o pesquisador e autor desta pesquisa a encontrou num banco com os referidos evangélicos e aparentava estar totalmente mudada e bem cuidada, tanto na aparência quanto na conduta.

SUJEITO Nº 5: O sujeito foi observado em sala de aula, sem o efeito da droga e era visível a vontade que tinha de aprender. Contudo, ele se evadiu e só após alguns meses o encontramos com novas características físicas e psicológicas. É, portanto, contraditório o seu discurso com o fato de se evadir porque reclama da vida na rua e afirma que não vale a pena pedir nem roubar, dizendo que prefere ficar no centro onde estuda e se alimenta apesar da mistura dos mais velhos com os mais novos.

SUJEITO Nº 6: Sujeito do sexo feminino, questiona o centro por não ter atividades esportivas para as meninas. Para ela é importante comer, passear, nadar na piscina, fazer esporte e namorar. Preferia não estar na rua. Comercializa o corpo, ou seja, é explorada sexualmente porque, como diz: “... não gosta de pedir esmola nem roubar!”. Não apresentou interesse em responder as perguntas do pesquisador porque o que lhe interessava era a satisfação de suas necessidades momentâneas de dinheiro.

SUJEITO Nº 7: Este sujeito é oriundo do interior e ainda não foi atendido pelo CFCMPS. Confessa a atividade de roubo e o uso da cola, mas questiona a vida das ruas por considerá-la “sem futuro”. Seus sonhos são os de ter bens materiais, o que

revela suas carências. Demonstra o desejo de ir para o centro para estudar e ter uma atividade de renda para desenvolver quando for maior de idade.

SUJEITO Nº 8: Confessou o uso da cola e demonstra desejo de fazer tratamento médico para se livrar deste vício. Demonstrou desejo de ter família e escola eficiente. Como a maioria dos entrevistados, tem uma percepção crítica clara do que ocorre na instituição. Suas observações foram incrivelmente pertinentes.

É importante esclarecer que nem todos os sujeitos forneceram dados para uma caracterização mais completa porque eles não tinham disposição para responder as perguntas, por diversas razões: ou estavam drogadiços ou tinham expectativas de que o pesquisador lhes desse dinheiro ou recompensas materiais.

Visitamos outras vezes a instituição estatal que atendera este primeiro grupo de entrevistados e obtivemos poucos informes dos nossos entrevistados. Voltamos às ruas da cidade de Joao Pessoa e, lá então, conversamos informalmente, várias vezes com dois deles e também com outros meninos e meninas que atualmente vivem e/ou freqüentam nas ruas de João Pessoa/PB.

Assim, tivemos informações mais atualizadas em relação aos oito sujeitos entrevistados: dois foram assassinados; um já maior de idade se encontra preso em um dos presídios da cidade; dois foram encontrados na mesma situação anterior de abandono e dependência química nas ruas da capital e os outros dois estão desaparecidos. Uma das entrevistadas foi encontrada sob os cuidados de uma instituição protestante e mostrava sinais de recuperação comportamental em relação à situação anterior de exploração sexual.

3.1.2 CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS DO GRUPO II

Resolvemos organizar em pares de características comuns dos sujeitos do Grupo II porque seus dados e falas são muito semelhantes, assim evitaremos informações repetitivas.

SUJEITOS Nº 1: Os sujeitos demonstram satisfação pela participação em todas as atividades das suas respectivas instituições, e estas têm considerado as suas necessidades, de acordo com eles mesmos. Observamo-los de perto nas vivências de cada uma e acompanhamos os sentimentos de alegria e satisfação que os envolvia nas atividades realizadas. Eles evidenciaram o aprendizado e a valorização do trabalho, e a partir daí, os sujeitos demonstraram ter percebido um novo sentido para suas vidas. Referiram-se aos estudos e às artes e demonstraram ter uma perspectiva mais positiva de vida

SUJEITOS Nº 2: Referiram-se à eucaristia e ao culto em suas respectivas instituições – uma é católica e a outra é protestante interdenominacional -, como algo que intensifica as vivências nas atividades das instituições, motiva o crescimento espiritual e intelectual deles e promove mudanças em seus valores éticos e morais.

SUJEITOS Nº 3: No discurso dos sujeitos nº 3, “a relação com Deus e a fé em Jesus” significa orientar-se por princípios cristãos e estes têm, visivelmente, sido combustível para suas realizações das atividades ministradas. Informaram que vivenciaram um processo de auto-superação ao qual se submetem sem resistências. As motivações para as atividades e o sentimento de fé no Sagrado têm inspirado e provocado transformações interiores.

SUJEITOS Nº 4: Suas falas apontam que tem havido uma promoção social e pessoal em suas vidas. O sujeito ligado à instituição católica se sente responsável com “a casa em suas mãos”, como se expressou, para manter a ordem, efetuar tarefas e “o sentimento de fé em Deus” dá sentido à sua vida. O sujeito pertencente ao movimento protestante, motivado por uma “fé em Jesus”, faz meditação, laborterapia e estuda inglês. Concluímos então que estes sujeitos estão interagindo bem com os demais. Ambos se sentem respeitados e estimulados para as atividades.

SUJEITOS Nº 5: As falas surgidas em relação aos sujeitos demonstram que se sentem muito acolhidos e fazem diversos trabalhos nas suas respectivas instituições. Escutamos o relato das histórias de vida de ambos e verificamos a

efetivação de um percurso “de um mundo Profano para um mundo Sagrado” e nesta viagem de um pólo ao outro há a recuperação da cidadania e a inclusão social: Um deles afirma haver abandonado “a rua, dinheiro e drogas” e que, hoje se sente em casa, considerando o evangelho como “uma graça” e que não consegue mais ter uma vida sedentária como levava antes. O outro afirma que Deus o ensinou a amar, faz diversos tipos de atividades com as quais se sai muito bem, e se refere sempre a Deus e a Jesus como o motivo maior de sua vida. Ambos têm uma representação positiva das suas instituições e se sentem completamente atendidos em suas necessidades de maneira, o que é, segundo eles, até melhor do que se estivessem em casa. Neste trajeto, verifica-se a elevação da auto-estima e a reconstrução da crença em si mesmo e na sociedade. Aos sujeitos que outrora estavam completamente desacreditados nos valores humanos e sociais, foi-lhes apresentado um modelo sobrenatural de um Cristo que permitiu um novo direcionamento as suas vidas.

SUJEITOS Nº 6: As falas destes sujeitos se referem a uma renovação, a fé em Cristo, e no prazer de realizar atividades que jamais pensavam em realizar. Aqui, eles apresentaram interesse em demonstrar mais uma vez a influência do Sagrado nas suas vidas, a construção de valores éticos e morais e o entendimento atual da importância das normas quando construídas coletivamente. Há a constatação da habilidade dos sujeitos em avaliar o processo de desenvolvimento humano no qual estão inseridos nas suas respectivas instituições.

SUJEITOS Nº 7: No caso dos sujeitos nº 7, eles demonstram que o respeito às diferenças pessoais promove o enriquecimento de experiências e o aperfeiçoamento da aprendizagem com bases na afetividade. Desenvolvem atividades da vida diária e consideram que a realidade e identidade sócio-cultural deles são reconhecidas nas suas respectivas instituições. Eles se remetem à fé em Cristo, falam em harmonia, limpeza, horta, jardinagem. Falam também em novos conhecimentos e práticas e demonstram um brilho novo no olhar por afirmarem “saber que se pode ser alguém na vida”, como um deles expressou.

SUJEITOS Nº 8: Igualmente aos demais, os sujeitos entrevistados tinham percepção do que ocorria nas instituições e nos emocionam com suas falas. Suas observações

foram incrivelmente pertinentes. Um apresenta versatilidade em suas expressões, e, bastante motivado comunica que tudo que lhe acontece de bom é “porque Jesus Cristo está aqui no Grupo Jovens e comigo”. O da instituição católica afirma que todas as metas institucionais foram atingidas, porque o mesmo fez um percurso de *recuperando a recuperado* e de *recuperado* à coordenador regional da Fazenda Hope. Apresenta capacidade administrativa, domínio da informática, habilidades intelectuais e relacionais e eloquência em sua fala sobre o evangelho cuja modo sereno e comovente demonstra-nos a profunda consciência. de sua cidadania. Excepcionalmente este último jovem é maior de idade, mas, como foi informado acima, vivenciou o processo de reestruturação oferecido nesta instituição. Atualmente é noivo e pretende se casar com uma moça que também trabalha ali.

Para estes sujeitos estão implícitas as ideias de que eles são importantes para a sociedade. Os ensinamentos passaram de transmissivos para uma pedagogia ativa e interativa, valorizando a capacidade de entendimento que cada recuperando tem de si mesmo e do mundo em sua volta.

3.2 PERCEPÇÕES DOS JOVENS PESQUISADOS SOBRE O ATENDIMENTO QUE RECEBEM DAS INSTITUIÇÕES

Neste sub-item apresentaremos os trechos das falas e respectivas análises, que serão concentradas no que os sujeitos pensam e sentem na questão da forma de atendimento que eles tiveram nas instituições que os acolheram, já que este é o foco principal da nossa pesquisa. As falas, em sua íntegra, encontram-se em um dos apêndices desta dissertação.

3.2.1 PERCEPÇÕES DOS JOVENS DO GRUPO I

Segue-se abaixo os recortes das falas e discursos dos oito sujeitos atendidos pela instituição pública acima referida, e que são oriundos de dados secundários já colhidos (FIRMINO, 2007), que servirão para nossa análise relativa aos atendimentos realizados pelas instituições pesquisadas.

Discurso do sujeito Nº 01

Todos merecem apoio social, e têm deveres e direitos [...] O adolescente tem todos os direitos que o cidadão. Concordo com a lei: temos direitos ao lar, praticar esportes, alimentação, segurança... [...]

Tenho uma boa relação com os professores e todo o pessoal. Quis estudar, apenas gostaria de fazer informática... ter oportunidade de mais experiência. [...] Lá não tem oficina de teatro, porque eu tenho muita timidez e queria perdê-la [...] Eu nunca havia pintado, desenhado... Foi muito bom. Os educadores me tratavam com respeito e me elogiavam muito. Passei a acreditar mais em mim e voltei para a escola. Fiz judô. Fui levado pra fazer exames médicos. Me senti tratado bem [...]

Este talvez tenha sido o único discurso elogioso expresso com relação ao tratamento dispensado pelo CFCMPS ao sujeito nº 1. O que marcou o jovem foi a forma de acolhimento dada a ele, o que provavelmente se relaciona com a carência afetiva que ele demonstrou na fala ao tentar valorizar os pontos positivos da instituição. Mas, infelizmente este sujeito não foi atendido nos seus anseios de aprender informática para conseguir entrar mais preparado no mercado de trabalho.

Discurso do sujeito Nº 02

O que complica é ficar junto na sala com os trombadas que não sabe nada e o meu tempo é curto, porque to quase de maior e não sei como é que vai ficar.

[...] **no momento estou precisando de um curso profissionalizante** [...] Porque daqui a nove dias estou ficando de maior [...] fui convidado para participar do Judô e gostei muito [...]. Só que a galera do CFCMPS foi lá fazer uma visita e um deles deu mancada (furtou o celular do professor de Judô) e por isso perdemos a chance [...]

A rua não é vida pra ninguém. [...] Seja o meio de vida que for, agarre que num é fácil ser respeitado como cidadão [...] **Eu sei fazer artesanato com origâme, confecção e o que der o cara pega** [...] **Eu queria uma última chance pra eu porque**

já faltava pouco pra eu ficar de maior [...]

Onde mora minha mãe, os cara queriam me matar, porque eu me meti numas paradas e num reparti a grana com eles... Quando cheguei na casa de passagem e me mandaram pra o CFCMPS, achei que as coisas iam mudar. **Vi muitas atividades e as tias me tratavam bem. Os tios foram bem legais.** Pensei em mudar de vida. Mas não foi bem assim que aconteceu... Depois notei que só tavam desconfiando de mim. Que queriam mesmo era que eu fosse embora e eu já tava quase de maior... Minha vontade só não valia nada... Até que me expulsaram de lá por que completei dezoito anos... Aí fiquei dormindo na rua perto do Conselho [Tutelar], às vezes até com os meninos que já eram meus amigos. Depois os home metendo o cacete de graça na gente (olha aqui como estou! Mostrou marcas de agressão no corpo) e eu tive que me meter nuns rolos de novo [...]

Ficou visível a tensão e desespero do sujeito nº 2 com a eminência de ser destituído do atendimento do CFCMPS. Ele não só não foi incluído na sociedade como teve a sua exclusão reforçada porque retomou as atividades marginalizadas. Note-se a percepção que este sujeito expressa na necessidade que ele tem de um curso profissionalizante, no que não foi atendido, além de sua frustração por não poder aprender o esporte do Judô.

O sujeito nº 2 até valorizou as atividades que desempenhou na instituição, bem como a forma de tratamento que ele recebeu dos professores, o que o fez desejar “mudar de vida”, como ele expressou. Essa declaração evidencia que o pouco que ele recebeu da instituição foi marcante e valorizado. Na sua fala ele demonstrou interesse e potencialidade para aprender qualquer coisa que lhe ensinassem, mas não lhe foi dado nenhuma formação e ensinamento significativo. Quando ele foi colocado para fora do centro, por ter atingido 18 anos, foi se abrigar perto do Conselho Tutelar que atende adolescentes que são menores de idade, como se estivesse pedindo a continuidade da proteção das instituições públicas... Mas, uma vez de volta nas ruas ele rapidamente retomou as atividades marginais anteriores, e a sua não recuperação pode perfeitamente ser associada com a falência do atendimento do CFCMPS.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 03

Lá (no CFCMPS) a gente fica invocado porque tem muita bagunça. As portas quebradas. Os meninos com tiner, brigando [...] As casas aqui são péssimas, porque os acolhidos fazem uma grande bagunça [...] Gosto de fazer as tarefas, jogar bola, ver filme... Só não gosto é das brigas!

[...] As vez[es] aquilo lá é uma bagunça e não tem nada porque é tudo quebrado, sujo e a gente vai falar e ninguém liga e é sempre a mesma coisa [...]

A gente é chamado pelas tias a participar. As vez num dá certo porque os cara são muito bagunceiro e, gostam de briga, outras vezes é legal pra gente, por que tem muita coisa pra fazer com todo mundo junto [...]

[...] nada não... Eu queria ir pra escola e tá num canto diferente, onde os meninos não gritassem e não batessem em mim [...]

[...] É tanta bagunça, tão péssima por que os acolhidos fazem o que querem e a gente já chega invocado no Centro [...]

Nesta fala acima as críticas e denúncias contra o CFCMPS foram graves. Foram apontadas a desordem, uso de drogas – cola ou tiner - , onde os acolhidos “fazem o que querem” e têm constantes brigas entre si. Houve a percepção do valor do trabalho dos professores, que foi acompanhada do entendimento da impotência ou desinteresse dos mesmos para manter uma boa qualidade de atendimento. Os problemas do comportamento dos jovens, aparentemente, não difere muito daquele que tinham nas ruas.

Quando o sujeito nº 3 expressou o desejo de “ir para a escola” e “tá num canto diferente”, como ele disse, evidenciou que esta instituição não oferece formação escolar para os acolhidos, e que, nas entrelinhas, demonstrou que ele gostaria que os educadores tivessem autoridade e firmeza para manter a ordem, higiene e cuidados de manutenção com os objetos e instalações, ou seja, sem serem quebrados como ele indicou. Nessas críticas o sujeito expressou o desejo de estar numa instituição eficiente e organizada.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 04

[...] eu acho muito importante porque não quero só escrever e ler. Isso já faço! Quero desenvolver outras coisas. **Mas aquilo lá [CFCMPS] não é escola, não ensina porra nenhuma! Aquilo é um cabaré!**

[...] Acho que ninguém deve bater, nem humilhar ninguém... Este trabalho está errado porque estamos perdendo a nossa liberdade. Aqui não é escola [...]

Eu não acho que sou ajudada a nada nesse negócio, que pra mim não é nem

escola, nem nada! Lá é uma merda!... Lá não tem aula de verdade... E os esportes são mais pra os meninos [...] que não presta. Não é legal. Os meninos e as meninas passam o dia, não é? Pois então, como é que a gente come? **Tem um lugar certo ou fica com os pratos nas mãos derramando no chão? E depois, tem escova para lavar a boca? Tem sabonete ou toalha separada? Não tem. Tem? A gente já fica chateada...** O que é que se aprende? A ser bicho? Ou querem só enganar o prefeito? [...] Ah... [...] ali eu já disse: É um cabaré! Sinto falta de tudo porque ali é só pra enrolar.

Sinto falta de uma escola, de minha mãe, maquiagem, roupa, sabonete, perfume e desodorante bom que nem ruim tem [...] Ah! [...] lá não tinha atividades de escola mesmo, só ensinar as letras no meio de uma zoadada danada; nem tinha algo que fosse também para as meninas, a não ser pintura... Mas mesmo assim muita confusão e não dava vontade de fazer nada. Ainda bem que não estou mais ali... **Estou sendo atendida por um grupo de pessoas evangélicas que são muito legais e que vão me adotar e eles são bem organizados** [...] as melhoras que eu tive não foram por causa da escola. Não lembro de coisas muito legais não, **hoje estou bem porque um outro grupo de pessoas evangélicas está cuidando de mim** [...] [...] **que haja um trabalho certo, para que o pessoal crie juízo e não saia por aí a fazer besteira.**

Neste longo e revoltado discurso do sujeito nº 4, que é do sexo feminino, as críticas e denúncias também foram graves e indicam o que já foi apontado antes: escolarização precária, brigas, agressões, humilhações, falta de material de higiene e falta de incentivo para a recuperação dos acolhidos, além da inadequação das atividades para as moças que são recebidas nesta instituição. Esta jovem sabe o que precisa e deseja uma formação e recuperação que o centro dispõe nos estatutos, mas que não consegue oferecer de fato para os seus acolhidos.

O que mais se destacou nesta fala foi o atendimento de pessoas evangélicas, cujo principal benefício é o de serem “organizados”, como ela expressou. Ela deseja ser recuperada “para criar juízo e deixar de fazer besteira”, de acordo com as suas próprias palavras. Esta fala ressalta a eficácia da ação educativa baseada na religiosidade, que é a idéia que defendemos nesta pesquisa.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 05

Pra lá serve pra gente saber escrever o nome. Sei lá?! Brincar com os boy, ver filme, pegar um ranguinho esperto. [...] **Lá a gente estuda e aprende mais** [...] Às vez é legal sim, as vez não... **Depende da tia e do tio... Mas aqui às vez fica muito morgado tio...** Fica mandando a gente pra fazer dever e nem pergunta se a gente tá afim ou não e pegando no pé da gente [...] [...] Não é pra ficar na rua, porque não tem futuro. Não tá pedindo, nem roubar. Vale a pena não... É melhor ficar lá na escola que come e joga bola

[...] não... **Num fazia nada não tio... As veze a gente via filme, fazia tarefa, o nome, pintava, brincava de bola [...]** com os cara maior e c'uns pequeno [...]

[...] Oxente... sei lá! melhorou carai nenhum. **A gente não faz prova [...]** (risadas)
 [...] sei lá tio. **Queria que seja bom e que os tios seja legais; que dê roupa e tudo... Converse com a gente e pa vê o que ta rolando...**

De acordo com esse discurso inicial o atendimento no CFCMPS foi avaliado de forma oscilante, ou seja, ora foi considerado bom, ora não acrescentava nada em termos de formação escolar e estímulo de mudança comportamental. Interpretamos esta oscilação pela valorização de alguns aspectos como a alimentação e abrigo que recebem, e de algumas recreações como os filmes e brincadeiras, o que os jovens não têm nas ruas.

Mas, no final da fala, o sujeito nº 5 deixou claro que o atendimento escolar é falho por falta de provas, como nas escolas regulares. Ficou evidente que este jovem esperava mais dos professores, “os tios”, e que eles não desenvolvem conversas edificantes com os acolhidos, e principalmente, não houve incentivo para a recuperação desse jovem, a ponto de ele escolher sair desse centro.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 06

Comer, passear, tomar banho naquela piscina pôde... Fazer atividade e namorar...[...] [...] **Que nada tio! A gente é ajudada a porra nenhuma!... A diretora nem vem e quando chega ainda vai dizer o que é pra gente fazer... A gente só vê mais jogo e Gináqua pra os meninos.** Eles vão jogar bola e as menina vão tomar banho naquela piscina pôde? Eu não! [...] como é que a gente faz... a gente só vê coisa mais pra os meninos que só quer pegar e comer a gente.

[...] Ei tio!... **os menino num liga pra isso nãaaio tio... Eles querem só encher a barriga e fazer a cabeça [...]** e eles tem a galera deles. Tá pensando... [...] **eu tava mais forte tio não precisava ta dando por aí, nem pedia esmola e nem roubar. Agora faço tudo de novo. Então não melhorou nada! [...]**

[...] **As meninas precisam de mais coisas que [os educadores e administradores] esquecem... Pasta de dente, escova, pente, perfume, toalha, sabonete...** Num é só comer.

A fala do sujeito nº 6, que é a segunda e última entrevistada do sexo feminino do Grupo 1 desta pesquisa, mostrou críticas e denúncias semelhantes ao discurso da outra moça, referida aqui como o sujeito nº 4, só que esta foi mais sucinta nas suas declarações. Ela se referiu à falta de material de higiene específico para as

moças e inadequação das atividades esportivas para as mesmas, além da piscina que não tem manutenção de limpeza.

Ela ainda mencionou a frequente ausência da diretora da instituição e a ocorrência de atividades sexuais e uso de drogas – “fazer a cabeça” - entre os jovens acolhidos neste centro. Ela concluiu que o centro não melhorou sua vida em nada, nem em termos escolares nem em termos de recuperação comportamental, ou seja, ela continua esmolando nas ruas, cometendo pequenos delitos e sendo explorada sexualmente.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 07

Os tio lá devem querer só tapiá. Porque é que num bota todo mundo na escola? Ah! lá tem escolha tio? Pra fazer o que os tio mandam [...] Não dar mancada [roubar uns dos outros ou dos professores], não pular o muro, não pegar as boysinhas, nem entrar com tiner, não bater, nem quebrar nada lá dentro [...] lá é uma Escola... mas que os boy fica mermo é só zuando e o que o cara precisa é estudo tio... e tudo que os outros [jovens] têm [...] tô na rua tio... Vim do interior e num sei como é que vai ficar... Cadê os home [políticos] que num bota escola que preste pra gente? [...] a gente vai ajudar quem se a gente tem que ficar pedindo e roubando? Roubando mermo... É! Tem que se virá [...]

[...] não tive lá ainda não, mas acho que vai ser bom pra mim. Estudá e fazê outras coisas, como jogar e desenhar [...] [...] eu indo pra lá eu não saio porque não vou precisar pedir, nem roubá. Mas o que a gente precisa é aprender uma coisa que quando fique de maior...

Nesta fala o sujeito nº 6 expressou um desejo intenso de ser acolhido pelo CFCMPS, já que ele não esteve lá, mas, ouviu os outros adolescentes da rua comentarem. Ele soube explicitar sua vontade de estudar, receber uma formação escolar profissionalizante, medidas de disciplina e mudar o seu comportamento de drogadição, agressão e violência nas ruas, enfim, de receber ajuda dos educadores para se recuperar. Pela sua fala as suas atividades de mendicância e roubos são desenvolvidas por falta de opção e de oportunidade de ser ajustado e incluído.

No modo carente que demonstrou ele aceitaria ser acolhido no centro, mesmo com as críticas que ele expressou sobre esta instituição, até pelo fato de não

ter mais que “pedir nem roubar”, o que evidencia que ele tem alguns valores de conduta, mas que não pode colocá-los em prática porque vive nas ruas. Demonstrou também uma noção crítica sobre as políticas públicas que não resolvem a falta de escolas eficientes para os jovens pertencentes às camadas pobres da população.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 08

[...] **de aprender e passar o tempo fazendo um bucado de coisas pra um dia a gente ser gente né? Ir pro Gináqua. Mas a gente queria fazer umas tarefas e a professora faltava, o fessor de arte só colocava filme, a diretora ninguém via lá! [...] jogá bola, mas a trave ta quebrada... Computadô, só que os negócio num presta... Piscina, que fede pra burro!**

Gosto de futebol, filme, andar na “besta” [carro de transporte], dever... Muitas vezes não. Sei lá. É bom lá, mas se der mancada, dá confusão e os cara quebram tudo pra botar moral. Mas num vale a pena não, não. Não querem saber quem tem razão. Fica só enchendo o saco da gente... Tudo junto vale mais a pena, fazer outras coisas. Lugar de aprender as coisas. **Pra comer, assistir filme e depois era pra gente voltar direitinho pra casa [...]**

A gente ia passear com os tio lá na Praça da Independência... também ia pra piscina sem os tios e as tias saberem, porque era muito suja. Lá a gente brincava tudim! Uns as vez fugia...Lá as vez a gente aprende... Mas depois esquece. O que era bom era se a gente fosse pra escola pra fazer prova e tudo. No CFCMPS quase num tem dever e a gente fica vendo a merma coisa [...] [...] se tivesse uma família, escola... A rua num vale a pena não tio, os home (polícia) quando pega quebra a gente. Ó como eu to magro? É tíner... queria ir pra o médico e tudo [...]

O discurso do sujeito nº 8 é uma espécie de pedido de socorro em busca de uma escola eficiente, disciplina, família, hábitos regulares de estudo, lazer e respeito. Ele expressou, ao mesmo tempo, uma reflexão crítica com relação às falhas de atendimento do CFCMPS onde “o que se ensina é esquecido” e não tem funcionamento regular, o que é indicado pela falta de avaliações como existem nas escolas regulares. Ele sente falta de uma casa-família para ele voltar para ela “direitinho”, o que pode ser interpretado como um pedido candente de formação, afeição, ética e de medidas disciplinares. Principalmente, este jovem pede para que o tirem da drogadição, já que ele percebe as fragilidades da sua saúde expressas no

seu corpo magro. Neste, como nos outros casos, os jovens se sentem excluídos dos seus direitos tanto na instituição como nas ruas.

3.2.2 PERCEPÇÕES DOS JOVENS DO GRUPO II

Neste item colocamos as falas de cada sujeito separadas, mas, para facilitar fizemos uma análise só para cada par de discursos. Quando foi necessário fizemos as distinções interpretativas dos dados de cada sujeito, indicando a instituição à qual pertence. Algumas falas são mais longas e outras mais resumidas, o que evidencia a diversidade existente entre eles, apesar de os conteúdos serem semelhantes.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 1 DA FAZENDA HOPE

Aqui na fazenda todos os recuperandos participam de todas as atividades, dependendo do seu desempenho. Eu já trabalhei na fabricação de detergentes, amaciantes e desinfetantes. Também passei pela cozinha, pela construção, e agora estou na horta. Logo quando eu cheguei eu trabalhava forçado, mas depois com o tempo eu comecei a descobrir o sentido da minha vida que é o evangelho e daí tudo o que eu faço é por amor... No fim quando eu termino é com aquela alegria dentro de mim.

Os direitos e deveres de nós que estamos aqui se recuperando são muito importantes para nós, porque antes lá fora eu me sentia com muita liberdade pra fazer tudo que me dava vontade e por isso eu acho que vim cair nas drogas. E aqui a gente tem hora pra tudo[...] E o principal que nos segura aqui é o Evangelho de Jesus.

Às 6h e 30m da manhã temos o terço e uma meditação sobre o evangelho do dia. No final do dia temos as 18h e 30m a troca de experiências que é como a gente conta como foi o dia da gente. Pode tirar frutos para passar para os outros irmãos. Todos os sábados temos a comunhão de alma que é para contar como foi sua semana na convivência na espiritualidade e trabalho.

Toda segunda-feira tem uma reunião com os coordenadores e eu faço parte dela. Aí a gente conversa sobre todos os recuperandos para saber quem ta com dificuldades, ajudar com um pouco das experiências que eu vivi e vivo. As atividades é trabalho de casa, dança, teatro, esportes, estudar... A Fazenda Hope representa para mim um milagre de Deus, porque vivo aqui na fazenda há seis meses e o único remédio é o Evangelho. Quando eu tinha quase três meses de tempo aqui, eu botei na minha cabeça que na primeira visita que só acontece com três meses eu ia embora. Mas

quando eu vi a alegria da minha família nos olhos deles, me deu mais força para eu ficar. As atividades são muito boas. No começo, eu não entendia a fazenda. Todo mundo falava muito de amor! E pra mim amor só de mãe... Como é que eu podia amar uma casa com 23 homens? E só com dois (02) meses é que eu fui começando a entender como é que a gente vivia numa casa com vinte e três (23) homens... Tudo vindo do mundo das drogas e conseguia viver sem drogas e sem brigas... E o segredo de tudo é o evangelho... É ver o Jesus abandonado no irmão.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 1 DO GRUPO JOVENS

Meus direito é estudo e trabalhar... O mais é ter lazer e os deveres de respeitar e amar em qualquer circunstância. Essa instituição representa muitas coisas boas. Como uma família de cidadãos de bem. Eu considero um milagre ter encontrado esse lugar, porque aqui é um lugar bom. E se eu não estivesse aqui eu não sei o que seria de mim hoje.

Sim. Porque as vezes trabalhamos em grupo. É uma união! Sim! Porque no dia a dia mais demonstramos ser cristãos, não só na fala mais nas atitudes. Eu percebi que quando eu cheguei eu era uma pessoa do mal e hoje sou uma pessoa do bem. Sim porque o mal que eu fazia hoje eu não faço mais... e o bem que eu não fazia, hoje eu faço!

Sim. Em quase todas as atividades precisamos uns dos outros. Graças a Deus eu tento passar o que de bom aprendi, penso em fazer uma faculdade, pois sei que com Deus tudo posso. Sim... **O Reino de Deus é construído por novos cristãos. Por exemplo: Nós que éramos excluídos, hoje somos embaixadores da esperança!**

Os sujeitos nº 1 apresentam discursos muito semelhantes, ou seja, eles têm direitos e deveres, um cotidiano com rotina cronometrada e organizada da Fazenda Hope, têm responsabilidades e trabalham, além de frequentar escola e ter uma formação religiosa intensa, que é incorporada por eles e que os incentiva a se recuperarem. O traço mais visível e importante da recuperação é o aumento da autoconfiança dos sujeitos e o treinamento para a vida em grupo. Há uma grande ênfase no conagração afetivo entre eles, que é inspirado pelas idéias religiosas que lhes são transmitidas. Eles consideram o atendimento dessas instituições como muito bom. O mais marcante desta fala foi a relação entre a inclusão do sujeito e o pertencimento ao Reino de Deus pelo fato de o sujeito se sentir hoje como “embaixador da esperança” depois de vivenciar a exclusão social.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 2 DA FAZENDA HOPE

Fazemos aqui de tudo um pouco... Trabalho no campo, na cozinha, harmonia, jardim, e também produzimos alimentos e produtos de limpeza. Sim. Como eu sou um dos coordenadores, nós nos reunimos aqui uma vez por semana para colocarmos algumas coisas em [debate e em] prática. Se lembrarmos do sofrimento de Jesus, podemos ensinar tudo com mais amor. **Realmente o que sinto muita falta é sobre a castidade... É muito difícil.... Aqui eu vejo um grande milagre de Deus na minha vida**

DISCURSO DO SUJEITO Nº 2 DO GRUPO JOVENS

Esta instituição representa a Casa de Deus que nos abre as portas. Me sinto coberto de ajuda dos irmãos. [...] eu cheguei aqui praticamente morto... Mas estou ressuscitado como um homem de paz, capaz de ajudar a construir o Reino de Deus.

Nessas falas há primeiramente a menção sobre os trabalhos desenvolvidos em uma dessas instituições, o que é a sua principal forma de atendimento e que é relacionada com a religiosidade. Há também as reuniões que funcionam como forma de estimular a participação e envolvimento do recuperando, uma vez que ele incorpora o trabalho de recuperação como sendo de sua vontade e decisão. Houve, porém uma menção à pregação da prática da castidade que o sujeito considerou muito difícil, mas, logo ele lembrou do milagre que Deus operou na vida dele como se estivesse justificando o seu sacrifício de ficar em abstinência sexual. A abertura das portas da Casa de Deus simboliza também a inclusão e consequente recuperação de cidadania dos jovem, após chegar na instituição “praticamente morto”, como ele definiu.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 3 DA FAZENDA HOPE

Faço todas as atividades. Considerando a minha história de vida, estou muito feliz com Deus, porque estou confiando que vou ser curado. Eu me sinto acobertado pelo Manto sagrado de Jesus para tomar melhores decisões! Me sinto forte para recomeçar. Para se tornar um novo Homem. Participo e faço qualquer sacrifício para aprender e ensinar, lembrando da coroa de espinhos aos meus irmãos daqui...

DISCURSO DO SUJEITO Nº 3 DO GRUPO JOVENS

Tenho ajudado muito aqui e eu me sinto muito bem. É bom porque nós aprendemos... Eu tenho fé em Jesus... Tenho meus deveres (trabalhos e estudos). Mas, também direitos de ver nossa família. Tenho lazeres, como assistir TV, jogar bola, sair com alguns obreiros. As vezes eu participo, porque obedeco mais... Pensei que não ia ser bom... Mas eu sinto como fosse começar a minha vida. Uma nova vida para Jesus Cristo. Eu me sinto um cristão na sociedade. Filho e irmão!

Ambos falam da importância das atividades laborais associada à fé religiosa para a recuperação dos jovens, ou seja, essa é a combinação do atendimento das duas instituições. O Manto de Jesus simboliza a proteção, que lhes é essencial e ajuda no que os jovens necessitam para assumirem o tratamento e tomarem as decisões relacionadas à aceitação das formas de tratamento via religiosidade, as quais têm limites e regras de conduta, além dos direitos, especialmente de lazer, que são oferecidos a eles pelas duas instituições.

DISCURSO DO SUJEITO Nº4 DA FAZENDA HOPE

Tenho a responsabilidade de uma casa (fazenda) em minhas mãos, no seguinte termo: de manter a ordem, ajudar essas pessoas com minha experiência de vida, ajudando assim, a mim também. Me sinto uma pessoa mais madura ao efetuar tarefas que me são dadas. É a única coisa que faz sentido fazer para Deus. O de comandar uma casa. Sou responsável pela divisão de tarefas e me fazer família com todos para que todos se sintam amados e vejam uma diferença em ser diferente. Temos entre nós o costume de ver tudo junto com responsáveis, e também ver o que seria melhor para todos e para o meu crescimento.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 4 DO GRUPO JOVENS

Participo da meditação. Depois laborterapia ocupacional e vou para escola e tenho aula de inglês e acho bom... Me sinto bem em realizar essas tarefas e minha fé em Jesus cresce muito nessa instituição. Tenho alguns direitos: são visitar a minha família no fim da semana e receber visita da minha família e sair se os líderes liberar. Sim! O

sangue de Jesus que foi derramado na cruz me deu o manto sagrado e eu aceitei Jesus Cristo como salvador da minha vida!...

Ambos os discursos são referentes ao trabalho desempenhado e os benefícios auferidos pelos sujeitos nº 4, além dos direitos de visita da família e saídas monitoradas, no caso do Grupo Jovens. Note-se que, como os demais, a aceitação das tarefas ocorre sempre de modo correlacionado com a fé religiosa, que é incorporada de forma aparentemente incondicional pelos sujeitos, a ponto de um deles se tornar um dos responsáveis pela coordenação de um dos setores da instituição. Isso mostra a ênfase dada à inclusão social do sujeito no mundo que o envolve. Neste trabalho os valores e afetividade da família são incentivados, além da aceitação da diversidade social.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 5 DA FAZENDA HOPE

Eu, quando tava na fazenda, trabalhava com construção e doceria e era uma coisa nova para mim por que eu não trabalhava e não gostava de trabalhar... Agora vou contar uma história da minha vida: um dia meu pai arranhou um emprego para mim pegar de 12h até 19h, mas quando dava 14h, 14h e 30m, eu ia embora porque pra mim era mais gostoso ta na rua porque lá eu tinha tudo o que queria, mulher, dinheiro, drogas e etc... Hoje eu me encontro em casa, pois já acabei meu tempo na fazenda. Ao chegar na Fazenda eu me encontrei com vários tipos de dificuldades, eu era uma pessoa muito difícil. Mas algo me fazia querer descobrir essa vida nova que as pessoas que me acolheram me falavam. E fui tentando e descobri a força, o Evangelho na minha vida, e daí foi muitas graças, pois, depois de muitas dificuldades, eu comecei a coordenar a Fazenda com mais duas pessoas.

E hoje, em casa, eu não consigo mais viver a vida sedentária que eu levava antes de viver na Fazenda. Os deveres que tenho na Fazenda são: de obediência, de acolher o que o responsável me impõe, de poder abrir mão das minhas idéias e poder botar em prática as idéias dos irmãos. Agora eu vejo tudo com os coordenadores... Ajudo àqueles que têm dificuldade em cumprir os horários que são botados. Tudo que é realizado na Fazenda, os coordenadores junto com o responsável, se senta e chega a uma conclusão. Faço sacrifício, porque eu aprendi que tudo que recebo é de graça e de graça tenho que dar. Que era difícil era... Mas que depois das dificuldades, vem a graça! Com certeza eu falaria porque eram histórias sábias que faz todo sentido...

O trabalho aqui representa um milagre, pois ela soube como me guiar... coisa

que nem meus pais tinham mais paciência... Pois eles já tinham me botado pra fora de casa... pois todos os dias nos encontramos para uma troca de experiências. E todos os sábados fazemos comunhão de almas, onde dizemos como estamos com o trabalho, a espiritualidade e a convivência.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 5 DO GRUPO JOVENS

Eu participo de muitas atividades como o “discipulado”, aprendo com Jesus a perdoar nossos inimigos, por que Deus ensinou a amar aqueles que nos ofenderam. **Eu também participo de trabalho como capinar, estrovengar, fazer plantação, como se limpar o quarto e a casa que moro.** Sabendo que Jesus morreu na cruz pra nos salvar eu fico mais instigado pra trabalhar, se a gente trabalhar pensando Nele e com o coração limpo e pedindo perdão a Deus, nós seremos salvos porque Deus é Amor.

Esta instituição é bem simples. **Nós temos reforço de inglês, aula de computação, um campo de futebol, uma quadra de basquete e vôlei, um refeitório grande.** Nós acorda de seis da manhã e arrumamos o quarto até seis e meia. Tem que ta na hora certa do café: de sete horas. De sete e meia no “discipulado”. De oito horas atividades até dez e meia. Depois tomar banho e de onze horas almoçar até onze e meia, porque de onze e quarenta o ônibus passa para levar à escola. Nós chega de seis horas para o jantar... **Também a gente tem regalia para sair sozinho para João Pessoa, qualquer lugar... Tendo um comportamento bom nós podemos ter regalia. Eu participo de ajudante de pedreiro, como fazer massa, pintura, arquiteto eletricista, aula de informática tem alguns meses [...]**

No discurso do sujeito nº 5 da Fazenda Hope se observa as transformações comportamentais com mudanças de hábitos, valores e disposição para a recuperação da cidadania, promovendo inclusive a conquista da profissionalização, emprego e status diante dos familiares e antigos amigos, onde houve a construção da auto-estima do sujeito. Na fala do sujeito do Grupo Jovens nota-se o trabalho que pode ser até mesmo braçal, mas, sobretudo, feito dentro de um cotidiano organizado e cronometrado com escola, esportes, aprendizagem da língua inglesa e de computação, entre outras atividades sempre interligadas entre si e com a religiosidade como estratégia educacional.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 6 DA FAZENDA HOPE

[...] Até o dia em que não agüentei mais a vida que eu estava levando... Foi quando eu procurei ajuda e descobri a Fazenda. Aqui tudo é diferente do que eu

vivenciei na rua. Aqui a vida é muito regrada nos horários.

Antes eu sentia um prazer muito grande nas drogas... Mas era passageiro e o de Deus é eterno. Sou recuperando e estou me preparando para a coordenação da casa. Aqui a gente só toma decisões juntos e com Jesus “em meio”. Eu participo dos planejamentos e sou uma peça muito importante aqui dentro. Eu tenho que dar exemplos. Fazer com que os mais novos sintam curiosidade de querer essa vida nova; não escolho nada, tudo é Deus que me guia e ilumina nesses passos. O meu sacrifício aqui dentro é o morrer das minhas vontades e fazer só a vontade de Deus. Claro, vivendo o evangelho de Jesus.

Hoje sou uma outra pessoa! Um homem novo de verdade! E com muita sede de viver e recuperar o tempo perdido! Sim! Vou provocar muita curiosidade lá fora... Serei até motivo de deboches para alguns, mas com a fé que tenho hoje, vou entrar pra mostrar que é possível ter uma vida de paz e amor no mundo em que vivemos hoje. Hoje acredito que encontramos a paz e a liberdade dentro de nós mesmos.

SUJEITO Nº 6 DO GRUPO JOVENS

Eu participo de um grupo de danças. Trabalho, às vezes eu faço artesanato e bijuteria. Eu me sinto muito feliz por que é uma coisa que estou fazendo para Deus e não para os homens. A Fé em Cristo tem me ajudado porque eu sou uma *nova criatura*.

Meus direitos são acordar cedo, participar das meditações. Ter respeito com meus amigos e ajudar as crianças que vêm morar aqui. As que vêm da rua, falar sobre Jesus Cristo para que eu não venha se contaminar com as coisas que elas vêm trazendo da rua. **Às vez eu me sinto muito acobertado pelas pessoas que nos dá muitos conselhos e nós se anima muito. Aí eu tomo minha decisão certa que é preciso tomar. Eu participo quando é pra planejar algo que tem que ser junto, quando é pra fazer uma atividade e outras coisas.**

Primeiramente se percebe a comparação entre o Antes e Depois do acolhimento do sujeito da Fazenda Hope, onde os sujeitos passaram a vivenciar regras, trabalhos e vida organizada por horários e atividades sistematizadas. O planejamento das tarefas é participativo e envolve artes, artesanato e danças – para o sujeito nº 6 do Grupo Jovens -, além da meditação e orientação, que geram o envolvimento dos sujeitos atendidos nessas instituições.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 7 DA FAZENDA HOPE

Aqui eu faço todo tipo de atividade que me pedirem pra fazer! No momento eu sou o [reponsável pela] harmonia da casa, ou seja, sou responsável pela limpeza geral da casa, mas também posso ir pra horta ou pro jardim, ou pro machado ou pra enxada. [...] **faço tudo com amor porque sei que Deus não vai medir a perfeição do que eu faço, mas o quanto eu me esforço para realizar. E por isso posso dizer que me sinto acobertado pelo Manto Sagrado de Jesus.**

Vou dizer a verdade: aqui na fazenda não tem quase lazer, nem facilidades, que é um enorme teste em relação a fé que se tem em Deus. Que a Fazenda além de ser um local para se livrar das drogas, é também um lugar onde se tem a chance de se criar grande intimidade com Deus. Me sinto um homem novo com certeza.

Diante da sociedade eu era apenas um número de estatística. Mais um bandido. Mais um viciado. Mais um ladrão. Mais um assassino. As vezes, mais um eleitor, enfim, apenas mais um. Como filho, eu fui um péssimo filho. Decepcionei inúmeras vezes minha família, principalmente, minha mãe. Como estudante me daria uma nota 5,0... No entanto, depois da droga, passei a ser um cara mercenário, que só se aproximava das pessoas por aquilo que elas podiam oferecer... MAS, SE DEUS QUIZER: Vou sair daqui como um homem benquisto na sociedade.

DISCURSO DO SUJEITO Nº7 DO GRUPO JOVENS

As atividades que eu pratico são lavar louça, catar folhas do chão, ciscar a base, varrer a casa. Limpar o refeitório onde nós comemos. E quando eu realizo essas tarefas eu me sinto alegre por terminar e saber que posso ser alguém na vida.

Eu me sinto acobertado pelo Manto Sagrado de Jesus que é a sua mão para fazer todas as coisas.

Sim. Eu e os outros trabalhamos sempre em grupo e realizamos a tarefa juntos. E me sinto muito bem ser visto como servidor de Jesus. **O que melhorou em mim foi que antes de eu chegar ao Grupo Jovens eu era bagunceiro, desrespeitava todo o mundo. E agora eu sou mudado. Não faço mais essas coisas erradas. E agora eu me sinto muito bem como se tivesse nascido de novo.**

Nessas falas se destacam as atividades e tarefas que os sujeitos desempenham e comparam a vida nas instituições com a anterior que já tiveram, com drogas e “coisas erradas”, como um deles classificou. Vemos o Manto de Jesus ser citado, o que significa proteção e inspiração para os novos comportamentos e valores que adquiriram. O renascer se relaciona com a ressurreição de Cristo, que

é uma metáfora utilizada para estimular a mudança e transformação para a inclusão e recuperação da cidadania dos sujeitos.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 8 DA FAZENDA HOPE

Eu trabalho na coordenação da fazenda, onde acompanho os jovens, faço a formação pedagógica, humana e espiritual, distribuindo atividades e responsabilidades entre os jovens provocando um comprometimento maior deles e organizo a parte administrativa como contabilidade e finanças. Pra mim, realizar essas atividades é devolver aquilo que recebi de graça na fazenda e que nunca poderei pagar que foi encontrar o sentido da vida, além de ser para mim a descoberta de uma vocação e a continuidade da busca pela santidade e da conversão diária. **A minha fé em Jesus Cristo, tem sido a força motriz e àquilo que dá sentido ao trabalho, a convivência, e o manual do “homem novo”.**

Me sinto totalmente envolvido no Manto Sagrado, pois, é impossível com forças humanas transformar a vida de alguém. Participo da tomada de decisões e juntamente com um grupo de coordenadores formado por jovens que estão se recuperando, decidimos com “Jesus em meio” a nós o melhor para cada situação.

As atividades são baseadas num tripé: trabalho, onde coloco minha energia a disposição de todos, descobrindo meus dons e aprendendo a fazer tudo com amor, canalizando minha jovialidade e equilibrando minha sexualidade. A espiritualidade como base de vida nova e “bússola” nas tempestades da vida, aberto ao diálogo ecumênico e disposto a amar a todos e não ver nas diferenças religiosas uma barreira. A convivência como instrumento de vivência da fé, na doação ao outro, no amor recíproco e na descoberta de mim mesmo. **Acho que à medida em que nós cristãos nos amarmos o mundo acreditará e sofrerá transformações, pois, ofertaremos o próprio Cristo ressuscitado em nosso meio.**

DISCURSO DO SUJEITO Nº 8 DO GRUPO JOVENS

A gente faz de tudo aqui: capina, extrovenga, cozinha, lava, arruma... Isso é chamado de terapia ocupacional. Tem que ter essas atividades pra ocupar nossa mente. Pra esquecer o mundo de besteira que eu fazia. Sim, por que eu não fazia nada lá fora e faço aqui dentro por que quero mudar de vida e só to conseguindo por que Jesus Cristo está aqui em JOVENS e comigo. **Descobri que não preciso de drogas para viver! Que sou um menino bom! E que tenho Deus no coração!**

Acima vemos o discurso de um jovem já maior de idade que hoje desempenha um importante cargo administrativo na Fazenda Hope. Vale ressaltar que os sujeitos que apresentam melhor resultados nos trabalhos e recuperação são agraciados ou por regalias, como no Grupo Jovens, ou por receberem funções de coordenação de setores da fazenda, o que é mais um estímulo para os acolhidos. E quanto mais ascendem na hierarquia dessa última instituição – que se configura como um dos seus aspectos operacionais mais importantes –, mais expressam um discurso padronizado que é voltado para o tripé de componentes que dão estrutura para o funcionamento da mesma: trabalho, espiritualidade e convivência harmoniosa entre eles.

Mas, como vimos nos depoimentos dos dezesseis sujeitos do Grupo II aqui apresentados, a essência de ambos os sistemas – Faz. Hope e Grupo Jovens - está no trabalho, espiritualidade e afetividade, **que são aceitos e incorporados por cada sujeito acolhido, de modo que ele deseje, decida e conduza por si próprio e pela orientação constante dos coordenadores, a sua transformação para a inclusão e recuperação da cidadania.** Ambas as instituições recorrem à simbologia do Manto de Jesus – que é o tema-título desta dissertação –, que sintetiza a inspiração oferecida aos sujeitos para estimulá-los no envolvimento religioso que os protege e estimula individual e coletivamente para a sua transformação positiva.

3.3 COMPARAÇÃO DAS FORMAS DE ATENDIMENTO DOS JOVENS DO GRUPO I E GRUPO II

Neste item processaremos a comparação dos dados que expressaram as percepções dos sujeitos do Grupo I – do CFCMPS – e do Grupo II – da Fazenda Hope e Grupo Jovens –, sobre as formas de atendimento que lhes foi oferecido. É importante ressaltar que apresentaremos uma síntese das percepções, já que houve muitas repetições no conteúdo dos discursos, tornando então necessário que seja feita uma sistematização dos mesmos para tornar a comparação mais operacional e objetiva.

GRUPO I

|

1. Deficit na inclusão no sistema regular de ensino; fragilidade das estratégias pedagógicas, ausência e falta dos educadores e direção. Não encaminhamento ao mercado de trabalho quando os jovens atingem a maioridade.

GRUPO II

1. Há inclusão educacional no ensino regular assim como cursos extras e práticas profissionalizantes (inglês e computação). As atividades pedagógicas incluem arte (dança e artesanato), e há planejamento participativo, meditação e orientação

GRUPO I

2. Ausência de regras e limites comportamentais, demonstra a incompetência para concorrer com os atrativos da drogadição e criminalidade;

3. Desorganização na instituição, como por exemplo: piscina sem manutenção e limpeza, portas e materiais permanentes quebrados, computadores danificados, afeta diretamente a auto-estima do recuperando e as interações entre eles e os educadores;

4. O desencanto profissional e falhas na capacitação da maioria dos educadores fragiliza a proteção institucional do recuperando com repercussões negativas para a saúde e a integração social;

5. Há exiguidade de materiais de consumo (roupas, higiene e pedagógicos). Ausência de acompanhamento clínico para tratamento da drogadição em momentos de crises de abstinência;

6. Há falhas nas construções coletivas das regras e limites comportamentais. Faltam orientações sobre os direitos e deveres do jovem cidadão (ECA);

7. A descrença no potencial das crianças e jovens oriundos das ruas e escassez das atividades terapêuticas, desmotivam o desejo de inclusão social pela participação ativa na mudança comportamental;

GRUPO II

2. A disciplina é oferecida junto com as vivências religiosas. Essas instituições atendem os jovens também através de limites, regras de conduta e direitos como o lazer e visita da família;

3. Organização das casas e ambientes harmônicos mantidos pelos próprios acolhidos, com atividades cotidianas cronometradas, promove neles uma satisfação respaldada na construção da auto-estima, afetos e idéias religiosas intensas com valores éticos e morais e o desejo da recuperação;

4. A proteção representada simbolicamente pelo "MANTO DE JESUS", propicia a promoção de mudanças de hábitos e valores e demonstra a possibilidade da recuperação comportamental;

5. O atendimento das instituições é baseado na hierarquia, trabalho, organização, visão sistêmica da família e compreensão da diversidade social que são firmemente correlacionados com a fé religiosa

6. O aspecto simbólico do "Reino de Deus" é como uma chave para o processo de transformação pessoal, baseada em direitos e deveres;

7. A força da religiosidade, estabelecida na simbologia da "Ressurreição" e o trabalho organizado e produtivo, servem como uma fórmula aceita individual e coletivamente para promover a inclusão dos jovens;

A comparação acima evidencia a gritante diferença entre o atendimento da instituição do Grupo I e as duas do Grupo II. No entanto, nossa análise tem como objetivo justamente ressaltar o resultado positivo das estratégias educacionais apoiadas na religiosidade oriunda de estruturas administrativas não-governamentais. Há várias causas para esta discrepância entre as instituições religiosas e laicas, mas, em grande parte isso ocorre porque as instituições estatais são mantidas por um sistema complexo e eivado de problemas de malversação de verbas, descaminhos administrativos, desvalorização dos profissionais e outros problemas que impedem o planejamento das atividades e atendimentos ofertados por elas.

De acordo com Medeiros (2008, p. 78-79), os profissionais das instituições educacionais públicas se acomodam e, como se diz popularmente, vão “tocando o barco como dá”. Eles “buscam soluções baseadas no improviso e senso comum”, sem se preocuparem com o acompanhamento pedagógico, disciplina, faltando material didático, limpeza e higiene no ambiente escolar, falta de capacitação dos professores e muitos outros problemas que agravam e comprometem o resultado de transformação e promoção social dos acolhidos. Sobre as didáticas religiosas Medeiros (2008, p. 110) esclarece:

Essas abordagens destacam o papel de relevo que cabe aos celebrantes e aos rituais religiosos (educativo portanto), através dos quais mensagens e valores são incutidos nos fiéis. Um clero capaz de levar a seu rebanho a palavra certa, na linguagem certa e pelo meio apropriado, é uma quase garantia de coerência entre a Ética e a Moral, ou entre a Concepção do Mundo e as normas de conduta que a seita ou igreja concebe e defende. No limite, a existência ou não dessa coerência pode ser a grande diferença entre uma formação social bem estruturada, integrada, [ou] em crise ou em processo de desestruturação.

Por outro lado, as instituições religiosas atuam de modo a estimular os recuperandos a desejarem, aceitarem e incorporarem os valores, normas e limites comportamentais, que não tinham ou não praticavam quando eram drogaditos e/ou estavam nas ruas. Na prática, as instituições religiosas aqui focalizadas realizam o que Durkheim (1996) chamou de “percurso do profano para o sagrado”, sendo que aqui o sagrado se tornou um símbolo polissêmico porque significa, entre outros, a

“salvação”, que neste contexto conota a transformação dos sujeitos jovens em situação de risco para a inclusão e recuperação da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa primeira reflexão conclusiva se refere ao fato de constatarmos que de nada adianta termos leis competentes como o ECA, que é garantido pela Constituição Brasileira de 1988, porque a questão é o **não cumprimento das leis, que neste caso se reflete na ineficácia do atendimento público dos jovens com dependência química e em situação de risco que vivem nas ruas**. É o que nos mostraram os dados das falas dos jovens do Grupo I, que foram atendidos pela instituição pública aqui focalizada, cujos estatutos são voltados para a formação cidadã, mas que, na prática, isso não ocorre.

Temos ainda outros agravantes da drogadição. Esta questão é, em si mesma, uma problemática complexa, que atinge o mundo atual como um todo, e seduz os jovens em geral e, principalmente, os de condição mais vulnerável que são os de origem pobre, sem estrutura familiar e educacional organizada e estável. Segundo Zaluar (1997), que vai contribuir para a nossa reflexão final, os adolescentes pobres quase não têm alternativas de futuro a não ser através do uso e participação no mundo das drogas, que no início encantam, pelo prazer que proporcionam, mas, depois os leva para a delinquência e a morte prematura.

A grande diferença, e aqui está outra manifestação da desigualdade neste país, é que os usuários pobres não têm o mesmo acesso a serviços de saúde para tratá-los. Em suma, sem uma política pública e sem um projeto educativo de prevenção e tratamento do uso de drogas entre os jovens, especialmente os pobres, não conseguiremos modificar o atual cenário de descaminhos e vulnerabilidades deste segmento excluído da juventude atual. De acordo com esta autora, não basta acenar apenas para a escolarização, a profissionalização e para oportunidades adequadas no mercado de trabalho, pois isto seria simplificar a questão das drogas.

De acordo com esta autora, há uma concorrência desigual entre o mundo das drogas, com seus prazeres iniciais e descompromisso inerentes ao seu universo, por um lado, e de outro a pobreza, abandono familiar, desemprego, falta de formação escolar, prostituição e o dinheiro fácil oferecido pelas quadrilhas para

assediar os jovens a se tornarem “aviões”, ou seja, participarem das vendas e entregas desse material para os usuários de todas as classes sociais. Essas quadrilhas, que muitas vezes atuam junto com máfias internacionais ricas e poderosas, pressionam, ameaçam e matam milhares destes jovens, e as polícias ou não querem ou não têm condições e equipamentos para vencer esta guerra, que existe principalmente nas grandes cidades brasileiras.

Hoje temos a enfrentar, simultaneamente, uma questão social, que é também uma questão de educação e de saúde pública, articulada a questões jurídico-penais e policiais. As poucas políticas públicas existentes acabam então por serem inoperantes para arcar com a prevenção do problema dos menores de rua, que são a ponta do iceberg da miséria provocada pelo sistema capitalista neoliberal globalizado. Além disso, o fluxo de lucros gerados pelo comércio das drogas corrompe muitos políticos das classes dominantes, e o Estado termina por não conseguir vencer esses descaminhos dos recursos que são dotados para as instituições educacionais estatais para o atendimento dos menores vulneráveis, mas, nem sempre chegam ao seu destino.

Neste sentido observamos que as instituições religiosas têm uma organização administrativa sólida e são mais estruturadas na captação e uso dos seus recursos, até porque, mesmo as de cunho internacional, têm um controle financeiro mais descentralizado e estável, o que lhes permite a sua autosustentabilidade. Além da motivação espiritual dos seus educadores e técnicos, eles têm facilidades como as de moradia, treinamentos eficientes e remunerações mais gratificantes, além de equipamentos e estruturas logísticas que são mantidas de modo impecável.

Em suma, na comparação entre as estruturas governamentais e não governamentais religiosas, essas últimas apresentam um fluxo de recursos mais transparente e com uma distribuição que é feita com uma competência racional que é elevada ao superlativo. É por todas essas razões que essas instituições religiosas são consideradas quase como modelos, não só em termos financeiros e administrativos, mas, também, principalmente por atingirem suas metas e objetivos educacionais e de recuperação da cidadania dos jovens em situação de risco.

Historicamente, no Brasil, sempre houve instituições religiosas que foram relacionadas com o acolhimento de crianças e jovens abandonados, a partir da Roda dos Expostos do Brasil Colônia, citada por Cabral e Souza (2004). É evidente que nem todas as instituições religiosas desenvolveram didáticas adequadas, e, no caso deste contexto, muitos abandonados tinham que fazer trabalhos forçados, eram punidos com agressões físicas e sofriam de preconceitos, como criticam essas autoras.

Há também os incontáveis escândalos de pedofilia e outros abusos, que foram e são ainda mal solucionados e envoltos por silêncios que são, no mínimo, estranhos. Em outras palavras, **não se pode utilizar sempre a conexão da religião com a inclusão e recuperação da cidadania** dos jovens abandonados, drogadiços e delinquentes das ruas, bem como, **nem todas as práticas religiosas são exatamente positivas e saudáveis**, vale ressaltar.

No entanto, a mediação da didática religiosa focalizada no contexto desta pesquisa tem sido invocada com efeitos positivos, especialmente na questão do tratamento da drogadição e recuperação da cidadania para a inclusão destes adolescentes.

Temos clareza de que as estratégias religiosas adotadas pelas instituições do Grupo II para a recuperação da cidadania dos seus acolhidos são eficientes porque oferecem atendimentos e práticas pautados por um ideário que inclui a construção da auto-estima dos sujeitos, que **aceitam, desejam e escolhem a proposta do tripé composto por “espiritualidade, trabalho e convivência harmoniosa” entre eles**, como é citado diretamente pelos sujeitos da Faz. Hope e indiretamente pelos adolescentes do Grupo Jovens.

Esse envolvimento e participação individual e comunitário dos jovens recuperandos, no nosso entender, é a chave do resultado positivo deste trabalho. Esse tríduo significa que os acolhidos fazem trabalhos braçais, têm atividades e rotinas cronometradas com precisão e vivenciam um sistema de regras e limites que substitui radicalmente tudo o que lembra a vida anterior dos drogaditos – ausência de família, desamor, falta de limites e de regras, os quais **todo ser humano deveria ter, com ou sem a ajuda da religiosidade**.

Isso significa que se trata de uma proposta de transformação de dentro para fora dos indivíduos, ou seja, não há imposições autoritárias e sim mudanças de valores e mentalidades, num ambiente físico aberto e sem cadeados. É tudo o que um trabalho educacional se propõe a fazer e que deveria atingir a todos as crianças para evitar os descaminhos destrutivos que o mundo capitalista lhes oferece.

Além disso, como vimos, nas duas instituições religiosas aqui focalizadas há um sistema hierárquico que é apoiado em recompensas baseadas primeiramente pelos princípios religiosos e pela fé, cujo fundamento é tanto apoiado no Ser Supremo – simbolicamente do Alto, como se posicionam as autoridades – quanto pela crença dos indivíduos (e comunidades) por eles mesmos. Nessa estrutura material e simbólica surgem então os estímulos pelo bom desempenho das funções cotidianas, cuja rotina é baseada em orientações, ensinamentos e condicionamentos rígidos, que leva os sujeitos acolhidos a se concentrarem e desejarem intensamente a sua própria recuperação. O estímulo espiritual que gera esse desejo e aceitação das novas regras e limites parecem ser, ao nosso ver, a complementação essencial do trabalho educacional de recuperação e inclusão desses jovens que viviam nas ruas.

Quando os recuperandos conseguem conquistar esses enquadramentos e serem valorizados, premiados e amados por isso, alcançam a competência para vencerem (por si mesmos e com apoio de suas comunidades) a concorrência com as atrações vazias, destrutivas e depressivas das ruas. É que a drogadição e a liberdade vazia e sem limites éticos que a acompanha traz muito mais sofrimento que prazeres. Recorde-se que, mesmo sem o apoio da religiosidade, um dos jovens viciados das ruas acabou pedindo ajuda – que por sinal não lhe foi dada – para sair do quadro de dependência química que lhe causava visível fragilidade de saúde.

Consideramos que, mesmo com a rigidez de regras, limites e horários precisos das atividades, o atendimento baseado nessas estratégias são imprescindíveis para a recuperação da cidadania e inclusão dos jovens em situação de risco. A religiosidade e os símbolos cristãos envolvidos – Manto Sagrado de Jesus, Ressurreição e Reino de Deus – que são invocados nas estratégias educacionais das instituições do Grupo II, representam respectivamente a *proteção*,

a transformação pessoal e a consequente construção de uma nova sociedade que deveria ser apoiada idealmente nesses valores.

A formação e dedicação abnegada e espiritualizada dos educadores das instituições confessionais do Grupo II se tornam, então, opostas à situação dos que compõem o quadro docente da instituição laica do Grupo I. Entretanto, queremos ressaltar que o problema maior da falta de eficácia educacional desta última não é exatamente a falta de religiosidade e nem de conhecimentos técnicos desses profissionais educadores no atendimento dos jovens, e sim, a sua lacuna de valorização salarial, comprometimento afetivo-solidário, dedicação e encantamento com o trabalho educativo e os resultados que podem auferir do mesmo, como indica Medeiros (2008).

Recorde-se que os sujeitos do CFCMPS indicaram insistentemente na ausência da diretora, faltas e impontualidade dos professores, desânimo, indisposição para o disciplinamento dos acolhidos, falta de higiene e até de perversões sexuais e uso de drogas dentro dos muros deste centro. Enfim, trata-se do “fazer de conta que os problemas não existem” para não terem o trabalho de minimizá-los. Quando surgem alguns profissionais interessados em desenvolver alguns trabalhos de modo mais comprometido e consequente, surgem sempre os que querem sempre desmotivá-los, pois, o bom desempenho de poucos coloca sempre em destaque as falhas dos demais.

Neste trabalho chamamos a atenção para as formas alternativas eficientes, que podem servir como exemplos de atendimento a esse segmento da sociedade, além das suas competências administrativas e financeiras. Vale enfatizar que os sistemas democráticos são calcados em valores como a igualdade social, justiça, fraternidade, solidariedade, que por sua vez propiciam a participação produtiva dos cidadãos na sociedade. Os segmentos econômicos do capitalismo neoliberal atual deveriam ter mais espaço e recursos para a qualidade de vida dos cidadãos que, por terem direitos e deveres, poderiam ser mais integrados e harmonizados com as pessoas entre si e o meio ambiente em que habitam. Esse ideário é também correspondente aos valores religiosos, portanto, não deveria haver tantas

contradições entre a educação laica e religiosa, no que diz respeito à preparação dos jovens para se incluírem e viverem bem na sociedade civil.

Então, quando os jovens se organizam interna e externamente na vida através da sua formação e auto-transformação, eles formam novas redes de conhecimento e atuação produtiva, onde a inclusão e recuperação da cidadania torna equivalentes o pertencimento a uma sociedade humana e ao Reino de Deus ao mesmo tempo. Ou seja, as pessoas podem ter a dupla cidadania, a do Reino dos Céus e do Reino da Terra, preconizada ainda no século XVI por Calvino. Em outras palavras, tanto a sociedade quanto o Reino de Deus devem incluir TODOS.

O direito dos cidadãos de terem acesso a um lugar na sociedade pode ter também o significado de eles terem o direito ao ao “banquete celestial de Deus” para o qual necessitamos de afeto, encorajamento, ensino, advertências e consolação. Esse ideário religioso também pertence ao da filosofia política, e tem correspondência com a pedagogia religiosa cristã aqui retratada, portanto, pode então ser oferecido no atendimento dos jovens em situação de risco, os quais são estimulados, pelas estratégias educacionais religiosas, a transformar esses valores em patrimônio pessoal e espiritual de todos e de cada um deles.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. Violência urbana, justiça criminal e organização social do crime. São Paulo, Núcleo de Estudos da Violência da USP, mimeo, 1990.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Elfos, 1995.
- _____. **O sistema dos objetos**. 4^a ed., São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BANDEIRA, D. R., Koller, S. H., Hutz, C. S., & Forster, L. **O Cotidiano de Meninos e Meninas de Rua**. XVII International School Psychology Colloquium, Campinas, São Paulo, 1994 (ON LINE).
- BAUMAN, Zigmunt. **Vida para consumo**: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BÍBLIA SAGRADA: **Nova Trad. na Ling. de Hoje**, Ed Barueri (SP): Soc. Bíblica do Brasil, 2005
- BOGDAN, R. L; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto, 1994.
- BOLEN, Jean Shinoda, M. D. **“O Anel do Poder”**; Editora Cultrix; 1992.
- BRASIL. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: CORDE, 1994.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. LDB 4024 – 20/12/61. Brasília, Ministério da Educação e Cultura/MEC: Gráfica do Senado, 1961.
- _____. **Relatório de Avaliação da Educação Básica**. Brasília: Inep/MEC, 1999.
- _____. **Constituição Federal. de 1988**. Disponível em: www.in.gov.br/seesp/imprensa/constituicao/con1988br.pdf Acesso em: 10 mar 2007.
- _____. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF. 1996. Disponível em: <http://www.mec.gov.Br/seesp> Acesso em: 10 de março de 2007.

BRITO, S. M. O. **Trabalho e aspirações de meninos de rua**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 1992.

CABRAL, Suzie Hayashida e SOUSA, Sonia Margarida Gomes. O histórico processo de exclusão/inclusão dos adolescentes autores de ato infracional no Brasil. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 71-90, jun. 2004 (ON LINE).

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CHACINA DA CANDELÁRIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chacina_da_Candelária>, acessada em 01/02/2009.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Candeia, 1995.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CHRISTI, Lúmen. **A fé católica**: documentos do Magistério da Igreja: das .Anápolis. Diocese de Anápolis. Rio de Janeiro. Disponível em www.pucrs.br/fateo/pos/mestrado/68_Silveira.pdf - Acesso em junho de 2008.

COLLANTES, Justo (Org.). **A fé católica**: documentos do Magistério da Igreja das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003.

CRISTIANI, Mons. **Brève histoire des hérésies**. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1962.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DANIEL-ROPS, Henri. **História da Igreja de Cristo**. São Paulo: Quadrante, 2006.

DUFFY, Eamon. **Saints and Sinners**: A History of the Popes. Yale: Nota Bene, 2002.

DUPAS, Gilberto. "As várias Dimensões da Exclusão Social e da Pobreza". In DUPAS, Gilberto. **Economia global e exclusão social**. Pobreza, Emprego, Estado e Futuro do Capitalismo. São Paulo: Paz e Terra. 1999.

DURKHEIM, Émile – **"As Formas Elementares da Vida Religiosa"**. Rio de Janeiro: Martins Fontes Ltda, 1996.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: EDUNB, 2001.

EBY, Frederick. **História da educação moderna, Teoria, Organização e Práticas Educacionais**. 5ª. ed., Porto Alegre: Globo, 1978.

ELWEL, W. **“Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã”**. São Paulo: Vida Nova; 1990.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura do consumo e pós-modernismo**, São Paulo: Studio Nobel, 1995, 119-133. Aula expositiva e material para resumo.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FIRMINO, Antonio Ricardo Beltrão. **Vez e Voz dos Meninos de e Meninas de Rua**. João Pessoa: Monografia de Especialização em Psicopedagogia pelo Convênio IESP/UNAVIDA, 2007.

FORSTER, L. M. K., Barros, H. M. T., Tannhauser, S. L., & Tannhauser, S. L. Meninos de Rua: **Relação entre Abuso de Drogas e Atividades Ilícitas**. ABP-APAL, 14, 115-120, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

GABEL e WHEELER. **A Bíblia Como Literatura**. São Paulo: Loyola, 1993.

GENTILI, Pablo. “Adeus à Escola Pública: A Desordem Neoliberal, a Violência do Mercado e o Destino da Educação das Maiorias”. GENTILI, Pablo (Org.). **Pedagogia da Exclusão: Crítica ao Neoliberalismo em Educação**, 4ª Ed., Petrópolis: Vozes, 1998.

GORDON D. Fee & STUART, Douglas, **“Entendes o Que Lês?”**. São Paulo: Vida Nova; 1986.

JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977.

KOLLER, S. H. **Julgamento Moral Pró-Social de Meninos e Meninas de Rua. Tese de Doutorado.** Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 1994.

KUMMEL, W. G. **Introdução Ao Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 1982.

LAVILLE, Christian e DIONE, Jean. **A construção do saber:** Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. São Paulo: Artmed, 1999.

LIMA, Elinaldo Renovato de, **Artigo Ética cristã.** Disponível em: www.planetanews.com/produto/L/89226/ acesso em março de 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero. A moda e seu destino nas cidades modernas.** Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

LONDOÑO, Fernando Torres. A origem do conceito menor. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História da criança no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1998. p. 129-145.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação:** Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO NETO, Z Meninos trabalhadores. **Cadernos de Pesquisa**, 31, 95-101, 1979.

MACIEL, Carla, BRITO, Suerde e Camino, Leoncio. **Caracterização dos Meninos Em Situação de Rua de João Pessoa.** Disponível em www.dreamscanbe.org/ acesso em setembro de 2007.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão Escolar:** O Que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MEDEIROS, Mário. **Pedagogia do desafio.** 3ª ed., EDUPE, 2008.

NOTO, A. R., NAPPO, A. R. et al. **III Levantamento Sobre o Uso de Drogas Entre Meninos e Meninas Em Situação de Rua de Cinco Capitais Brasileiras.** CEBRID/ EPM, 1993.

ORLANDIS, José. **História breve do Cristianismo**. Tradução de Osvaldo Aguiar - Lisboa: Rei dos Livros, 1993.

PAIXÃO, Antonio L. "Crime, controle social e consolidação da cidadania", *in* F.W.Reis e G.O'Donnell, **A democracia no Brasil: dilemas e perspectivas**. São Paulo, Vértice, 1988.

PINHEIRO, Paulo S. *et al.* "Violência fatal: conflitos policiais em São Paulo (81-89)". **Revista da USP**, 95, 1991.

RIBEIRO, I. Sociedade e família no Brasil contemporâneo: de que menor falamos? Em I. Ribeiro & M. L. V. A. Barbosa (Orgs.). **Menor e Sociedade Brasileira** (pp. 27-39). São Paulo: Edições Loyola, pp. 27-39, 1987.

RICOEUR, Paul. **O mal**. Campinas, Papirus, 1986.

ROGERS, C. R. **Liberdade para Aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

ROSEMBERG, F. "**Estimativas de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua na cidade de São Paulo**". Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, 91, 30-45, 1994.

SILVA, Margarida Pereira da. **Vida e obra de Margarida Pereira da Silva**. João Pessoa, Digitado, s/data.

SOUZA, Charles Alberto Barbosa de. **Caracóis: Uma abordagem do fenômeno social "meninos de rua"**. Recife, ANAIS DO IX CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ANTROPOLOGIA SOBRE O IMAGINÁRIO, 2000 (ON LINE).

SOUZA, Okky de. "**Como a Fé Desempatou o Jogo**". Revista *Veja*, S. Paulo: Abril, 07/02/2007.

WOHL, Louis de. **Fundada sobre a rocha, história breve da Igreja**. Tradução de Teresa Jalles - Lisboa: Rei do Livros, 1993.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 6ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ZALUAR, Alba. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas.

Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 12, n. 35, São Paulo, Feb. 1997 (ON LINE),

Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=scie_arttex&pid=s0102-69091997000300003&inq=en&nrm=iso>

ZWEIG, Stefan. **Uma consciência contra a violência**. 1^a. ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1947.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Roteiro da entrevista semi-estruturada, direcionadas aos sujeitos da instituição laica governamental.

Nome _____ Idade _____

Grau de escolaridade _____

Naturalidade _____

1. Para você que vive e/ou freqüenta a rua, qual a importância de se aprender a ler, escrever, a fazer contas e ao mesmo tempo ver filmes, cantar, tocar, dançar, fazer grafite, jogar futebol, vôlei, nadar, trabalhar no campo e nos serviços internos? (contextualização)
2. Qual o direito que a criança e o adolescente tem como cidadão? (cidadania)
3. Você é ajudado a escolher quando, como e o que realizar nas atividades? (Descentralização)
4. Se você tivesse de dizer algo para um menino (a) da sua idade... O que você diria em relação as atividades realizadas no Centro de Formação?(Pedagogia dialógica)
5. O que esta instituição representa pra você e o que mais sente falta, agora? (equidade)
6. Você é sempre convidado a participar de atividades onde precisa ajudar muito aos outros realizar tarefas?(Diversidade)
7. O que percebeu de melhor em você após sua passagem pela instituição?(avaliação continuada)
8. O que seria preciso para você não ir mais para a rua e/ou se livrar das drogas? (visão sistêmica)

APÊNDICE 2

ÍTEGRA DOS DEPOIMENTOS DOS SUJEITOS

PESQUISADOS

SUJEITOS DO GRUPO I - CFCMPS

SUJEITO Nº 1

[...] a família não me aceita... Eu não vivia na rua porque estava na Casa de Acolhida e no Centro Margarida que me encaminhou para a escola onde eu tirei notas muito boas e me saí bem na sala de aula. Quero ser advogado. Todos merecem apoio social, e têm deveres e direitos [...] O adolescente tem todos os direitos que o cidadão. Concordo com a lei: temos direitos ao lar, praticar esportes, alimentação, segurança... [...]

Tenho uma boa relação com os professores e todo o pessoal. Quis estudar, apenas gostaria de fazer informática... ter oportunidade de mais experiência. [...] Lá não tem oficina de teatro, porque eu tenho muita timidez e queria perdê-la [...] Eu nunca havia pintado, desenhado... Foi muito bom. Os educadores me tratavam com respeito e me elogiavam muito. Passei a acreditar mais em mim e voltei para a escola. Fiz judô. Fui levado pra fazer exames médicos. Me senti tratado bem [...]

SUJEITO Nº 2

A minha família não quer que eu volte pra casa e lá na cidade, to jurado de morte. Tô precisando de trabalho e não tenho meio de vida. Por isso é que os caba roubam por aí. O que complica é ficar junto na sala com os trombadas que não sabe nada e o meu tempo é curto, porque to quase de maior e não sei como é que vai ficar.

[...] no momento estou precisando de um curso profissionalizante [...] Porque daqui a nove dias estou ficando de maior [...] fui convidado para participar do Judô e gostei muito [...]. Só que a galera do CFCMPS foi lá fazer uma visita e um deles deu mancada (furtou o celular do professor de Judô Felipe) e por isso perdemos a chance [...]

A rua não é vida pra ninguém. [...] Seja o meio de vida que for, agarre que num é fácil ser respeitado como cidadão [...] Eu sei fazer artesanato com origâme, confecção e o que der o cara pega [...] Eu queria uma última chance pra eu porque já faltava pouco pra eu ficar de maior [...]

Onde mora minha mãe, os cara queriam me matar, porque eu me meti numas paradas e num reparti a grana com eles... Quando cheguei na casa de passagem e me mandaram pra o CFCMPS, achei que as coisas iam mudar. Vi muitas atividades e as tias me tratavam bem. Os tios foram bem legais. Pensei em mudar de vida. Mas não foi bem assim que aconteceu... Depois notei que só tavam desconfiando de mim. Que queriam mesmo era que eu fosse embora e eu já tava quase de maior... Minha vontade só não valia nada... Até que me expulsaram de lá por que completei dezoito anos... Aí fiquei dormindo na rua perto do conselho, às vezes até com os meninos que já eram meus amigos. Depois os home metendo o cacete de graça na gente (olha aqui como estou!) e eu tive que me meter nuns rolos de novo [...]

SUJEITO Nº 3

[...] Lá Jogava dama e batia bola... Só não gosto quando os outros dão em mim, porque batem muito Não quero nada é com a rua... Aqui os home (policiais) chegam com ignorância, já pegando pelo braço, jogando no carro e levando. Lá (no CFCMPS) a gente fica invocado porque tem muita bagunça. As portas quebradas. Os meninos com tiner, brigando [...] eu não aconselho ninguém a ficar na rua, porque a rua não tem nada a dar. Só sofrimento... Dor. As casas aqui são péssimas, porque os acolhidos fazem uma grande bagunça [...] Gosto de fazer as tarefas, jogar bola, ver filme... Só não gosto é das brigas!

[...] As vez aquilo lá é uma bagunça e não tem nada porque é tudo quebrado, sujo e a gente vai falar e ninguém liga e é sempre a mesma coisa [...] É Ruim, porque os caras batem neu e nunca ninguém faz nada. Sinto falta de minha família [...] A gente é chamado pelas tias a participar. As vez num dá certo porque os cara são muito bagunceiro e, gostam de briga, outras vezes é legal pra gente, por que tem muita coisa pra fazer com todo mundo junto [...] [...] nada não... Eu queria ir pra escola e ta num canto diferente, onde os meninos não gritassem e não batessem em mim [...] [...] É tanta bagunça, tão péssima por que os acolhidos fazem o que querem e a gente já chega invocado no Centro [...]

SUJEITO Nº 4

Eu sou Moranguinho! [...] eu acho muito importante porque não quero só escrever e ler. Isso já faço! Quero desenvolver outras coisas. Mas aquilo lá não é escola (CFCMPS), não ensina porra nenhuma! Aquilo é um cabaré. [...] Acho que ninguém deve bater, nem humilhar ninguém... Este trabalho está errado porque estamos perdendo a nossa liberdade. Aqui não é escola [...]

Eu não acho que sou ajudada a nada nesse negócio, que pra mim não é nem escola, nem nada! Lá é uma merda!... Lá não tem aula de verdade... E os esportes são mais pra os meninos [...] que não presta. Não é legal. Os meninos e as meninas passam o dia, não é? Pois então, como é que a gente come? Tem um lugar certo ou fica com os pratos nas mãos derramando no chão? E depois, tem escova para lavar a boca? Tem sabonete ou toalha separada? Não tem. Tem? A gente já fica chateada... O que é que se aprende? A ser bicho? Ou querem só enganar o prefeito? [...] Ah... [...] ali eu já disse: É um cabaré!

Sinto falta de tudo porque ali é só pra enrolar. Sinto falta de uma escola, de minha mãe, maquiagem, roupa, sabonete, perfume e desodorante bom que nem ruim tem [...] Ah! [...] lá não tinha atividades de escola mesmo, só ensinar as letras no meio de uma zoada danada; nem tinha algo que fosse também para as meninas, a não ser pintura... Mas mesmo assim muita confusão e não dava vontade de fazer nada. Ainda bem que não estou mais ali...

Estou sendo atendida por um grupo de pessoas evangélicas que são muito legais e que vão me adotar e eles são bem organizados [...] as melhoras que eu tive não foram por causa da escola. Não lembro de coisas muito legais não, hoje estou bem porque um outro grupo de pessoas evangélicas está cuidando de mim [...] [...] que haja um trabalho certo, para que o pessoal crie juízo e não saia por ai a fazer

besteira. Que quando sair voltem para as famílias ou pra lugar melhor, porque eu não preciso mais de lá!

SUJEITO Nº 5

[...] bom. Pra lá serve pra gente saber escrever o nome. Sei lá?! Brincar com os boy, ver filme, pegar um ranginho esperto. [...] Lá a gente estuda e aprende mais [...] Às vez é legal sim, as vez não... Depende da tia e do tio... Mas aqui às vez fica muito morgado tio... Fica mandando a gente pra fazer dever e nem pergunta se a gente ta afim ou não e pegando no pé da gente [...] [...] Não é pra ficar na rua, porque não tem futuro. Não ta pedindo, nem roubar. Vale a pena não... É melhor ficar lá na escola que come e joga bola [...] não... Num fazia nada não tio... As veze a gente via filme, fazia tarefa, o nome, pintava, brincava de bola [...] com os cara maior e c'uns pequeno [...]

[...] Oxente... sei lá! melhorou carai nenhum. A gente não faz prova [...] (risadas) [...] sei lá tio. Queria que seja bom e que os tios seja legais; que dê roupa e tudo... Converse com a gente e pa vê o que ta rolando... Eu gosto de ta na turma, mas tem coisa que não consigo... ai é melhor sair [...]

SUJEITO Nº 6

[...] sei não... Tanto faz... Qualquer coisa né? Ah! Quero lá saber! [...] **Comer, passear, tomar banho naquela piscina pôde... Fazer atividade e namorar...** [...] **Que nada tio! A gente é ajudada a porra nenhuma!... A diretora nem vem e quando chega ainda vai dizer o que é pra gente fazer... A gente só vê mais jogo e Gináqua pra os meninos.** Eles vão jogar bola e as menina vão tomar banho naquela piscina pôde? Eu não?! Eu jogo é merda ali [...] [...] eu num queria era tá pedindo no sinal... Num roubar os coroa... [...] como é que a gente faz... a gente só vê coisa mais pra os meninos que só quer pegar e comer a gente.

[...] **Ei tio!... os menino num liga pra isso nãao tio... Eles querem só encher a barriga e fazer a cabeça** [...] e eles tem a galera deles. Tá pensando... [...] **eu tava mais forte tio não precisava ta dando por aí, nem pedia esmola e nem roubar. Agora faço tudo de novo. Então não melhorou nada!** [...] [...] **As meninas precisam de mais coisas que esquecem... Pasta de dente, escova, pente, perfume, toalha, sabonete...** Num é só comer. É roupa, batom, um passeio legal... Ir ao salão, cinema, praia, festa, piquenique. Mas sem os moleque que ficam só frescando e fazendo sacanagem [...]

SUJEITO Nº 7

[...] A gente só fazia era brincar mermo... E eu saí porque eu quis... [...] não ficar aqui na rua, porque não tem futuro... Esse governo não ta fazendo nada... Porque é que tem tanto véi na rua? A gente tem mermo é que roubá [...] Ninguém é besta não tio!.. Quem ajuda a ladrão tio? Que nada... Tem futuro não... Os tio lá devem querer só tapiá. Porque é que num bota todo mundo na escola? Ah! lá tem

escolha tio? Eu quero, uma casa, um carro, todo tipo de comida, roupa e tudo... Tem um real aí?

Pra fazer o que os tio mandam [...] Não dar mancada, não pular o muro, não pegar as boysinhas, nem entrar com tiner, não bater, nem quebrar nada lá dentro [...] lá é uma Escola... mas que os boy fica mermo é só zuando e o que o cara precisa é estudo tio... e tudo que os outro tem [...] [...] tô na rua tio... Vim do interior e num sei como é que vai ficar... Cadê os home que num bota escola que preste pra gente? [...] a gente vai ajudar quem se a gente tem que ficar pedindo e roubando? Roubando mermo... É! Tem que se virá [...] [...] não tive lá ainda não, mas acho que vai ser bom pra mim. Estudá e fazê outras coisas, como jogar e desenhar [...] [...] eu indo pra lá eu não saio porque não vou precisar pedir, nem roubá. Mas o que a gente precisa é aprender uma coisa que quando fique de maior...

SUJEITO Nº 8

[...] de aprender e passar o tempo fazendo um bucado de coisas pra um dia a gente ser gente né? Ir pro Gináqua. Mas a gente queria fazer umas tarefas e a professora faltava, o fessor de arte só colocava filme, a diretora ninguém via lá! [...] jogá bola, mas a trave ta quebrada... Computadô, só que os negócio num presta... Piscina, que fede pra burro!

Gosto de futebol, filme, andar na besta, dever... Muitas vezes não. Sei lá. É bom lá, mas se der mancada, dá confusão e os cara quebram tudo pra botar moral. Mas num vale a pena não, não. Não querem saber quem tem razão. Fica só enchendo o saco da gente...Tudo junto vale mais a pena, fazer outras coisas [...]Lugar de aprender as coisas. Pra comer, assistir filme e depois era pra gente voltar direitinho pra casa [...]

A gente ia passear com os tio lá na praça da independência... também pra piscina sem os tios e as tias saberem, porque era muito suja. Lá a gente brincava tudim! Uns as vez fugia...Lá as vez a gente aprende... Mas depois esquece.

Num vale a pena a rua, porque faz uma coisa e outra não, aí num presta [...]

[...] sei lá. Tanto faz, lá ou na rua o que vale mermo é a gente se virar. É ser mala. O que era bom era se a gente fosse pra escola pra fazer prova e tudo. No CFCMPS quase num tem dever e a gente fica vendo a merma coisa [...] [...] se tivesse uma família, escola... A rua num vale a pena não tio, os home (polícia) quando pega quebra a gente. Ó como eu to magro? É tiner... queria ir pra o médico e tudo [...]

SUJEITOS DO GRUPO II: INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS

SUJEITO Nº 1 DA FAZENDA HOPE:

Aqui na Fazenda da Esperança todos os recuperandos participam de todas as atividades, dependendo do seu desempenho. Eu já trabalhei na fabricação de detergentes, amaciantes e desinfetantes. Também passei pela cozinha, pela construção, e agora estou na horta. Logo quando eu cheguei eu trabalhava forçado,

mas depois com o tempo eu comecei a descobrir o sentido da minha vida que é o evangelho e daí tudo o que eu faço é por amor... No fim quando eu termino é com aquela alegria dentro de mim.

Os direitos e deveres de nós que estamos aqui se recuperando são muito importantes para nós que antes lá fora eu me sentia com muita liberdade pra fazer tudo que me dava vontade e por isso eu acho que vim cair nas drogas. E aqui a gente tem hora pra tudo[...] E o principal que nos segura aqui é o Evangelho de Jesus. Aqui tudo que eu faço eu vejo junto com os outros irmãos pra ter realmente a certeza de que pode dar certo. Sempre que eu me sinto fraco eu vou pra capela pedir forças pra Deus para que possa ver Jesus abandonado no próximo e amá-lo do jeito que ele é. Às 6h e 30m da manhã temos o terço e uma meditação sobre o evangelho do dia. No final do dia temos as 18h e 30m a troca de experiências que é como a gente conta como foi o dia da gente. Pode tirar frutos para passar para os outros irmãos. Todos os sábados temos a comunhão de alma que é para contar como foi sua semana na convivência na espiritualidade e trabalho.

Toda segunda-feira tem uma reunião com os coordenadores e eu faço parte dela. Aí a gente conversa sobre todos os recuperandos para saber quem tá com dificuldades, ajudar com um pouco das experiências que eu vivi e vivo. As atividades é trabalho de casa, dança, teatro, esportes, estudar... Ao realizar eu me sinto satisfeito por que isso é um grande aprendizado para o futuro. Eu diria que através das atividades que tem aqui eu passei a ser mais responsável, porque tudo tem hora. Tendo Jesus “em meio” nada é impossível. É Difícil, mas após a dor vem a alegria.

A Fazenda representa para mim um milagre de Deus, porque vivo aqui na fazenda há seis meses e o único remédio é o Evangelho. É viver o Evangelho que não é fácil. Mas eu já sofri o bastante lá fora e por isso mesmo, com as dificuldades aqui na Fazenda, depois eu vejo uma alegria dentro de mim. E antes minha alegria era passageira, só era alegre quando estava drogado e eu agora sou feliz vinte e quatro horas, mesmo com as dificuldades, eu sinto um pouco a falta da minha família. Quando eu tinha quase três meses de tempo aqui, eu botei na minha cabeça que na primeira visita que só com três meses eu ia embora. Mas quando eu vi a alegria da minha família nos olhos deles, me deu mais força para eu ficar. As atividades são muito boas... e ensinam coisas muito boas para minha vida. A vida de Jesus ajuda muito na nossa conversão e poderia recuperar ele das ruas.

Como eu sou coordenador, eu tenho que me lançar em tudo para poder dar exemplo pra eles. E eu vivo muito concentrado, porque o pouco que eu entendo do evangelho eu pratico. Os irmãos quando me chamam para desabafar e contar os problemas, eu posso ajudar com uma palavra de conforto e as barreiras que eu vivi e com a graça de Deus, consegui ultrapassar.

No começo, eu não entendia a fazenda. Todo mundo falava muito de amor! E pra mim amor só de mãe... Como é que eu podia amar uma casa com 23 homens? E só com dois (02) meses é que eu fui começando a entender como é que a gente vivia numa casa com vinte e três (23) homens... Tudo vindo do mundo das drogas e conseguia viver sem drogas e sem brigas... E o segredo de tudo é o evangelho... É ver o Jesus abandonado no irmão.

Eu estou com seis (06) meses e percebo pouco as minhas mudanças... Mas quem convive comigo percebe muitas mudanças em mim. Desde dum simples papel que eu apanho no chão à doação dum utensílio que eu gosto mais... Aprendi a ser obediente, a respeitar o próximo. Antes eu pensava que o meu futuro era cada vez

mais piorar... E agora eu já penso em terminar meus estudos, em fazer concursos e ser exemplo para a minha família. Porque eu aos catorze (14) anos de idade, bati a porta de casa e troquei minha família pelos amigos de rua. E fazia nove (09) anos que eu não via alegria no rosto da minha mãe. E eu quero passar o que aprendi aqui na fazenda. Ser um novo homem, com um novo estilo de vida que é através do evangelho de Jesus.

SUJEITO Nº1 DO GRUPO JOVENS

Meus direito é estudo e trabalhar... E mais é ter lazer e os deveres de respeitar e amar em qualquer circunstância. Sim, porque aqui é um lugar cristão. Porque em Nele (apontou para o alto), eu posso tomar decisão melhores. Sim. Às vezes temos escolhas. Eu me sacrificaria porque eu gosto de ver outras pessoas sendo transformadas por Deus.

Essa instituição representa muitas coisas boas. Como uma família de cidadãos de bem. Eu considero um milagre ter encontrado esse lugar, porque aqui é um lugar bom. E se eu não estivesse aqui eu não sei o que seria de mim hoje. Sim. Porque as vezes trabalhamos em grupo. É uma união! Sim! Porque no dia a dia mais demonstramos ser cristãos, não só na fala mais nas atitudes. Eu percebi que quando eu cheguei eu era uma pessoa do mal e hoje sou uma pessoa do bem. Sim porque o mal que eu fazia hoje eu não faço mais... e o bem que eu não fazia, hoje eu faço!

Eu me percebo como cristão... porque em qualquer lugar, hoje eu posso ter uma atitude boa. Nós podemos nos ajudar e fazer um mundo melhor... porque Deus dá a capacidade para mudar o mundo. Sim. Quase todas as atividades precisamos uns dos outros. Graças a Deus eu tento passar o que de bom aprendi, penso em fazer uma faculdade, pois sei que com Deus tudo posso. Como amigo verdadeiro e sem máscara! Sim... O Reino de Deus é construído por novos cristãos. Por exemplo: Nós que éramos excluídos, hoje somos embaixadores da esperança!

SUJEITO Nº 2 DA FAZENDA HOPE

Fazemos aqui de tudo um pouco... Trabalho no campo, na cozinha, harmonia, jardim, e também produzimos alimentos e produtos de limpeza. Realmente é um pouco diferente... Mas eu me sinto muito bem ao realizar todas essas funções, principalmente, quando comecei a receber a eucaristia. Os nossos deveres é rezar o terço todos os dias e trabalhar seja qual for a função e ajudar um ao outro. É claro, porque o que faz nós estar aqui é o amor de Deus por nós. Sim. Como eu sou um dos coordenadores, nós nos reunimos aqui uma vez por semana para colocarmos algumas coisas em prática. Se lembrarmos do sofrimento de Jesus, podemos ensinar tudo com mais amor.

Com certeza eu diria que tudo que passamos aqui não chega nem aos pés do que Jesus sofreu... Hoje eu sei, que aqui pude encontrar, ou melhor reconciliar com Deus! Realmente o que sinto muita falta é sobre a castidade... É muito difícil.... Aqui eu vejo um grande milagre de Deus na minha vida As minhas atitudes em relação ao próximo! Mas é claro que sinto um homem novo que agora habita em mim!

SUJEITO Nº 2 DO GRUPO JOVENS

Esta instituição representa a Casa de Deus que nos abre as portas. Me sinto coberto de ajuda dos irmãos da fazenda. [...] eu cheguei na fazenda praticamente morto... Mas estou ressuscitado como um homem de paz, capaz de ajudar a construir o Reino de Deus.

SUJEITO Nº3 DA FAZENDA HOPE

Faço todas as atividades. Considerando a minha história de vida, estou muito feliz com Deus, porque estou confiando que vou ser curado. Eu me sinto acobertado pelo Manto sagrado de Jesus para tomar melhores decisões! Me sinto forte para recomeçar. Para se tornar um novo Homem. Participo e faço qualquer sacrifício para aprender e ensinar, lembrando da coroa de espinhos aos meus irmãos daqui... Porque amo a Deus. [...] lembraria de falar de Deus e do que estou aprendendo.

SUJEITO Nº 3 DO GRUPO JOVENS

Eu dizia parábolas de Jesus pra ele... Ajudaria ele para ele aprender [...] Tenho ajudado muito aqui e eu me sinto muito bem. É bom porque nós aprendemos... Eu tenho fé em Jesus... Tenho meus deveres (trabalhos e estudos). Mas, também direitos de ver nossa família. Tenho lazeres, como assistir TV, jogar bola, sair com alguns obreiros. As vezes eu participo, porque obedeço mais... Pensei que não ia ser bom... Mas eu sinto como fosse começar a minha vida. Uma nova vida para Jesus Cristo. Eu me sinto um cristão na sociedade. Filho e irmão!

SUJEITO Nº4 DA FAZENDA HOPE

Tenho a responsabilidade de uma casa (fazenda) em minhas mãos, no seguinte termo: de manter a ordem, ajudar essas pessoas com minha experiência de vida, ajudando assim, a mim também. Me sinto uma pessoa mais madura ao efetuar tarefas que me são dadas. É a única coisa que faz sentido fazer para Deus. O de comandar uma casa. Sou responsável pela divisão de tarefas e me fazer família com todos para que todos se sintam amados e vejam uma diferença em ser diferente. Temos entre nós o costume de ver tudo junto com responsáveis. E ver o que seria melhor para todos e para o meu crescimento.

Nossa vida é viver em função do outro e por isso fazemos muitas experiências, como dar uma roupa a um irmão, lavar a roupa dele, ajudar ele em seu serviço, uma palavra de conforto e se doar por ele. Tenho muitas vezes despertado o lado humano que há muito tempo eu havia perdido nas drogas. Encontrei um prazer maior que a droga, pois a fazenda foi e é muito importante para o meu amadurecimento e para levar uma nova vida... Me percebo muito diferente, mas

percebo que posso aceitar mais os outros como eles são e tentar me converter a cada dia mais para ter um mundo mais justo fazendo a minha parte.

SUJEITO Nº 4 DO GRUPO JOVENS

Participo da meditação. Depois laborterapia ocupacional e vou para escola e tenho aula de inglês e acho bom... Me sinto bem em realizar essas tarefas e minha fé em Jesus cresce muito nessa instituição. Tenho alguns direitos: são visitar a minha família no fim da semana e receber visita da minha família e sair se os líderes liberar. Sim! o sangue de Jesus que foi derramado na cruz me deu o manto sagrado e eu aceitei Jesus Cristo como salvador da minha vida!

Eu não escolho e não participo de todas as atividades que eu quero. Se o meu irmão estiver precisando de uma coisa e eu tiver mais de uma eu vou e dou. Eu diria... Nunca desista do seu objetivo! Siga em frente... E se tiver em situação de droga... Eu diria saia dessa vida! Contaria a Parábola do Filho Pródigo e outras parábolas... Hoje eu sou um Cidadão de bem e gosto de estudar e gosto de ter muitos amigos... Sim! O reino de Deus também está nesse lugar.

SUJEITO Nº 5 DA FAZENDA HOPE

Eu quando tava na fazenda trabalhava com construção e doceria e era uma coisa nova para mim por que eu não trabalhava e não gostava de trabalhar... Agora vou contar uma história da minha vida: um dia meu pai arranhou um emprego para mim pegar de 12h até 19h, mas quando dava 14h, 14h e 30m, eu ia embora porque pra mim era mais gostoso tá na rua porque lá eu tinha tudo o que queria, mulher, dinheiro, drogas e etc... Hoje eu me encontro em casa, pois já acabei meu tempo na fazenda. Ao chegar na Fazenda eu me encontrei com vários tipos de dificuldades, eu era uma pessoa muito difícil. Mas algo me fazia querer descobrir essa vida nova que as pessoas que me acolheram me falavam. E fui tentando e descobri a força, o Evangelho na minha vida, e daí foi muitas graças, pois, depois de muitas dificuldades, eu comecei a coordenar a Fazenda com mais duas pessoas.

E hoje em casa, eu não consigo mais viver a vida sedentária que eu levava antes de viver na Fazenda. Os deveres que tenho na Fazenda são: de obediência, de acolher o que o responsável me impõe, de poder abrir mão das minhas idéias e poder botar em prática as idéias dos irmãos. Agora eu vejo tudo com os coordenadores... Ajudo àqueles que têm dificuldade em cumprir os horários que são botados. Tudo que é realizado na Fazenda, os coordenadores juntos com o responsável, se senta e chega a uma conclusão. Faço sacrifício, porque eu aprendi que tudo que recebo é de graça e de graça tenho que dar. Que era difícil era... Mas que depois das dificuldades, vem a graça! Com certeza eu falaria porque eram histórias sábias que faz todo sentido...

O trabalho aqui representa um milagre, pois ela soube como me guiar... coisa que nem meus pais tinham mais paciência... Pois eles já tinham me botado pra fora de casa... pois todos os dias nos encontramos para uma troca de experiências. E todos os sábados fazemos comunhão de almas, onde dizemos como estamos com o *trabalho, a espiritualidade e a convivência*. Hoje eu sou mais calmo e tenho procurado escutar e entender os meus irmãos (TODOS). Com certeza, pois não

penso como antes. Sim! muitos jovens de hoje não quer saber de vida nova... só quer saber de modas e outras coisas como drogas, muitas mulheres e etc. Pois eu ponho em prática tudo aquilo que disse...

SUJEITO Nº 5 DO GRUPO JOVENS

Eu participo de muitas atividades como discipulado, aprendo com Jesus a perdoar nossos inimigos, por que Deus ensinou a amar aqueles que nos ofenderam. Eu também participo de trabalho como capinar, estrovengar, fazer plantação, como se limpar o quarto e a casa que mora. Sabendo que Jesus morreu na cruz pra nos salvar eu fico mais instigado pra trabalhar, se a gente trabalhar pensando Nele e com o coração limpo e pedindo perdão a Deus, nós seremos salvos porque Deus é Amor.

Esta instituição é bem simples. Nós temos reforço de inglês, aula de computação, um campo de futebol, uma quadra de basquete e vôlei, um refeitório grande. Nós acorda de seis da manhã e arrumamos o quarto até seis e meia. Tem que ta na hora certa do café: de sete horas. De Sete e meia no discipulado. De oito horas atividades até dez e meia. Depois tomar banho e de onze horas almoçar até onze e meia, porque de onze e quarenta o ônibus passa para levar à escola. Nós chega de seis horas para o jantar... Também a gente tem regalia para sair sozinho para João Pessoa, qualquer lugar... Tendo um comportamento bom nós podemos ter regalia.

Eu participo de ajudante de pedreiro, como fazer massa, pintura, arquiteto eletricitista, aula de informática tem alguns meses [...] Eu lembro de Jesus! Toda vez que eu vou em casa, eu falo sobre o meu testemunho para eles. Como é difícil, porque sem Jesus nós não somos nada... Eles ficam refletindo lá e quando vou lá eles ficam me perguntando como é que é. E eu digo que dois só briga quando dois quer. Eles dizem por que tu num sai de lá. Eu digo que não.

Sim! Tem um ditado: “Conhecer a Deus e fazer o conhecido”. Esta instituição representa uma família que nos dá abrigo para nós morarmos e aprender mais de Deus. Nos domingos, nós temos um mutirão. Nós se reúne pra limpar. Só sai depois que todos termina o trabalho. Sempre tem um que quer sair mais depressa. Sempre nos identifica quem é cristão pelo caráter e pela compreensão.

Eu mudei meu caráter! Eu roubava, fumava, bebia, fazia sempre coisas erradas. Agora eu não faço mais isso, porque Deus me livrou de todas essas coisas. Por isso eu agradeço a Deus. E mais: Eu renasci, de novo... Morri para o mundo... Nasci para Deus!... Nos consideramos uma família e amigos... Esse mundo precisa de paz por que Deus ama a paz ...

SUJEITO Nº 6 DA FAZENDA HOPE

Nessa instituição eu pratico o evangelho. Diferente de quando eu vivia na rua! Quando tava na rua eu era completamente ateu. Não acreditava em nada! [...] Até o dia em que não agüentei mais a vida que eu estava levando... Foi quando eu procurei ajuda e descobri a Fazenda. Aqui tudo é diferente do que eu vivenciei na rua. Aqui a vida é muito regrada nos horários. [...] Eu vi, e hoje tenho certeza que

Deus existe mesmo! Por que me esvaziei de mim mesmo. [...] Eu recebi tantas graças na minha vida que hoje tenho medo de traí-lo. Hoje ainda conheço pouco Deus, mas quero conhecê-lo mais e mais...

Antes eu sentia um prazer muito grande nas drogas... Mas era passageiro e o de Deus é eterno. Sou recuperando e estou me preparando para a coordenação da casa. Aqui a gente só toma decisões juntos e com Jesus "em meio". Eu participo dos planejamentos e sou uma peça muito importante aqui dentro. Eu tenho que dar exemplos. Fazer com que os mais novos sintam curiosidade de querer essa vida nova; não escolho nada, tudo é Deus que me guia e ilumina nesses passos. O meu sacrifício aqui dentro é o morrer das minhas vontades e fazer só a vontade de Deus. Claro, vivendo o evangelho de Jesus.

Todos os dias procuro ser um embaixador da esperança... Mostrando em atitudes que essa vida dá certo. Por aqui a vida não é lá muito fácil. Você tem que seguir as regras da instituição. e obedecer e com isso vem o crescimento. É claro que falo das histórias de Jesus que meditamos diariamente, trocando experiências em cima da palavra.

Estou tão interessado e em pleno amor com essa instituição que larguei tudo , para viver esse momento, ou seja, o momento presente. Deixei tudo o que eu tinha para traz, para essa vida nova. Por isso não sinto falta de quase nada. Alguma saudade dos filhos, mas entreguei tudo a Deus. Considerando o que eu era antes... É uma milagre! Só Deus mesmo! Participo de todas as atividades: Desde o trabalho, a espiritualidade e a convivência e o lazer. Tudo é feito em comum, ou seja, juntos! No começo não... Porque ainda estava carregado de coisas ruins! Por exemplo: malandragens, gírias, palavrões e etc. E ainda muito debilitado por conta das drogas... Hoje sou uma outra pessoa! Um homem novo de verdade! E com muita sede de viver e recuperar o tempo perdido! Sim! Vou provocar muita curiosidade lá fora... Serei até motivo de deboches para alguns, mas com a fé que tenho hoje, vou entrar pra mostrar que é possível ter uma vida de paz e amor no mundo em que vivemos hoje. Hoje acredito que encontramos a paz e a liberdade dentro de nós mesmos.

SUJEITO Nº 6 DO GRUPO JOVENS

Eu participo de um grupo de danças. Trabalho, às vezes eu faço artesanato e bijuteria. Eu me sinto muito feliz por que é uma coisa que estou fazendo para Deus e não para os homens. A Fé em Cristo tem me ajudado porque eu sou uma *nova criatura*.

Meus direitos são acordar cedo, participar das meditações. Ter respeito com meus amigos e ajudar as crianças que vêm morar aqui. As que vêm da rua, falar sobre Jesus Cristo para que eu não venha se contaminar com as coisas que elas vêm trazendo da rua. Às vez eu me sinto muito acobertado pelas pessoas que nos dá muitos conselhos e nós se anima muito. Aí eu tomo minha decisão certa que é preciso tomar.

Eu participo quando é pra planejar algo que tem que ser junto. Quando é pra fazer uma atividade e outras coisas. Eu tenho certeza de minha salvação e me sacrificaria pelos meus irmãos e ensinaria tudo que eu aprendi e tudo que eu fiz de bom para os meus irmãos amados.

Se eu encontrasse um amigo da minha idade?... Eu diria que moro num lugar maravilhoso! Que muitas crianças gostariam de estar lá... Dizia que é muito bom! Eu diria que existe uma pessoa que pode mudar a vida dele e falava tudo sobre Jesus, que ele morreu na cruz por todos nós e levou sobre si todos os nossos pecados. Dizia que Jesus fez muitos milagres para as pessoas.

Esta instituição representa uma grande família para mim. É um lugar de Deus para todos. Um lugar que Deus preparou. Eu sinto mais falta é dos meus pais carnis, das pessoas e dos obreiros que já morou conosco. Eu considero um grande milagre conhecer esta instituição. Então, quando nós vamos para as ruas pregar o evangelho para as adolescentes que estão nas ruas a fumar, pegando drogas, roubando. Eu ajudo muito nessas áreas.

Eu percebo que depois que eu cheguei nesta instituição eu mudei muito para melhor... Sinto porque antes eu era uma pessoa que roubava, cheirava drogas. Hoje eu não faço mais isso. Hoje eu sou uma nova vida. Há uma grande diferença em mim por que eu não posso ser um filho, estudante... Sem ter Deus no coração. Eu tenho que ser uma fase só e não várias fases. Quando me entrego a Deus aí tenho paz como antes não tinha.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 7 DA FAZENDA HOPE

Aqui eu faço todo tipo de atividade que me pedirem pra fazer! No momento eu sou o [reponsável pela] harmonia da casa, ou seja, sou responsável pela limpeza geral da casa, mas também posso ir pra horta ou pro jardim, ou pro machado ou pra enxada. [...] faço tudo com amor porque sei que Deus não vai medir a perfeição do que eu faço, mas o quanto eu me esforço para realizar.

Em relação à fé que eu tenho em Jesus... Tem me ajudado bastante. Eu vou confessar que passei a acreditar Nele depois que vim pra cá. Sinto uma enorme vontade de me aprofundar em todas as coisas que me ensinam aqui, pois agora eu sou sóbrio e posso perceber que perdi muito tempo como drogado. Adquiri conhecimento na prática, pra dizer que não presta e, assim, ajudar outras pessoas. Os deveres são inúmeros [...]. Mas a instituição nos dá o direito a ser feliz, direito de se aproximar, e no meu caso, de conhecer a Jesus [...] Percebo claramente, desde quando entrei aqui, a influência de Jesus em quase todos os meus atos. E por isso posso dizer que me sinto acobertado pelo Manto Sagrado de Jesus. Eu não participo nem tão pouco tenho escolhas aqui... Temos que acatar tudo que nos pedem. Temos sim, é que nos espelhar em Jesus! Em todo seu sofrimento quando carregou a cruz, e nós mesmos termos consciência que para chegarmos a Deus temos que abraçar nossas cruces.

Em relação a se sacrificar pelo irmão, eu confesso que ainda não estou pronto. Mas, tenho vontade e vou me esforçar para alcançar esse estágio, porque nem tudo que aprendo na teoria consigo fazer na prática, mas tenho fé que vou conseguir. Vou dizer a verdade: aqui na fazenda não tem quase lazer, nem facilidades, que é um enorme teste em relação a fé que se tem em Deus. Que a Fazenda além de ser um local para se livrar das drogas, é também um lugar onde se tem a chance de se criar grande intimidade com Deus. Em relação às Parábolas e histórias de Jesus... Falaria do evangelho se notasse interesse na pessoa, porque o amor não pode ser forçado e, sim, retribuído. Pra mim, o Manto Sagrado de Jesus na Fazenda é como se fosse uma segunda maternidade na minha vida... porque

aqui estou nascendo outra vez... Aqui estou tendo a chance de me arrepender dos meus pecados. O quanto fomos desunidos e como estamos errados quando vivemos desta forma.

Não acredito em coincidências... Acho que Deus tem um plano na vida de cada um... Ele nos dá as ferramentas, cabe a nós usa-las ou não. Sinto falta de minha mãe, mas sou consciente que este ano que vou passar aqui, é um ano de conquistas e não de perdas. Diferentemente dos quinze anos em que vivi nas drogas. ajudar os irmãos... se isso é ser cristão, estou no caminho certo. Lá fora eu era o oposto do que sou aqui... Era um cara ignorante, egoísta, totalmente sem escrúpulos. Era envolvido com diversas coisas erradas e não estava nem aí com os outros. Aqui eu me importo com todo o mundo. Sou calmo e procuro ser compreensivo com os irmãos. Viver em união traz muitos ensinamentos, mas tem que ter Deus, se não vira uma bagunça total.. Me sinto um homem novo com certeza.

Diante da sociedade eu era apenas um número de estatística. Mais um bandido. Mais um viciado. Mais um ladrão. Mais um assassino. As vezes, mais um eleitor, enfim, apenas mais um. Como filho, eu fui um péssimo filho. Decepcionei inúmeras vezes minha família., principalmente, minha mãe. Como estudante me daria uma nota 5,0, por que sempre passei me arrastando. E como amigo, eu era para muitos, considerado legal, e para outros, um safado. No entanto, depois da droga, passei a ser um cara mercenário, que só se aproximava das pessoas por aquilo que elas podiam oferecer... MAS, SE DEUS QUISER: Vou sair daqui como um homem benquisto na sociedade. Um filho super amoroso. Um estudante exemplar. E um grande amigo, desses que se pode contar a qualquer hora. Para se ter um novo mundo é preciso que as pessoas tenham vontade de ter Deus dentro de si.. Enquanto os homens se matarem por domínios de territórios, por dinheiro, por religião... estaremos longe de uma vida ideal. Enquanto nossos jovens usarem drogas, os presidiários forem tratados como animais dentro de um zoológico. Enquanto existirem preconceitos no mundo... não vai mudar nada. Veja aquelas pessoas morrendo de fome na África!... e vai perceber como o homem é egoísta. Veja o quanto se gasta na guerra!... e tudo fica mais claro. A mudança só depende de nós.

SUJEITO Nº7 DO GRUPO JOVENS

As atividades que eu pratico são lavar louça, catar folhas do chão, ciscar a base, varrer a casa. Limpar o refeitório onde nós comemos. E quando eu realizo essas tarefas eu me sinto alegre por terminar e saber que posso ser alguém na vida. E crendo em Jesus, eu tenho sido ajudado muito! O direito e o dever que eu tenho na instituição é... Eu posso ir visitar a minha família, praticar esportes, assistir TV, limpar meu quarto. Eu me sinto acobertado pelo Manto Sagrado de Jesus que é a sua mão para fazer todas as coisas.

Não . Eu não participo do planejamento porque nós não decidimos o que vamos fazer. Porque quem distribui as tarefas são os líderes. Mas eu me sacrificaria pelo meu irmão, como quem só tem dois copos d'água e eu com muita sede e tendo um companheiro comigo eu daria pra ele. Eu diria que faço minhas tarefas com muito amor. E que eu não trabalho para homens, mas para Jesus! E falaria de seu amor para o jovem! Aqui é um lugar bom e tranquilo... Sinto falta de um professor de futebol. E também acho um milagre achar o Grupo Jovens... Um lugar cristão.

Participamos de atividades coletivas constantemente. E temos várias chances de...

Sim. Eu e os outros trabalhamos sempre em grupo e realizamos a tarefa juntos. E me sinto muito bem ser visto como servidor de Jesus. O que melhorou em mim foi que antes de chegar a JOCUM eu era bagunceiro, desrespeitava todo o mundo. E agora eu sou mudado. Não faço mais essas coisas erradas. E agora eu me sinto muito bem como se tivesse nascido de novo. Eu me sinto o mesmo nos meus papéis na sociedade. O reino de Deus pode ser feito no nosso mundo se nós aceitarmos a Jesus e colocarmos a nossa frente o papel de servidor.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 8 DA FAZENDA HOPE

Eu trabalho na coordenação da fazenda, onde acompanho os jovens, faço a formação pedagógica, humana e espiritual, distribuindo atividades e responsabilidades entre os jovens provocando um comprometimento maior deles e organizo a parte administrativa como contabilidade e finanças. Pra mim, realizar essas atividades é devolver aquilo que recebi de graça na fazenda e que nunca poderei pagar que foi encontrar o sentido da vida, além de ser para mim a descoberta de uma vocação e a continuidade da busca pela santidade e da conversão diária. A minha fé em Jesus Cristo, tem sido a força motriz e àquilo que dá sentido ao trabalho, a convivência, e o manual do “homem novo”. Através da fé vivida, posso reencontrar a minha personalidade mais íntima, o próprio Cristo, que carrego e que nunca me abandona. Aquele que me corrige e que se faz presente nos irmãos, na eucaristia, na palavra e que fala dentro de mim. Tenho o dever de dar a vida por cada um que chega, de fazer “família” com todos; voluntários, visitantes, familiares e recuperandos. Tenho o dever de trabalhar, de dar bons exemplos, de ter uma vida coerente, de compreender, de criar com todos um clima em que o próprio Cristo místico se faça presente, de ser transparente na contabilidade, de dar testemunho da verdade, de ser casto, de respeitar a todos, de amar a todos, de comungar e fazer adorações, de estar limpo através de confissões, de não medir esforços pra que a obra cresça e gere vocações, de fazer tudo de forma gratuita. Tenho o direito de ser feliz e livre cumprindo todos os meus deveres. Tenho direito a férias, formar uma família na obra desde que eles compactuem com o mesmo ideal. Me sinto totalmente envolvido no manto sagrado, pois, é impossível com forças humanas transformar a vida de alguém. Experimento a graça divina todos os dias através da providência, da alegria no coração, da coragem de seguir diante as dificuldades. O manto de Jesus me revela mistérios divinos que me fazem compreender as barreiras que o humano sozinho não consegue ultrapassar e isso conduz a obra na tomada de decisões. Muitas vezes pensei em mandar um jovem que não estava muito aberto a proposta para casa, de repente aconteciam coisas como, não conseguir falar com a família, e percebia claramente o dedo de Deus, que é capaz de enxergar no outro a beleza que as diferenças escondem, de repente percebia que não era vontade de Deus o jovem ficava e se descobria sendo depois mais um a comigo levar a frente a comunidade.

Participo da tomada de decisões e juntamente com um grupo de coordenadores formado por jovens que estão se recuperando, decidimos com “Jesus em meio” a nós o melhor para cada situação. Assim, não prevalece a idéia de ninguém e podemos descobrir a vontade de Deus. Atualmente estamos dividindo as

tarefas e decisões, entre todos os jovens da fazenda, baseado nas cores do arco-íris que juntas formariam a luz, onde cada cor ganha um significado e assim a comunidade pode experimentar a luz, com todos os jovens da vida participando da tomada de decisões. Tenho procurado me sacrificar por cada um, isso ocorreu principalmente, quando deixei pra trás família, noiva, trabalho, faculdade e amigos para me dedicar ao trabalho voluntário na fazenda. Aqui procuro todos os dias após árduos dias de trabalho, estudar, pesquisar, meditar assuntos que venham enriquecer a minha descoberta e dos jovens de si próprio. Outro grande sacrifício tem sido abrir mão das minhas seguranças e vontades para mostrar aos jovens que é possível viver sem grandes regalias, conforto e experimentar a felicidade.

A fazenda tem uma meta, santificar seus membros, levar o máximo de pessoas ao paraíso. Com isso, apesar da fazenda trabalhar na recuperação de dependentes químicos, a recuperação não é o centro mas a transformação do homem através do encontro pessoal com o Cristo crucificado nas dores abraçadas, dando uma resposta de amor àquele que nos amou primeiro e “nele” ressuscitado fazendo brotar os frutos da vida evangélica. As atividades são baseadas num tripé: trabalho, onde coloco minha energia a disposição de todos, descobrindo meus dons e aprendendo a fazer tudo com amor, canalizando minha jovialidade e equilibrando minha sexualidade. A espiritualidade como base de vida nova e “bússola” nas tempestades da vida, aberto ao diálogo ecumênico e disposto a amar a todos e não ver nas diferenças religiosas uma barreira. A convivência como instrumento de vivência da fé, na doação ao outro, no amor recíproco e na descoberta de mim mesmo. A grande pedagogia da fazenda se dá na vivência desses três pontos, onde constantemente os jovens se encontram para partilhar como puderam viver sua fé, guiados pelo evangelho e pelo amor ao próximo, inspirados na vida de Jesus e suas lições que nos ensinam o caminho a ser percorrido.

A fazenda é minha casa, minha família e a vocação que Deus me deu para descobri-lo. É o instrumento de Deus para mergulhar no seu mistério. Sinto falta de mais pessoas que partilhem do mesmo ideal. Um grande milagre, com 20 anos tive uma overdose e tentando voltar pra casa, desmaiei no meio de uma rua escura de madrugada, comecei a espumar e me debater no chão. Pessoas que passavam, me pegaram e descobrindo minha casa me levaram até minha família que chorava angustiada. Passei dois dias apagado e quando acordei, sentia fortes dores por todo o corpo e muita fraqueza. Algo dentro de mim no meio de todo o sofrimento falou: Vai pra fazenda! Não sabia como funcionava, apenas tinha ouvido falar, mas mesmo assim fui pra fazenda que ficava em outra cidade e cheguei no escritório subindo as escadas de quatro, pois estava muito fraco e ainda totalmente dopado. Dois dias depois entraria na fazenda, onde através de muitas dificuldade e amor dos outros pude descobrir o “eu” que habitava em mim e que sem saber eu matava pela vida negativa que levava. Sai após mais de um ano na fazenda, voltei pra mesma cidade, cheio de inimigos, separando brigas de faca entre meu irmão e meu pai, enfrentando o desemprego, o preconceito e as dificuldades de me adaptar novamente aquele mundo. Me agarrei ao amor divino, ameí minha família como eles eram, procurando não julgar mas compreender e ter paciência. Arranjei um emprego e dei a vida lá, recebendo convite pra várias empresas.

Fiz faculdade de administração e depois comecei a namorar uma jovem que mal sabe o que é droga. Formei um grupo de jovens que havia se recuperado na fazenda e com eles pude levar outros jovens pra se recuperar, cuidar de doentes, ganhar respeito na sociedade através do testemunho, contribuir pra vários trabalhos

nessa área, dar palestras, organizar eventos de evangelização, visitar presídios, manicômios, asilos, portadores de HIV, moradores de rua, crianças abandonadas somente no intuito de amar o Cristo dentro de cada um. Após 2 anos e 6 meses, participei da abertura da fazenda na Paraíba e por amor a obra deixei tudo que tinha construído para trás. Hoje me dedico nesse estado há quase dois anos e pude participar na recuperação de vários jovens e em junho me casarei com aquela namorada que tinha fora da fazenda e como família continuaremos tocando a obra pelo resto das nossas vidas. Será que dá pra ter dúvidas desse milagre?

Percebi que posso ser determinado na vida nova como era quando queria me drogar. Descobri que posso perseverar sempre e recomeçar quando cair e isso virou uma qualidade. Descobri que posso perdoar meus inimigos e querer bem a todos. De melhor em mim eu acredito que seja a radicalidade de fazer o que acredito e a sede de sabedoria. Sem dúvidas, eu renasci e carrego em mim duas pessoas que formam um, a minha história com os traumas, decepções, dificuldades e limitações e o novo homem capaz de amar independente de qualquer coisa.

Como filho pude criar um novo clima no meu lar e descobri que os primeiro que deveria amar eram meus familiares mais próximos, mesmo distante me faço presente, pois, cuido dos que Deus me dá e ele cuida dos “meus”. Como namorado procuro ser fiel, respeitar, quebrar meu egoísmo e ir ao encontro dela partilhando idéias e tomando decisões juntos, além de procurar dedicar meu amor e procurar preservar nossa relação. Como amigo procuro dar a vida, ser verdadeiro e sincero. Não falar o que querem ouvir mas o que precisam. Não quero amizades humanas, cheio de respeitos humanos, mas relacionamentos que me ajudem a crescer e pautados na verdade. Com certeza a mudança do mundo começa por nós, numa frase judaica é comentado que se salvamos uma vida salvamos o mundo. Como resposta a minha fertilidade cristã procuro gerar vida. Acho que à medida em que nós cristãos nos amarmos o mundo acreditará e sofrerá transformações, pois, ofertaremos o próprio Cristo ressuscitado em nosso meio.

DISCURSO DO SUJEITO Nº 8 DO GRUPO JOVENS

A gente faz de tudo aqui: capina, extrovenga, cozinha, lava, arruma... Isso é chamado de terapia ocupacional. Tem que ter essas atividades pra ocupar nossa mente. Pra esquecer o mundo de besteira que eu fazia. Sim, por que eu não fazia nada lá fora e faço aqui dentro por que quero mudar de vida e só to conseguindo por que Jesus Cristo está aqui em JOVENS e comigo.

Primeiro de tudo: respeito e obediência. De segunda a sábado tem trabalho. Domingo é folga. Todo o dia tem leitura da bíblia (discipulado). Depois trabalho (terapia ocupacional) e também tem os horários de alimentação: Café - 7h; Almoço – 12h; Jantar – 18h, com 15min de tolerância. [...] Se não fosse o Senhor Jesus já tinha ido embora. Se fosse da minha vontade já tava na rua, mas não é do nosso jeito... É do jeito que o Senhor quer... e Ele quer o melhor pra nós.

Eu procuro fazer tudo o que mandam. Faço como posso. Não me mato porque to aqui pra mudar de vida, não pra me matar. O coordenador nos dá o trabalho de acordo com a obediência e busca da pessoa. Rapaz, eu não iria morrer pelos meus amigos, mas sempre dar uma palavra de Deus para eles, como faço aqui dentro pros novatos.

Rapaz... Aqui é um lugar bom, adequado para quem quer mudar de vida e quem quer conhecer a Jesus Cristo, o amor que Ele tem por nós. Sim... Eu falaria do Evangelho e das Parábolas porque aprendi uma coisa: Ide e onde for pregai o Evangelho a toda criatura.

Ela tem me ajudado muito e cada dia mais! Tem me ajudado a conhecer a palavra do sempre Jesus Cristo. Sentia falta de minha família, mas já superei. Quando cheguei aqui, só depois de quinze dias tive visita e só depois do primeiro mês que pude ir em casa, porque a coordenação viu que eu tava querendo mudança.. Aqui é um milagre porque até a minha família já dizia que eu não tinha mais jeito... Mas o meu Deus é o Deus que move montanhas e hoje eu to recuperando a minha família pra honra e glória do Senhor Jesus. Jocum é um plano de Deus na minha vida!

Eu procuro fazer o possível e o impossível. Mas tem uns boy aqui que tira a gente do sério. Mas o cara tem que se ligar pra não perder a bênção (...) Descobri que não preciso de drogas para viver! Que sou um menino bom! E que tenho Deus no coração! Com certeza quando entrei na JOVENS, entrei com um pensamento de mudança... Mas não tenho que mudar para minha família, nem pra ninguém... Tenho que mudar pra Deus e pra mim mesmo. Tudo se fez novo em nome de Jesus!

Onde quer que eu for vou falar do nome de Jesus Cristo pra quem não conhece. Seja dentro da minha família, com os meus amigos e na sociedade. Sim, quando sair daqui vou buscar os meus amigos que usava droga comigo